

ros, e um dos mais conspícuos críticos de artes plásticas, tendências estéticas que cedo apontaram no acadêmico, feito poeta e jornalista. Nesta Casa se afez ao estudo da língua materna, aqui se entranhou de amor à religião de seus pais, e aqui se fez devoto à monarquia e à augusta pessoa do imperador.

Foi portanto muito natural que, ao escolher uma profissão, pensasse no Colégio Pedro II, onde, depois de dois concursos, conquistou a cadeira de Português, Matemática e Geografia, em 1873.

Mas Laet não podia limitar-se à vida serena de professor e intelectual. Era homem para grandes embates. Fez-se jornalista militante e, com peregrino talento entrou a zurzir os falsos valores que o cercavam. Fez-se político, e foi sufragado por quantos viam nele uma fiança da salvação social.

Monarquista que era, o político não quis servir à República. Pelo contrário, o jornalista julgou necessário declarar-lhe guerra, tanto mais que o católico lhe não perdoava o laicismo.

Presentindo a mudança de regime, Laet eristou contra os homens que solapavam o Império. E de tal modo foi contundente e combativo, que alguns jornais, lhe fecharam as portas. Proclamada a República, várias medidas drásticas foram tomadas contra o infatigável batalhador. Empastelaram-se os diários que lhe seguiam a orientação. Como ele não emudecesse, apearam-no da cátedra conseguida por concurso neste Educatório. Isso foi em 1890.

Carlos de Laet, porém, exacerbou-se. Como professor, foi acolhido pelo Colégio Aquino, pelo velhíssimo São Bento e pelo Seminário São José, e até obteve dar aulas na Escola Normal. Como jornalista aguçou-se-lhe o pendor sarcástico; e entrou a redigir folhetins na aparença inocentes, porém verrunantes. Assinou-se primeiro Cosme Peixoto; mas assim que ascendeu Prudente, ostentando um facciosismo incômodo passou a ser Cosme de Moraes.

Desde que a censura policial relaxava seu pouco, desembuçava-se o escritor, e surgia o atleta, de cimitarra em punho. Assim a agressão ao "general" Rui Barbosa, feita no "Brasil", órgão declaradamente católico e monarquista...

Na imprensa carioca, bem como na paulistana, logrou enxertar algumas diatribes. Viu-se ameaçado de morte. Teve de homiziar-se em São João del Rei, para resguardar da família, em 1891.

Data daí aquela deliciosa colaboração, mais tarde enfeixada em volume, a que chamou "Em Minas", colaboração tanto mais admirável quanto o sabemos então privado de sua biblioteca.

Serenada a refrega dos primeiros anos da República, quando era já esta uma instituição irrecoirível, viveu Laet ao magistério particular, e ao jornalismo. Recenceou o seu "Microscópio", e manteve extraordinárias polémicas. Mas nenhuma folha quis admitir-lhe as resoluções críticas políticas. Só em 1901 encontrou liberdade de pensamento no desabusado e sensacional "Correio da Manhã". Quanto ao retorno ao Pedro II, não lho foi consentido antes de 1915.

Reconhecido decano desta Casa, apesar do largo afastamento de cerca de vinte e cinco anos, foi feito automaticamente seu diretor com a demissão de Araújo Lima, e neste posto se conservou de 17 a 25, presidindo a ambas as Secções.

Não foi um serviço prestado à República, com a qual nunca pacificou. Laet servia à mocidade, em cujo espírito trabalhava; servia ao Colégio que, na feliz expressão de Escagnolle Dória, ele mesmo personalizava.

Impossível compendiar num rápido esboço a obra milionária de Carlos de Laet. Conhecem-se dele inúmeros artigos, que encheriam de sessenta a setenta grossos volumes, vasos sempre numa linguagem profundamente cintilante e vernácula, "dedicados à monarquia, à religião, às artes, ao ensino, à saúde pública, à política, à história, à língua pátria", e em todo caso, como observa Antônio J. Chediak, "à defesa do oprimido, à reprovação dos desmandos da nobreza, ao levantamento do merito rebaixado, ao rebaixamento da mediocridade levantada, com todas as armas que deparar-se podiam a privilegiado engenho humano, — o vinagre e o mel, a meiguice e o debique, a luva e o acínace, o beijo e o escarro, o sapo e as estrelas..."

Por ocasião de comemorar-se o centenário de nascimento de Carlos de Laet, fizeram-se vários estudos sobre a sua extraordinária personalidade. Tantas faces apresenta ela, — o que aliás se reflete nos diversos pseudônimos com que frequentava a imprensa — que os seus historiadores escolheram, à discrição, ora o professor compenetrado e zeloso, ora o jornalista farscante e temido; já o esteta dedicado à crítica de arte; já o conferencista encantador; quer o apóstolo devotado ao catolicismo, quer o monarquista combatente e sincero; agora o filólogo, agora o político; tanto o poeta, quanto o prosador....

Alguns — fazendo eco ao côro de detratores que em vida ele teve, e inúmeros os teve — alguns quiseram argüir-lo de inconseqüente e trêfego e até de duplicidade, porque não acabaram consigo compreender que num ser humano pudesse haver ao mesmo tempo atitudes não só diferentes, mas até diversas.

Que Laet não era um homem normal, é cousa fora de dúvida, tão certo é que foi um espírito de escol. Não havemos de medi-lo pelo gabarito da mediocridade; mas não façamos dele um doente exaltado.

Quem bem lhe definiu o caráter foi o meu ilustre confrade e amigo Henrique Ladgen, que dedicou feliz trabalho a demonstrar a grande unidade desse tipo raro, e que dificilmente podemos abarcar.

Laet era um idealista, e tinha a tempera de um cruzado. Mestre sábio e compenetrado, não tolerava a falsa, a improvisa ciência de alguns que o rodeavam. Artista — e o era, exímio — não suportava a impostura de certos exibidores de mostrengos e borrosos. Monarquista de convicção, não reconhecia nos republicanos autoridades morais que contrapusessem aos grandes valores do Império. Católico sincero e

veemente, era natural que quisesse obstar ao surto de ateísmo que a República propiciava, e sobretudo à propaganda protestante.

Não há senão harmonia entre os traços marcantes de sua personalidade. Ser professor de Português e ser escritor devia constituir até a regra geral. Ser artista e ser monarquista católico é comuníssimo. O que não é vulgar é viram essas qualidades aliadas ao espírito combativo. O que é raro é que o balalhador apresente, quando necessário, o carácter satírico, mordaz, escarinhado até à impiedade. Esse foi aliás o carácter que lhe não quiseram perdoar os contemporâneos, e a razão de o quererem intrigar muitos de seus críticos modernos.

Como judiciosamente observa Henrique Lâgden, "para ele a sábita foi agente terapêutico, especie de cirurgia com que operou sobre os homens e a parte putrefacta da sociedade de seu tempo". Um Volttaire católico e monarquista não procederia de outro modo, não escolheria outras armas para as suas pugnas contra a impostura official, e até contra o poder policial armado.

¿ Havemos de repreendê-lo se o achamos excessivamente acertado e navalhante? Seria o mesmo que reprochar ao soldado o estar apercebido de dardos aguçados, ou de trazer um gládio cortante e eficaz.

Muito ao contrário. ¿ Laet era inexcedível nas fornidações vertidas? Que grande era o Leat! ¿ Era inexpugnável nas callinárias? Como se nos afigura imenso! Que enorme vulto esse que Chediak nos esboçou através das setecentas páginas dos dois volumes de "Carlos de Laet, o Polemista"!

Decididamente contemplamos um dos mais avultados gigantes do nosso mundo literário. A sua obra constitui um dos mais eminentes monumentos que já se ergueram no Brasil à língua portuguesa. Foi o nosso grande vernaculista.

Disse uma vez o saudoso e sapientíssimo Pinheiro Domingues que, se de um naufrágio literário se salvasse a obra de Carlos de Laet, salva estaria na sua integridade a língua portuguesa do Brasil.

Algum dia a opinião pública exigirá que ela se consolide e avulte nas estantes de nossos estudiosos, para emparelhar com as do Rui, de Machado, e de Alencar.

Tem-se afirmado, desde a Antiguidade Clássica, que os grammaticos outra coisa não fazem que dissentir e brigar.

Laet muito polemicou, e ainda com os grammaticos: mas não como grammatico o fez. E eles, que o notaram, daqui tiraram razões para assa-lharem o seu atraso filológico. As suas rixas decorriam em geral da necessidade que ele sentia de defender a língua, e protestar contra ensinamentos cerebrinos, e que induziam a despauletados literários.

Protestou quando Lameira de Andrade, procurando resolver o problema da sincrise, adotou, sem discernimento, o critério estatístico, e erigiu os ante-clássicos em padrão de vernaculidade para os nossos tempos. ¿ Quid inde? perguntou Laet. ¿ Que critério esse, sem curar das circunstâncias que motivaram a anteposição ou posposição? ¿ Então se

ganhasse, por exemplo, a próclise, haveria de sempre ficar proclítico o pronome?"

Renheu com João Ribeiro, e lhe apontou alguns senões. ¿ E porque não, se este, declarando que detestava o Til, o Fausto Barreto, o Maximino, o Hemetério, e demais escritores que prosavam em joruba, ou em caçange gramatical, acrescentara: "Reservo-me apenas o direito de salvar o Laet, que é mau sujeito, mas é um escritor"? Ora, deste "mau sujeito" lhe doeu, e a reacção foi natural.

Bateu-se mais de uma vez com Castro Lopes, o latinista explicador de provérbios. Mas a coisa começou quando este, por um capricho desvairado, sustentou que a frase "mando acordar eles" não tinha erro, e muito menos erro grave. Compreende-se que tal distate lhe fizesse ferver o sangue.

Mediu-se com Alfredo Gomes, o grande catedrático da Escola Normal, principalmente porque achava inaceitáveis e até sem sentido algumas das suas definições grammaticas.

Alfinelou o Hemetério, o próprio Silva Ramos, e muitos outros. Entretanto, de todas as suas rugas um fato ressalta evidente: o profundo amor e respeito à língua em que se exprimia. Ele próprio o declara num dos embates com Castro Lopes, e quando lhe bacejou que este propugnava o surgimento de uma língua brasileira. Leia-mo-lo através do testemunho de Chediak:

Castro Lopes, "depois de ter prestado bons serviços à sintaxe nacional, muito a está prejudicando com seus escritos, em que patrocina erradas maneiras de dizer, e no espirito dos moços escritores inculca que são defensáveis alguns solecismos". Ficasse em definitivo assentada existência de duas escolas distintas, na questão de vernaculidade. Uma, a por que se bateu Araripe, chamada língua brasileira; outra a dos que, sem fazerem cabedal da introdução de indispensáveis neologismos, como succede em todo idioma, pretendem pela tradição literaria manter tanto quanto possível a linguagem portuguesa, tal como a admiramos nos grandes monumentos clássicos.

"A esta última me ufano de pertencer e, posto que incorretissimo escrevinhador, quando peço, não é conscientemente: logo que pela observação, própria ou alheia, vejo patente a trilha segura, por ela me enverdo sem nenhum receio ou falso pejo de confessar que até ali me achava transviado.

"A pretensão de construir idioma nosso pela sistemática estropliação do que possuímos por metade, sempre se me afigurou tão falsamente patiférica como a daqueles que se inculcam propugnadores da industria nacional só porque pleiteiam a pseudo-liberdade da falsificação dos vinhos. Não: o verdadeiro vinho é o de uva, assim como o genuino português é o de Camões, Bernardes, e Vieira, exatadamente o mesmo de Sousa Cardas, Santa Rita Durão, e Porto Alegre".

Carlos de Laet foi um varão de convicções profundas. Como todos os catedráticos de Português do Colégio Pedro II, sustentava a unidade

vemente, era natural que quisesse obstar ao surto de aleitismo que a República propiciava, e sobretudo à propaganda protestante.

Não há senão harmonia entre os traços marcantes de sua personalidade. Ser professor de Português e ser escritor devia constituir até a regra geral. Ser artista e ser monarquista católico é comuníssimo. O que não é vulgar é vir em essas qualidades aliadas, quando necessário, o tipo. O que é raro é que o batalhador apresente, quando necessário, o caráter satírico, mordaz, escarninho até à impiedade. Esse foi aliás o caráter que lhe não quisera perder os contemporâneos, e a razão de o quereem intrigar muitos de seus críticos modernos.

Como judiciosamente observa Henrique Lãgdem, "para ele a salúta foi agente terapêutico, espécie de cirurgia com que operou sobre os homens e a parte putrefacta da sociedade de seu tempo". Um Voltairre católico e monarquista não procederia de outro modo, não escolheria outras armas para as suas pugnas contra a impostura oficial, e até contra o poder policial armado.

¿ Havemos de repreendê-lo se o achamos excessivamente accrido e navalhante? Seria o mesmo que reprochar ao soldado o estar apercebido de dardos aguçados, ou de trazer um gládio cortante e eficaz.

Muito ao contrário. ¿ Laet era inexcusable nas fornidáveis verri-nas? Que grande era o Leat! ¿ Era inexpressável nas catinárias? Como se nos afigura imenso! Que enorme vulto esse que Chediak nos esboçou através das setecentas páginas dos dois volumes de "Carlos de Laet, o Polemista"!

Decididamente contemplamos um dos mais avultados gigantes do nosso mundo literário. A sua obra constitui um dos mais eminentes monumentos que já se ergueram no Brasil à língua portuguesa. Foi o nosso grande vernaculista.

Disse uma vez o saudoso e sapientíssimo Pinheiro Domingues que, se de um naufrágio literário se salvasse a obra de Carlos de Laet, salva-estaria na sua integridade a língua portuguesa do Brasil.

Alguns dia a opinião pública exigirá que ela se consolide e avulte nas estantes de nossos estudiosos, para emparelhar com as do Rui, de Machado, e de Alencar.

Tem-se affirmado, desde a Antiquidade Clássica, que os gramáticos outra coisa não fazem que dissenter e brigar.

Laet muito polemizou, e ainda com os gramáticos, mas não como gramático o fez. E eles, que o notaram, daqui tiraram razões para assa-lharem o seu atraso filológico. As suas rixas decorriam em geral da necessidade que ele sentia de defender a língua, e protestar contra ensinamentos cerceiros, e que induziriam a despauleiros litterários.

Protestou quando Lameira de Andrade, procurando resolver o problema da sinclise, adotou, sem discernimento, o critério estatístico, e erigiu os ante-clássicos em padrão de vernaculidade para os nossos tempos. ¿ Quid inde? perguntou Laet. ¿ Que critério esse, sem curar das circunstâncias que motivaram a anteposição ou postposição? ¿ Então se

ganhasse, por exemplo, a próclise, haveria de sempre ficar próclítico o pronome?"

Rebuiu com João Ribeiro, e lhe apontou alguns senões. ¿ E porque não, se este, declarando que detestava o Til, o Fausto Barreto, o Maximinho, o Hemelério, e demais escritores que prosaram em joruba, ou em caganço gramatical, acrescentara: "Reservo-me apenas o direito de salvar o Laet, que é mau sujeito, mas é um escritor"? Ora, deste "mau sujeito" lhe dou, e a reação foi natural.

Bateu-se mais de uma vez com Castro Lopes, o latinista explicador de provérbios. Mas a coisa começou quando este, por um capricho desvaivado, sustentou que a frase "mando acordar eles" não tinha erro, e muito menos erro grave. Compreende-se que tal dislate lhe fizesse ferver o sangue.

Mediu-se com Alfredo Gomes, o grande catedrático da Escola Normal, principalmente porque achava inaceitáveis e até sem sentido algumas das suas definições gramaticais.

Afinetou o Hemelério, o próprio Silva Ramos, e muitos outros. Entretanto, de tódas as suas rugas um fato resalta evidente: o profundo amor e respeito à língua em que se exprimia. Ele próprio o declara num dos embales com Castro Lopes, e quando lhe bacejou que este propugnava o surgimento de uma língua brasileira. Leia-mo-lo através do testemunho de Chediak:

Castro Lopes, "depois de ter prestado bons serviços à sintaxe nacional, muito a está prejudicando com seus escritos, em que patrocina erradas maneiras de dizer, e no espirito dos moços escritores incute que são defensáveis alguns solecismos". Ficasse em definitivo assentada existência de duas escolas distintas, na questão de vernaculidade. Uma, a por que se bateu Arraripe, chamada língua brasileira; outra a dos que, sem fazerem cabedal da introdução de indispensáveis neologismos, como sucede em todo idioma, pretendem pela tradição literária manter tanto quanto possível a linguagem portuguesa, tal como a admiramos nos grandes monumentos clássicos.

"A esta ultima me ufano de pertencer e, posto que incorretíssimo escrivinhador, quando peço, não é conscientemente: logo que pela observação, própria ou alheia, vejo patente a trilha segura, por ela me enveredo sem nenhum receio ou falso pejo de confessar que até ali me achava transviado.

"A pretensão de construir idioma nosso pela sistemática estropiação do que possuímos por metade, sempre se me afigurou tão falsamente patriótica como a daqueles que se inculcam propugnadores da industria nacional só porque pleiteiam a pseudo-liberdade da falsificação dos vinhos. Não: o verdadeiro vinho é o de uva, assim como o genuíno português é o de Camões, Bernardes, e Vieira, exatadamente o mesmo de Sousa Caldas, Santa Rita Durão, e Porto Alegre".

Carlos de Laet foi um varão de convicções profundas. Como todos os catedráticos de Português do Colégio Pedro II, sustentava a unidade

lingüística luso-brasileira, pontualmente quando o cientificismo, que muitos até hoje ostentam, começava a socavar essa convicção.

As ciências naturais tiveram no século XIX um surto espanholo. Em França, Inglaterra e alhures, houve sábios que, dotados de talento literário, divulgaram de modo instaurante, descobertas sensacionais, e sua literatura alcançou um público tão afeiçoado quanto a dos romancistas e poetas do melhor quilate.

Ora, o espírito positivo que preside a elas, e o hábito de experiências tão atraentes — introduziram entre os leitores o gosto da observação e da objetividade. Em pouco, outras manifestações não-científicas — como sejam a filosofia, as artes, a política, o direito — tiveram que alinhar pelo mesmo diapasão, se queriam estar na moda. Por toda parte surgiu uma atividade para-científica tão deslumbrante, que decerto perturbou os espíritos coevos.

Comte fundou a filosofia positiva, isto é: construiu seu sistema filosófico com dados e métodos científicos, sustentando que a vera filosofia não passava de resumo das ciências conhecidas.

Von Jhering não perdeu de vista os processos de Darwin, quando lançou a sua fulgurante monografia intitulada "O Combate pelo Direito" ("Der Kampf ums Recht").

Marx, no seu mago "Capital", e no "Manifesto", sustentando o materialismo histórico, não empreendeu outra coisa senão aplicar os princípios científicos do tempo na interpretação da história da civilização, e na evolução política do Estado capitalista. Apresentou o comunismo futuro não como consecutivo a um desejo ardente, mas como uma fatalidade histórica que a ciência revela ser inevitável.

Foi assim que Flaubert, a contragosto, ficou sendo pai do naturalismo literário. É que em sua arte se apontaram os processos científicos dominantes. Zoia, neste sentido, propunha como disciplina aos possíveis adeptos a "Introdução ao Estudo da Medicina Experimental", de Claude Bernard, com a só substituição do termo "médico" pelo de "artista".

Mas entre os discípulos diretos de Comte, houve três sábios e estilistas extraordinários, que levaram o cientificismo dos métodos positivos à Filosofia, e até — o que poderia parecer incrível — à religião, e à Crítica. Refiro-me a Littré, a Renan, e a Taine.

Se em 1875 Whitney ensaiava timidamente demonstrar a viabilidade dos métodos naturalísticos da filologia, com o estudo intitulado "A Vida da Linguagem", — Darmesteter lançou em 1886 o seu mui erudito opusculo "A Vida das Palavras", onde as tratou com o mesmo carinho e entusiasmo como faria mais tarde Maeterlinck com as abelhas, as "lógicas" de Fabre, e proclamando "Virgílio dos insetos".

Na introdução ao famoso livro, Darmesteter assegura textualmente: "Se há verdade banal hoje em dia, é que as línguas são organismos vivos, cuja vida, nem por ser de ordem puramente intelectual, é menos

real, e pode comparar-se à dos organismos do reino vegetal, ou do reino animal".

Este simples enunciado é a sua condenação. Se a vida das palavras é de ordem estritamente intelectual, já não é aquilo que entre animais e vegetais chamamos vida; aliás a ninguém ocorreria escrever uma linha para provar que a vida dos bois, ou dos cogumelos é mesmo vida.

Entretanto, o grande sábio francês, aferrado à sua idéia, respiga alguns casos favoráveis à tese. Surpreende certos vocábulos no nascedouro, e depois nas relações por assim dizer sociais, sem esquecer, é claro, o palpitante e momentoso problema da "concorrência vital". Depois lhes assiste à morte, por ações destrutivas de várias ordens.

Saltam as objeções que se podem fazer a essa vida sui-generis. Aparecer, relacionar-se, e desaparecer não é viver. Viver é precipuamente ter a possibilidade de subsistir na perpetuação da espécie. Demais, as palavras inventam-se, e até se ressuscitam, quando convém fazê-lo, e não consta que tais fatos se possam observar na vida realmente viva.

Aqui no Brasil temos pago o nosso tributo à mesma corrente de idéias. Aqui se fala em língua viva, e na vida da linguagem. Há os sábios de grossas lentes, que fignam palavras vivas para os seus estudos, e os que fazem cara desdenhosa a certas sintaxes reputadas cadavéricas e nauseabundas. Houve quem delendesse o princípio da evolução natural para a ortografia corrente!

Pois supponho ser exatamente esta concepção naturalística da linguagem o motivo remoto de andar por aí muita gente sustentando a existência de uma língua brasileira, ou já formada, ou em via de formar-se.

O raciocínio, por fácil, estava a brotar na cabeça de todos. O Latim, transplantado para as diversas províncias do Império Romano, desfez-se em diferentes línguas. Nasceu, cresceu, multiplicou-se por um fenómeno comparável y cissiparidade. Foi um processo "natural" de evolução. O Português, depois do período de expansão lusitana, vai repetir, ou está repetindo a mesma história...

Não. As línguas não tem vida, no sentido biológico da palavra. Sua vida aparente é mero reflexo de nossa vida interior. São instrumentos para a expressão de nossos pensamentos e sentimentos. Há exemplos ilustrativos disso. São instrumentos extremamente completos e delicados; porém, nada mais do que instrumentos de uso coletivo.

Como artificios, são creadas, ampliadas, restringidas, conforme as necessidades, interesses e possibilidades dos grupos que as utilizam. Reformam-se, fundem-se com outras, abandonam-se, sempre que os grupos o entendem necessário. Há exemplos ilustrativos disso.

Não me parece possível restabelecer a verdadeira história do Latim ao Português. Mas pode-se presumir que o Português provém não diretamente do Latim, por aquele processo natural apontado, senão de um caldeamento lingüístico, em que sem dúvida o elemento latino era o predominante.

Por outro lado, a história do Português no Brasil ainda tem seus pontos obscuros. Entretanto a nossa etnia, as condições locais, o momento histórico em que temos vivido, nada parece repetir o que passou em Portugal. Numa palavra: A história linguística de Portugal tem infinitas probabilidades de se não reproduzir no Brasil.

Nada justifica a presunção de que o Português, transportado para o Brasil, deva necessariamente vir a ser outra língua *amanhã*, quando de fato persiste em ser *hoje* a mesma.

E é força reconhecer que essa mesmidade se deve imensamente ao trabalho secular dos professores de Português do Colégio Pedro II, desde Joaquim Caetano da Silva.

Com o exemplo magistrat, Silva Ramos trabalhou denodadamente por expurgar de solecismos a linguagem de seus discípulos. Dominador da palavra escrita, candente e torrentoso, Lael, se constituiu modelo irresistível de várias gerações. Demais, de parceria com Fausto Barreto, nos legou essa "Antologia Nacional", obra clássica hoje atualizada e anotada superiormente pelo meu sábio mestre Daltrio Santos, e que não foi ainda superada.

José Otlicica, Quintinho do Vale e Clóvis Monteiro são — quem não sabe? — os grandes bastiões dessa grande obra, a que sou agora recebido.

Não prometo o mesmo rendimento de trabalho. Não no prometo porque sinto apoucados os meus recursos. Mas hei de empenhar-me quanto possa em zelar o patrimônio que me confiais.

*

Chegado o momento de encerrar esta alocução, não vos agradeço — prezados Confrades — a simpatia com que acompanhastes os trabalhos do meu concurso. Não é de boa ética dirigir agradecimentos a juizes — que em última análise o fostes de todos nós, candidatos e examinadores. Só tendes que prestar contas às vossas consciências.

Permiti, porém, que abra duas exceções para os operosos dirigentes desta grande Casa. Para Vandick Londres da Nóbrega, a cuja energia devo o se terem aberto as inscrições a concurso para as diversas cadeiras vagas, e que me deu a oportunidade por que tantos anos sonhei. E para Gildásio Amado, pela imparcialidade e elegância com que soube conduzir felizmente até final os árduos trabalhos que durante mais de um mês se processaram.

Ainda uma exceção: para George Sumner, que recebendo-me com palavras repassadas de amizade e até de carinho, e não apenas para mim senão que ainda para meus pais, teve o condão de transmitir esta sala que antes se me afigurava de torturas, em saão nobre que é, de festa e regozijo.

Eu consegui por fim o que queria!
Muito obrigado!

HISTÓRIA, CONCEITO E ENSINO (1)



O dia 25 de março de 1838, perante o Imperador, ainda menor, e as Princesas suas irmãs, estando presentes o regente do Império Pedro de Araújo Lima e o Ministério, composto de Bernardo de Vasconcelos, Miguel Calmon, Rodrigues Torres, Maciel Monteiro e Rego Barros e no meio de um numeroso concurso de cidadãos reitou, apesar da cruel paralisia que sofria, Bernardo Pereira de Vasconcelos, um formoso discurso e entregou ao reitor, bispo de Anemúria, o regulamento, dizendo essas proféticas palavras:

"Anima sobre tudo a certeza da poderosa proteção do príncipe, cujo nome honra esta instituição e cuja generosidade para com ela gosto e aplicação afixam que o culto das letras e das ciências será um dos principais títulos de glória do seu reinado".

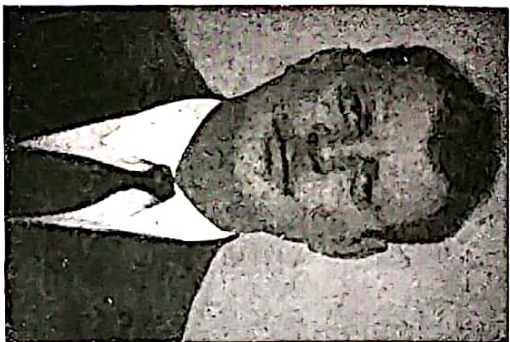
Iniciados assim os trabalhos escolares tomou-se praxe, neste educandário, a solenidade da abertura do curso, em que veio a ser depois, norma fazer-se ouvir um dos professores desta instituição, na oportunidade a primeira e única inscrita, em natural reconhecimento, por seus incontáveis e valiosos serviços na ordem nacional do mérito.

Designado pelo ilustre presidente da colenda congregação e diretor do Externato, o catedrático Gildásio Amado, cabe-me profereir a lição inaugural, do presente ano letivo, discorrendo a respeito do seguinte tema: História: Conceito e ensino.

Na etimologia das duas palavras "História" do grego, "Historia" que significa pesquisa, investigação, informação e "Geschichte" do alemão "Geschichten", que expressou acontecer, suceder, podem ser anotados dois pontos de vista diversos, em relação ao passado.

PROF. ROBERTO ACCIOLI

Ambas elas são hoje usadas em duplo sentido: objetivo e subjetivo, tendo a forma grego-latina passado por uma evolução contrária à germinativa partindo da qualificação subjetiva para a objetiva.



(1) Aula inaugural proferida pelo catedrático de História Geral e do Brasil, do Colégio Pedro II, Dr. Roberto Bandedra Accioli, que durante algum tempo exerceu a cátedra no Internato.

Ber e Fehvre consideram que um dos termos denota aspecto mais intuitivo e o outro maior tendência crítica. Antes da segunda metade do século XIX, a História era considerada como um gênero literário.

Mantinha-se apartada da erudição que, por sua vez, se consagrava à publicação de documentos e a leitura dos instrumentos de trabalho.

O historiador não procedia a uma investigação metódica das fontes, nem a uma crítica sistemática dessas mesmas fontes.

Sua objetividade parecia suficientemente garantida pelo bom senso e pela boa fé.

Conforme assinala Jean Meuvret, certo progresso foi realizado, a partir da época romântica tanto pelo retorno ao estudo das fontes como devido às concepções de certos historiadores.

Precusores podem ser considerados um Guizot, um Tocqueville, buscaram do formular as causas profundas das transformações sociais e políticas, um Michelet esforçando-se em ressuscitar a vida dos povos.

Do ponto de vista do conceito da história a etapa decisiva foi transportada com a obra de Fustel de Coulanges.

Em "La Cité Antiqua" (1864) surge principalmente o interesse pelo estudo dos fenômenos sociais e o método comparativo e, pela vez primeira, aplicado ao estudo dos fenômenos históricos.

Em seu trabalho publicado, de 1875 a 1892 sobre "as origens das instituições da antiga França", os fatos econômicos, os de psicologia coletiva e os políticos são estudados de per si e em sua inter-relação recíproca.

Enquanto ocorria a divulgação do labor de Coulanges formava-se uma verdadeira escola de historiadores críticos.

A história torna-se filha da erudição, e consoante ressalta Monod, era objeto de investigação lenta e metódica, onde se avança gradualmente do particular para o geral, do detalhe para o conjunto.

Este método histórico teve aplicação generalizada, estendendo-se, pouco a pouco, aos vários domínios da atividade humana.

Mas semelhante triunfo trouxe inconvenientes.

A própria noção de história e de historiador parecia desaparecer, dividida em uma legião de disciplinas especiais, que ocasionalmente um conjunto algo incoerente de análises e monografias particulares.

Uma reação era inevitável e em um sentido necessário.

Manifestou-se superficialmente contra o abuso da erudição e, de modo mais decidido, pelo retorno ao espírito de síntese, concebido sob nova forma.

Duas idéias gerais tornam-se então dominantes:

1.º — A necessidade para o historiador de levar em conta o que é permanentemente — os fatos de repetição de Xenopol — e o que é elemento de novidade, contingente por sua origem, mas se inscrevendo na série das causas e dos efeitos, a partir de seu aparecimento — fatos em sucessão de Xenopol.

2.º — A necessidade para o historiador de manter presente em seu espírito os paralelismos e as convergências, os laços de causalidade que existem entre esses diferentes aspectos e denominados: História Econômica, Política, Artística, Religiosa, etc.

Outrora a história tinha como preocupação narrar sucessos políticos e militares; posteriormente, com a mesma objetividade que se ensinavam as datas, as glórias dos heróis, o esplendor das batalhas e a prudência dos dirigentes, começou-se a dedicar atenção a fatos culturais como as instituições políticas, classes sociais, manifestações literárias, artísticas, etc.

Ao movimento que se interessa pela história da cultura convergem não só as preocupações dos chamados historiadores da civilização, como também as dos denominados filósofos da história.

A expressão "filosofia da História", que tanto êxito obteve, se considerou criada por Voltaire (1765) e aplicada por Herder (1784).

Porém, não foram eles os primeiros a cogitar do problema de saber a que diretrizes obedecia a marcha da história.

João Batista Vico já admitia existir na história um constante fecer e desfezer (Corso i Ricorso) e Fôrez em sua "Clave Historial" (1743), falava de uma Philosophia Historial Philosophia Historica.

A tendência Histórico-Filosófica e semantista, entre outras, na escolas tradiconais: providencialista de Santo Agostinho — fatalista de Vico — Idealista de Hegel — positivista de Comte — evolucionista de Spencer — materialista de Marx — relativista de Spengler.

A História Geral da Cultura, observa Palomque Torres, da Universidade de Barcelona, compreende as manifestações da vida material e espiritual tanto individuais como coletivas e o estado de estruturação da humanidade.

Grande parte da história do homem se desenvolveu, no meio da civilização, nos grandes centros urbanos ou cidades, onde uma concentração de indivíduos, em uma evolução de aperfeiçoamento progressivo, conseguiu melhorar o grau de cultura.

Este é um fato histórico, e, entre os fatores ou elementos ativos que a animam, desponta, em primeiro lugar, o ser humano, a sociedade ou o conjunto organizado que entesoura o progresso de cada geração e lança os fundamentos do porvir.

O ambiente social é, vezes várias, determinante de um estado de civilização e destarle — compreende melhor muitos dos fenômenos históricos; a escravidão, as lutas religiosas, os movimentos revolucionários — e por fim a Nação, como entidade de comum destino histórico, que se mantém sob um mesmo regime estatal.

Os fatores espirituais, os materiais, coadjuvam na formação do fato histórico, influnido no modo de desenvolver o homem sua atividade, e os físicos exercem sua influencia sobre o caráter, costumes e vida dos povos.

Já Tito Lívio afirmava: "A principal e a mais salutar vantagem da história é expor à nossa vista, em um quadro luminoso, ensinamentos de toda a natureza".

Ancké Lebezy expõe: Como compreender um povo sem conhecer sua história? os erros políticos, a facilidade de aceitar inverosímeis fantasias provém, vezes inúmeras, de que os dirigentes ignoram a psicologia dos povos assim como seus anais. Ao preconceito com o qual certos se arrogam o direito de interpretá-los se junta o espírito primário, mal considerado, que à força de simplificar, em um sentido elementar, insuficientemente refletido de fatos complexos são tiradas conclusões, que vão de encontro à verdade".

A história detém um tesouro, que confere à sua filosofia um vigor todo particular: a busca da verdade.

Restituindo-a, reconstruindo-a, instrui as gerações presentes com as gerações desaparecidas, impulsiona o futuro, prepara mais legítima ação, mais justiça, mais harmonia, determinando melhor o sentido em que avança a humanidade, evitando-lhe, na medida do possível, erros, crimes e retrocessos.

Propiciando garantias, a história, fixando a verdade das diversas épocas e as do nosso tempo e aplicando as regras da moral aos fatos históricos, estabelece, desvirtuado, um julgamento.

Assegura a equidade, liberta a consciência do gênero humano, fortalece-a, permitindo-lhe retornar melhor à luta, impede que o mal não triunfe por longo tempo, determina e fixa a parte da liberdade humana no desenvolvimento do mundo.

Benjamin define-a: "Ciência que investiga e expõe os fatos relativos à evolução no espaço e no tempo dos seres humanos, em suas atividades coletivas e a relação psico-física de causalidade que entre elas exista, segundo os valores coletivos de cada época.

A história se aplicando sobretudo a estudar as transformações dos agrupamentos humanos, sob diversas influências, é refere Cholley, Professor da Sorbonne, como que uma reconstrução lógica do passado que a luz dos acontecimentos contemporâneos ilumina singulamente.

Cabe, agora, precisar, quanto ao ensino da história, sua finalidade, para que serve ensinar a história? Eis a indagação preliminar que se deve propor a si próprio o mestre, não só para tranquilidade de sua consciência, como para a orientação a seguir.

A história, sob esta forma, se apresenta em condições mais ou menos desfavoráveis.

Nos outros ramos de ensino a necessidade dessa indagação não se mostra de modo análogo porquanto a resposta é clara.

Porque se aprende uma língua viva? para falá-la, compreendê-la, escrevê-la. Porque se aprende o latim? em sua feição mais simplista, para ler os livros latinos. Porque aprender geometria, física, química? Para conhecê-las, utilizando-as na vida, onde elas têm uma aplicação prática direta.

Evidentemente o que se espera da história é um efeito *indirecto*.

Presume-se que ela agira sobre a inteligência, sobre a atividade do discipulo de modo vantajoso, fazendo melhor conhecer e compreender certos atos, proporcionando-lhe gosto por determinadas ações.

Se da história se fez matéria comum aos alunos do ensino secundário é por ter sido considerada capaz de melhorar um gênero de inteligência e de atividade, útil aos que estudam.

O que é útil a todos os estudantes é compreender o mundo no qual vão viver, por ele se interessando e preparados para nele agirem.

O principal mérito da história, exalta Paul Harsin é o de ser um incomparável instrumento de cultura intelectual.

E a cultura geral, exprime Selgnobos, "auxilia o estudante a perceber o mundo em geral e a nele viver". O mundo que se cogita de entender é complexo. As matemáticas conduzem o discipulo ao mundo das formas e dos movimentos.

As ciências físicas e biológicas fazem-no compreender a natureza material. A história exhibe-lhe-á o mundo social, fazendo-o conhecer a sociedade em que ele há de viver, tornando-o capaz de tomar parte na vida social. Incumbe ao professor divulgar e analisar na consciência de seus discipulos, de modo mais proveitoso possível, os conhecimentos alcançados no domínio da história.

Cabe sua atividade ser desenvolvida, de tal maneira, que o discipulo, recomendada o professor austríaco Guilherme Bauer, mais tarde não conduza o peso de um saber informe, senão que se incorpore um elemento formador, que o capacite para tomar uma posição independente, em relação aos fenômenos do presente. A tarefa atribuída ao professor de história é sobretudo árdua. Langlois e Selgnobos em sua "Introdução aos Estudos Históricos" regista: "O conhecimento histórico complexo e embaraçante por natureza é excepcionalmente difícil para transmitir".

Afora o domínio do método histórico-científico, deve ter o mestre o dom de transmitir o conteúdo educativo da história, de forma que, em cada caso, resulte sugestiva, adaptando-se especialmente à capacidade receptiva do aluno e dando-lhe a condição pessoal, para poder se situar, reativamente aos princípios opostos das diversas concepções do mundo.

Incumbe ao professor do ensino secundário orientar o educando, o quanto possível, nos princípios da crítica histórica, habilitando-o a empregar o método crítico, próprio da história.

A ocasião se apresenta, de início, ao dar o professor a conhecer uma lenda ou anedota apócrifa, consagrada por uma tradição célebre ou por ter ela agido relativamente aos próprios atos de um povo.

Não se podem evitar as referências aos nomes de Licurgo, Tesou, Agules, Erenás, Guilherme Tell, nem ao vaso de Solisson, *Le tal c'est moi, si n'y a*

plus des pyrenées; aitez dire à votre maître que nous sommes ici par la volente du peuple et que nous n'en sortirons que par la force des batonnettes; la garde meurt et ne se rend pas", etc.

A lenda ocupa lugar de certo destaque na literatura histórica dos povos, mas cumpre advertir quanto de inexatidão nela exista, em alguns casos mesmo, atingindo o fantástico, como por exemplo Tesou e o Minoaruto.

O professor é levado assim a trazer ao aluno a reflexão que uma história pode ser referida e entretanto não ser essencialmente verdadeira.

Ele faz verificar que há duas espécies de narrativas, umas verdadeiras, outras lendárias, isto é, algo falsas, mas entretanto aceitas como legítimas por números.

Sobre um mesmo fato podem ser conhecidas duas narrações contraditórias v.g. a tomada de Roma pelos Gauleses, contada de dois modos opostos, por Polbio e Tito Livio, ou o papel de Pedro, o Eremita, na pregação da primeira cruzada.

O aluno conhecerá as duas tradições, por vezes mesmo ele encontrará duas exposições contrárias nos livros por ele utilizados.

Terá forçosamente a impressão de que uma das duas narrativas é falsa. Observará, portanto, poder um mesmo fato ser contado de dois modos opostos, por conseguinte, que todo expositor não diz a verdade, havendo pois narradores de mérito diverso.

O professor fará notar a diferença do valor das duas tradições, propondo, ao mesmo passo, a noção da discordância das fontes, fazendo sentir porque uma é a mais verdadeira e caracterizando o testemunho direto como informe mais seguro do que a simples presunção.

Assim se processa para o estudante a aquisição dos elementos da crítica: diferença entre a lenda e a história, valor diverso das fontes, superioridade do testemunho direto.

Eis a brecha decisiva na credulidade natural.

O aluno achar-se-á em condições de lutar contra a tendência em aceitar, sem exame, tudo quanto é referido.

Ele não terá mais, como o homem inculto, o respeito supersticioso de toda a tradição ou, como o homem medianamente culto, o respeito pelo que se acha impresso.

Ele ultrapassará mesmo o letrado sem cultura histórica, que aceita, sem desconfiança, toda narrativa, cuja forma lhe pareça bela.

Terá adquirido a aptidão para poder duvidar, isto é o rudimento da dúvida.

Habituar-se-á a não acreditar sem exame, a aguardar até que saiba de onde provém uma referência de desconhar se a proveniência não é garantida. Tais hábitos são úteis em ocasiões várias, quer na vida privada ou pública, porque eles são suficientes para preservar impressões errôneas.

Com semelhante orientação o estudante é capacitado para se elucidar com a crítica e julgar com independência.

A evolução que se processou relativamente à concepção da história e à natureza dos estudos históricos teve a necessária repercussão no ensino secundário.

Como discorre Hasluck, da Real Academia Inglesa, a história é, talvez, a mais difícil das matérias do currículo escolar, para ensinar com eficiência.

A pesada tarefa profissional atribuída aos mestres que ensinam história se revela, desde logo, ante a crescente abundância da produção histórica, abrangendo teses, obras, revistas especializadas, trabalhos de erudição, grandes coleções, etc.

O evidente interesse do ensino histórico é se renovar incessantemente, renegar, vivificar-se ao contacto dos resultados obtidos pelo labor histórico. Uma única constante, qual uma corrente vital deve existir entre a história erudita e história ensinada, esta reconhecendo aquela como sua fonte nutridora.

Ampliado, na época atual, o horizonte pedagógico, pelos processos empregados ou esforços tentados, pelas experiências realizadas ou em via de realização, pelos métodos recomendados e pelas discussões livres e desenvolvidas, cabe assinalar os meios práticos utilizáveis para o ensino da história, e que se afiguram como principais:

a) — Estudos sintéticos relativos às grandes questões de civilização ou de história política, religiosa, social, econômica, e tratados de modo claro, arejado e com uma bibliografia sumária do assunto cogitado;

b) — Análise sintética das obras de importância, teses, das grandes coleções aparecidas nos diversos domínios da história;

c) — Indicação precisa dos principais artigos publicados nas revistas históricas;

d) — Textos históricos, apresentados, quer com um comentário, quer com um questionário, constituindo material de exercícios práticos;

e) — Experiências pedagógicas efetuadas em classe ou em atividades dirigidas, abrangendo exercícios de variadas espécies, pondo em jogo a atividade dos alunos formas diversas de interrogação, de composição, métodos de trabalho coletivo, visitas aos museus, excursões aos locais históricos, uso de projeção fixa e animada, emprego de mapas, etc., devendo tais concepções ou esforços serem objeto de livre discussão;

f) — Planos previamente elaborados para cada aula onde se poderiam localizar pequenas narrativas referentes ao desenvolvimento de aspectos de utilidade imediata v.g. história do sal, do arado, dos tecidos, da via pública, da iluminação etc.

g) — Referência ao desenvolvimento do ensino da história nos diversos países;

h) — As expressões históricas — "Moeda da História" — no entender de Henri Gaubert;

i) — Ilustração documental escolhida e prática: Croquis, desenhos e fotografias acompanhadas do respectivo comentário, quanto necessário e abundantemente requer e permitir o assunto tratado.

j) — Uso de mapas e esquemas estatísticos de valor demonstrativo, não só para os fenômenos que se desenvolvem no tempo, como para os dados que se coordenam no espaço, e assim, ao lado dos quadros estatísticos uma cartografia não somente física e política, mas econômica, linguística, democrática;

k) — Os paralelismos e os contrastes das diversas fases históricas se impõem numa apreciação metódica, objeto de quadros sincrônicos.

Como elemento básico do ensino, se apresenta, necessariamente, o professor, cuja importância é decisiva no tocante à história.

O seu principal propósito, há de consistir em ensinar a aprender e a criar. Homem de pensamento, como deve ser o mestre, cumpre-lhe orientar o estudante na formação de um conceito próprio elevado e o quanto possível original do mundo e da vida.

Arthur e David Binng consideram como aspectos fundamentais do mestre: o saber, a experiência profissional, e a personalidade.

Quanto a este último fator frizam as seguintes características: a aptidão pessoal, o trato ameno, o timbre de voz, o bem falar, a saúde, o espírito de camaradagem, o sentimento de simpatia e compreensão, a sinceridade, o tacto no proceder, a candura, o domínio de si mesmo, o olimpismo, o entusiasmo, a paciência, a confiança em si próprio, a capacidade de iniciativa, o poder de adaptação, a fertilidade em recursos pedagógicos, a habilidade de organização e direção, a atividade diligente e assídua.

A posse de tais qualidades redundará benéficamente nas relações entre mestre e discípulos, preocupado sempre aquele com o desenvolvimento destes.

O mestre deve ser, em síntese, um agente de civilização, posto que cabe ensinar aos seus alunos, conforme observa Murray Butler, a serem eficientes em qualquer aspecto da civilização, um guia na aprendizagem dos conhecimentos, um forjador de personalidades, as mais completas possíveis e um

grande inspirador dos ideais mais valiosos para o progresso humano, ensinando a alcançá-los, mediante um zelo contínuo e digno.

De suma importância é, para o mestre, possuir o dom de saber fazer participar, de modo proveitoso, seus conhecimentos, por parte dos discípulos. A beleza com que se reveste a forma da exposição desempenha, no ensino da história, papel de maior importância, do que em outra especialidade.

A exposição desenvolvida oralmente há de refletir, em sua estrutura o valor histórico do assunto cogitado, tendo em vista a capacidade receptiva dos seus ouvintes e levando em conta a possibilidade de apurar os resultados referidos em suas explicações.

A necessidade de ser breve a exigência do detalhe, disparidade que se harmoniza, com a apresentação de exemplos gerais típicos, assinaladas as nuances necessárias.

A maior diafanidade possível à exigida na construção do pensamento, impondo estrito encadramento lógico dos argumentos, evitadas as divagações.

Uma síntese sucinta dos prós e contras e manifestação conclusiva, quanto ao assunto explanado, torna-se mister.

O mestre que fala está em comunicação, senão real, ideal, para com o seu auditório.

A questão retórica não pode ser considerada como uma simples metáfora, pois contribui também para criar psicologicamente um laço entre quem fala, e os que o escutam: cumpre pois suscitar a colaboração intelectual dos ouvintes.

O estilo deve e pode contribuir para isso, ao lado de uma clara e boa disposição de assunto, utilizada a linguagem animada e viva.

Claro, contudo, adaptado às circunstâncias, eis os característicos linguísticos do historiador.

A história, quando exposição da vida em movimento, deve saber empregar as palavras adequadas, aos vários sentimentos humanos, sem afetação e artifício, reproduzindo e indicando o sentido especial, que cada época *significa*, o estado d'alma, o modo de pensar e agir do passado.

O colorido determinado, próprio de uma cultura, deve refletir, igualmente, em suas imagens, o idioma.

O historiador cabe situar-se, em suas narrações, o mais próximo da imagem do período, que é objeto de sua descrição.

Isso não será impeditivo para que se intente aproximar, por meio de analogias, bem escolhidas, as circunstâncias históricas das épocas pretéritas; que se apliquem expressões artísticas ou técnicas do presente aos fenômenos mais ou menos análogos da história.

Na adequada escolha da palavra apropriada é onde se faz sentir o verdadeiro historiador.

Os exageros caracterizados pelo abuso dos superlativos e as falhas na utilização de expressões banais constituem defeitos, que cabem ser postos à margem.

A ponderação, a meditação do juízo histórico implica na necessidade do pensamento anterior ao emprego de um epíteto de louvor ou censura.

Na exposição o mestre há de ser objetivo, justo e verídico.

Quanto à ela a pedagogia germânica muito a recomendada, ao passo que a inglesa pretere o trabalho próprio do jovem.

Entende Alonzo Rude que a explanação do mestre seja mais conforme, no comentário dialogado das leituras, relativas a um fato histórico e à descrição de uma época, e opina: "Nem exposição unicamente, nem leitura exclusiva".

Embora se apresentem certas objeções à utilização do livro de texto, não cabe dúvida ser ele apreciável colaborador do ensino, facilitando a aquisição de conhecimentos, sua fixação e revisão.

Cumprir acentuar que na sua elaboração devem ser sobremodo consideradas as condições didáticas, que façam do manual um ameno auxiliar instrumental de trabalho, facilitador da aquisição das noções históricas.

Clareza, método, objetividade, acessibilidade ao espírito do adolescente deve caracterizar sua feitura.

O livro de texto deve dar guarida, e, em cada caso, proporcionalmente à sua importância, aos elementos que formam a trama da história: políticos econômicos, sociais, religiosos, literários, rítmicos, científicos etc., mas evidenciando a unidade e continuidade da história.

Como referência tomemos os volumes, recolhidos sucessivamente, de *Hayes and Moon*, professores da Columbia University, nels a narrativa se apresenta, sobremodo, clara e simples, tornando-se perfeitamente legível pelo jovem estudante e sobretudo suscetível de ensino.

Além de se acharem generosamente providos com ilustrações, estampas coloridas, mapas, tabelas, quadros estatísticos, questionário, indicadores de tópicos para estudo ulterior e bibliografias selecionadas, objetivam preocupação de acurada crítica do assunto histórico, à luz das investigações dos especialistas.

Acrese ainda que tais volumes podem ler como coadjuvantes os agradáveis "Workbooks" de *Foster e Bruce Wesley*, respectivamente, da Universidade de Indiana e de Missouri e de *Foster e Seehausen*, também de Indiana, ambos baseados na obra de "Hayes and Moon", contribuindo para o melhor desenvolvimento dos hábitos de estudo e procurando interessar ainda mais o estudante no concernente aos fatos históricos.

O ensino objetivo e experimental da história permite revelar o labor estudantil, o esforço empregado, as atitudes logradas, as noções fundamentais adquiridas.

Dai a necessidade de contar com salas especiais para o ensino de história: — Gabinete de História — *Laboratory*, como denominam os americanos do norte. E de recordar que a II Conferência Internacional de História da América recomendou fossem dadas todas as aulas de história em salas especiais.

Os benefícios que derivam da existência da sala de história, são de utilidade para os estudantes, que se acham assim dispostos, sob a influência da atmosfera que os envolve, para a evocação do passado e o labor da classe, simplificando-os tendo à vista, à mão, pode-se dizer, os materiais de observação e de trabalho necessários.

Os processos de fixação, investigação, raciocinativos ilustrativos, etc., abrangem esquemas, forma representações, literatura, exame, discussão e apreensão de valores.

A pedagogia moderna, aplicados seus procedimentos ativos e recursos inteiros para ganhar o interesse do estudante, pode oferecer um maior aspecto da ligação do passado com a evolução do presente.

Utilizável, em certa conta, é a atitude crítica que podem prestar os acontecimentos correntes, relativamente à história, já sugerido, em 1970, por *Christlitz Weise* quando expressou que o ensino deveria ser iniciado com os acontecimentos do presente e deles partir para o passado.

A situação da história, em o nosso currículo escolar, se me afigura passível de modificação.

Saltita o leuto escritor Adolfo Rude que a pedagogia está de acórdio não ser a história, verdadeira matéria escolar, nos primeiros graus da escola. Em 1928, na França, grta considerável se levaram contra a manutenção da disciplina histórica nas classes *sixième e cinquième*.

A razão, por excelência, aduzida, era que as crianças de sete a treze anos não se achavam em condições de recolher semelhantes ensinamentos: a mediocridade dos resultados obtidos, após meio século, testemunhava uma enorme desproporção entre as aptidões naturais do escolar e a disciplina histórica.

Foi mesmo reputada vã tentativa querer sobrecarregar seu espírito com uma perda de tempo e de esforços.

Alas a insistência nesse sentido tornou costumeira a manifestação em contrário.

Rosseau excluiu a história da série de estudos que êle escolheu para *Emília*, até os quinze anos de idade. *Volney*, em 1795, declarava: "O estudo da história não parece conveniente para as crianças de pouca idade; os fatos de que ela se compõe exigem certa experiência já adquirida e uma dose de maturidade de julgamento incompatível com a sua idade".

Realmente abrangendo a história o estudo dos fatos que se desenvolvem no tempo, anos e conhecimentos razoáveis são necessários, para que o estudante alcance, como declara o eminente *George Dumas*, "a noção do tempo em geral, o tempo da história e da ciência com a representação de uma ordem, de um ponto de partida, de um ponto de chegada, de um desenvolvimento".

"O tempo assim compreendido supõe uma inteligência acabada", conceitua o emérito erudito.

A experiência, nesta casa, leva, igualmente, a considerar dispensável o ensino de história, nas duas primeiras séries, do curso ginasial.

A experiência, repito, veio demonstrar o que é preciso corrigir ou reificar no ensino da história, pois como disse o nosso grande *Bernardo Pereira de Vasconcelos*, cujo centenário se comemora este ano, quando declarava abertas as portas do Colégio Pedro II: "um dos meios, e, talvez, o mais proveitoso, de fazer sentir os inconvenientes de um regulamento é a sua fiel e pontual execução".

Ainda, há pouco, antes de minha partida para o Rio Grande do Sul, julgando provas, no exame de seleção, instituído para a transferência de alunos para este estabelecimento padrão, viu-se o professor, que ora vos fala, tido e havido como possuidor de um razoável critério de benevolência, obtido o dar graus de reprovação à metade dos aspirantes à terceira série e a inabilitar todos, sem exceção, que desajavam matrícula na segunda série.

A matéria sobre a qual foram êles examinados se referia a assuntos da série anterior, onde já tinham alcançado aprovação.

Mínuciosas ponderações a esse respeito e das condições gerais do ensino de história no Brasil foram já feitas, este mês, pelo conceituado catedrático Melo e Souza, ao proferir aula inaugural, em Faculdade de Filosofia.

Outro aspecto que cumpre encerrar é que haja uma correlação, com a História Geral, do estudo da História do Brasil.

Não que se tire a esta, como estabelece a legislação vigente, o caráter de disciplina autônoma, mas fazendo estudar a História do Brasil independente no mesmo tempo em que se copia da História dita contemporânea.

Tal orientação permitiria a seguinte distribuição da cadeira de História Geral e do Brasil, que deveria de ser intitulada História Geral da Civilização e do Brasil, no ciclo colegial.

1.ª série — História da Civilização Antiga.

2.ª série — História da Civilização Medieval e Moderna, com aulas separadas de História da Civilização do Brasil Colonial.

3.ª série — História da Civilização Contemporânea, com aulas distintas de História da Civilização do Brasil Independente.

No ciclo ginasial ter-se-ia:

3.ª série — História Antiga e Medieval.

4.ª série — História Moderna e Contemporânea, com aulas à parte de História do Brasil.

Semelhante disposição da matéria no curso secundário, serviria, desde logo, para indicar o artificialismo das divisões dos períodos históricos, referida a *periodisierung* de *Tyopelisch*.

Na elaboração dos programas de História que devem compor, como quasi sempre ocorreu, não só no locante a esta cadeira, como a lócas as demais do curso secundário, à congregação do Colégio, cumpre sejam naturalmente realçados os assuntos relativos à História da América.

Para que o aluno adquira melhor e maior visão de conjunto, cabe haja uma aprecação equilibrada com certo ângulo americano.

A América é uma pela geografia, pela história, pela identidade das instituições políticas dos povos que a integram e similares são os problemas que reafirmam a existência destes e as contingências a que se acham expostos, enuncia Amaranhe Abeledo.

Mas tal orientação não importa em deixar de se fazer sobressair, o sentido cívico, aliás sem qualquer preocupação exclusivista.

A formação patriótica é um dilema. Porém não basta amar a Pátria.

Também há que compreende-la e a história abre o caminho para essa compreensão.

Cabem ser bem percebidas a essência da alma Brasileira, sua gênese, expressões típicas, as possibilidades do país; as aventuras do seu destino.

Augustin Thierry, em suas considerações a respeito da História da França, focaliza:

"A história nacional é para todos os homens do mesmo país uma espécie de propriedade comum. E' uma porção do patrimônio moral que cada geração ao desaparecer lega a que a substitui: nenhuma deve transmiti-la tal qual a recebeu. Todos têm por dever ajuntar algo no tocante à segurança e clareza. Esses progressos não são somente uma obra literária nobre e gloriosa, eles oferecem, sob certas modalidades, a medida da vida social em um povo civilizado, porque as sociedades humanas não vivem unicamente no presente e lhes incumbe saber de onde elas vêm para que possam dizer para onde se dirigem".

A cadeira de História neste estabelecimento de ensino, e, no momento, somente dele cuida, vem ostentando, como as demais, o esforço permanente, por parte dos leites proprietários da cadeira, em desempenho a essa contribuição tão bem exaltada, colocando suas inteligências a serviço do adiantamento moral e cultural, com o exercício do magistério, inspirado na maior dignidade e dedicação.

Enunciemos os nomes, numa justa reverência, a partir do seu primeiro detentor, grande vulto da nacionalidade, Justiniano José da Rocha e em seguida os notáveis: Marcelino José da Ribeira Silva Bueno, Carlos Roberto Gotheilf Alexandre Edler von der Planitz, João Batista Calogeras, Antônio Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo, Frei Camilo de Montestrade, João Antônio Gonçalves da Silva, Joaquim Mendes Maieiro, Francisco Inácio Marcondes Homem de Mello, Manuel Duarte Moreira de Azevedo, Domingos Ramos Melo Junior, Luiz de Queiroz Matoso Maia, João Capistrano de Abreu, João Ribeiro, João Maria da Gama Berquó, Luiz Gasão D'Escraigne Doria, Pedro do Couto, Jonatas Serrano, e, presentemente, João Batista de Melo e Souza, Oscar Przewodowski e o mais humilde de todos, que agora, detem a benévola e valiosa atenção da Jure assistência.

O ensino de História no Colégio Pedro II data do decreto de 2 de Dezembro do 1837 que, em seu artigo 3º, discriminando as matérias que deveriam ser ensinadas, incluía a "História".

Geralmente foi ela lecionada nas séries mais adiantadas.

De início, achava-se unida à Geografia, havendo uma cadeira de Geografia e História Antiga, também, a Medieval, e outra cadeira de Geografia e História Moderna, com especialidade a História e Geografia Nacional.

Em 24 de Outubro de 1857 foi criada a cadeira especial de Corografia e História do Brasil.

Separada a História da Geografia, aquela posteriormente foi feita cadeira à parte.

Veu a ser extinta pela lei Francisco Campos, até que a reforma Gustavo Capanema tornou-a disciplina autônoma, mas integrada na cátedra, que é de História Geral e do Brasil.

As instruções para a direção do ensino nas aulas do Colégio Pedro II, ao tempo do Império expedidas de conformidade com o regulamento anexo

ao decreto n. 2.006, de 24 de Outubro de 1857, e organizadas pelo reitor do externo, estabeleciam geralmente o que, datado de 25 de Setembro de 1880, ora se reproduz:

"Nas aulas de História Universal e do Brasil além de traçarem os alunos não só na pedra e em cadernos, quadros sinóticos e sincretônicos dos acontecimentos políticos, científicos, literários e artísticos de cada século, como também de cada época memorável e de cada país, com especialidade do novo continente, e bem assim cartas geográficas dos lugares que foram o teatro dos acontecimentos, os respectivos professores expor-lhes-ão com rigorosa crítica e imparcialidade as causas que determinaram o progresso ou estacionamento da civilização nos diversos períodos históricos, e chamar-lhes-ão a atenção para os homens extraordinários que concorreram para as revoluções benéficas ou perniciosas da humanidade em geral e de cada nação em particular, mormente os da América e sobretudo do Brasil, agrupando em torno desses vultos os fatos característicos das fases em que dominaram o espírito público; falando ao coração dos alunos de modo que lhes inspirem o respeito e admiração pelos bons e lhes tirem até a ideia de louvarem e imitarem os maus; indicando os livros que poderão ler com proveito sobre a História Geral ou particular de cada povo e sobre a biografia dos vários ilustres da antiguidade da Idade média, modernos e contemporâneos".

Essas normas exibem, a sociedade, a preocupação dominante, no estabelecimento padrão, em consistir a condição evolutiva do ensino, sobremodo interessante aos que aqui exerceram ou exercem suas nobilitantes funções.

Neste secular Instituto, no respeitante à História, como nas demais disciplinas, não só os componentes efetivos da colenda Congregação, como ilustrados interinos, e demais diligentes e competentes professores, junto com as diversas e capazes administrações, vêm patentemente invulgar operosidade, quanto aos problemas do ensino e da educação e ligados individualmente ao conceito de Rostand:

"Je pense à la lumière, non pas à la gloire".

E' a lição magnífica que vêm proporcionando mestres e alunos, no que diz respeito ao ensino da História, e em referência a renovação que habitualmente se processa no tradicional educandato.

Pois a lição por excelência da História é a que promana necessariamente do desenvolvimento dos fatos de que ela tem por incumbência retragar a sequência: a de um renascimento incessante o qual, faz notar Luiz Halphen, em trabalho recente, "desenvolve em nós o que se poderia chamar o sentido da volveção e nos premeu contra alguns erros de julgamento, menos compatíveis com uma sã aprecação das cousas".

Continua o consagrado especialista e membro do Instituto:

"E' pela História e pela História somente que elas nos aparecem repostas em seu plano verdadeiro, não como surgidas do nada, mas providas de uma lenta incubação, simples elapsos de um caminho cujo termo jamais não é atingido".

Não existe sem dúvida melhor escola de compreensão e de justeza de espírito.

Outras disciplinas ensinam a raciocinar corretamente, à base de dados abstratos: a História nos obriga a raciocinar a partir de um real, movente, matizado e complexo como tudo o que é humano.

Bem ensinada a História é um estimulante precioso, para os espíritos já amadurecidos ela é de um proveito sem igual".

A ORIGEM DO COLÉGIO PEDRO II

ALCIDES SIQUEIRA.

O Colégio de Orfãos de São Pedro, pedra básica que depois se transformou no grande estabelecimento de ensino nacional, adotava métodos revolucionários no ensino de seus alunos.



OUTRA gente ignora e os próprios historiadores silenciam a respeito das origens do nosso colégio educacional que, pelo seu renome, é conhecido em todo o território pátrio.

Rebuscando alfarrábios existentes na Biblioteca Nacional, em pacíficos estudos que nos tomaram cerca de três tardes maravilhosas — perdidas do contato da natureza admirável da Guanabara — conseguimos colher dados que nos habilitam afirmar a verdadeira origem do nosso principal estabelecimento de ensino secundário, o Colégio Pedro II, que Carlos de Laet, a pena candente e o verbo arrebatador classificou um dia, numa das suas brilhantes aulas de literatura, de "armadura educacional que viera do século XVIII desafiando os tempos e que armava cavalheiros do saber áquelles que tencionavam e queriam estudar".

Feçamos, entretanto, um apanhado retrospectivo do passado, examinando o que era o primitivo marco pedagógico brasileiro, no segundo quartel do século dezanove.

* * *

Em 1739 e Rio de Janeiro se desmanchava em direção ao mar por duas colinas apenas: a do Morro do Castelo, indicada como vigia permanente do Atlântico, sentinela que, com seu pequeno fortilm protegida a reaguada da guarnição de Viaguinhom, que de outro era amparada pelo contraforte do Pão de Açúcar tendo à sua frente o velho forte da Barra e, mais ao fundo, pelas encostas do Morro do Quezere, que descia em suave declive até o local onde hoje se encontram os armazens da Alfândega, cais de desembarque dos veleiros portugueses e das guarnições das fragatas que ancoravam junto à Ilha das Cobras.

Os jesuítas mantinham, nessa ocasião o seu colégio amparado pelo Vice-Rei e custeado pelo Erário Real. Era uma espécie de academia onde somente os filhos dos senhores de engenho ou dos aristocratas tinham acesso, porque seus cursos visavam formar gerações de médicos, engenheiros, cultores das belas-artes, advogados e demais profissões liberais, onde muito se estudava de latim e pouco se aprendia de outras matérias. O emprego do "impósto literário" que era um tributo fixo para toda a Colônia, arrecadado com pertinácia nas Capitâneas, quase que se destinava ao custeio dos alunos do colégio dos jesuítas. O regime educacional não era tão rígido e profundo, porque os filhos da aristocracia de então, herdando a alvizez dos donatários portugueses ou levando a tendência revolucionária do brasileiro, impunham con-

*1 O presente artigo foi publicado no "Journal de Notícias", de São Paulo, do dia 10-3-1950.

dições a que os seculares jesuítas não podiam furtar-se. Assim, no colégio dos jesuítas o método de ensino se baseava nos cursos da academia de Coimbra, onde o aluno, porque era poderoso e amparado, ditava ordens e aprendia o que lhe convinha, sem que os padres exercessem o poder temporário que a própria condição de mestres lhes impunha. Mesmo assim, justiça se lhe faça, fez verdadeiros miliares educacionais o colégio dos jesuítas, porque deu ao Brasil, nas prisas eras coloniais, o primeiro sinal de cultura de seu povo.

O centro comercial do Rio de Janeiro, naqueles tempos, se localizava no corredor que, partindo do cais (hoje Arsenal de Marinha) descia em linhas sinuosas, por vielas estreitas e mal cheirosas e aliugra o antigo Convento da Ajuda, onde se erguem em nossos dias, majestosos e trifunfantes em sua arquitetura que procura furar os céus, os enormes edifícios da Cinelândia. Do convento da Ajuda, segundo desenhos da época, contornando a fralda do Morro do Castelo, que a picareta do progresso desmontou atirando-o inteiro para o mar, ao lado da praia de Santa Luzia, descia uma ruazinha estreita e mal frequentada, que atravessava a rua da Misericórdia e aliugra o mar no local onde hoje existe o velho mercado.

O convento da Ajuda, com a sua capela em estilo barroco, de ogivas transversais e paredes de metro e meio, era o local preferido pela aristocracia, para educação de suas filhas. Todo murado e cercado de vielas nos ângulos, formava em seu interior um lindo jardim, onde a flora brasileira se refletia luxurriante. Ao centro havia o velho povo, todo de alvenaria, onde rodopiavam nas rodanas chiantes as cacapas de cobre a retirar a água preciosa. Frelhas dedicadas, da V. I. de N. Senhora da Ajuda, vindas da fina flor da aristocracia portuguesa, se desdobravam em todos os misteres, desde os mais humildes até os de grande projecção cultural, para que a limpeza e a higiene do convento fossem perfeitas. As alunas, todas de "saiotes de algodão mescla e aventais azuis, com alpercatas pretas de fitela de metal e meias pretas, trazendo as faces cobertas pelas mantilhas brancas de sua pureza, assistiam às missas que Frei Guadalupe rezava aos domingos na capela abacial do Convento, sem se moverem de seus lugares e obedecendo religiosamente às ordenações canônicas, que suas mestras indicavam batendo "ligritas palmas", segundo esclareceu Curvelo de Mendonça em uma de suas memórias que o "Paiz" publicou em 1910.

Dessa forma, os meninos se educaram no colégio dos padres e as meninas no Convento da Ajuda.

Esse Frei Guadalupe a que se refere Curvelo de Mendonça, pertencia à ordem dos Carmelitas e, à época o 4.º bispo do Rio de Janeiro, Dom Antonio de Guadalupe era um sacerdote virtuoso, profundamente instruído e, durante sua gestão no bispado trouxe novos rumos à instrução, revolucionando, mesmo, os métodos de ensino que até então se adotavam. Muito embora houvesse certa tolerância dos jesuítas para com os alunos abastados, a disciplina era rigorosa e, as faltas mais graves se puniam por processos dramáticos. A celebríssima "palmatoria" que existiu até principios de nosso século, era o instrumento de tortura dos alunos fallosos. Outras penalidades se applicavam, tais como castigos corporais que obrigavam os alunos a permanecer horas seguidas, de joelhos ou em pé, rígidos, aos cantos das paredes das salas de aulas; a privação de refeições ou o castigo do "velarium", que forçava o aluno rebelde a palmilhar pelos corredores dos dormitórios, vendo seus companheiros dormir, sentindo as próprias palpebras doerem de cansaço e sono até que os joelhos dobrassem. Vigilantes solertes, irmãos leigos que sentiam sádico prazer em fiscalizar tais castigos, eram os verdadeiros daquelles que commo-tavam faltas. Fora disso, o ambiente dos colégios era idêntico. Logo cedo, após as abluições, assistiam às missas diárias, tomavam chá com bróas de milho e em seguida se dividiam pelas salas de aula. As dez horas o refeitório os acolhia para o almogo frugal. Meia hora de recreio para a digestão e aulas a seguir, até 4 horas da tarde, quando após o jantar novo recreio

lhes era propiciado, antes de seguirem para a capela, a fim de assistirem às "vesperas" ou rezas, que se compunham da leitura de trechos do breviário e das ladainhas que sucediam aos terços. Após a reza, novas aulas até 8 horas, quando o sino do colégio locala o recolher e o silêncio pairava, em seguida, nos largos corredores dos conventos.

Era assim o ensino, até meados de 1739, quando Frei dom Antonio de Guadalupe, observando a malquerença que a população do Rio de Janeiro dedicava aos magnatas do poder, resolveu tomar providencias, porque os filhos da gente pobre, dos pequenos comerciantes, dos aguçadinhos, dos tropeiros, dos artifices e dos estravos, viviam o dia todo a perambular pelas matas a caçar passarinhos ou se adivravam em fragéis canoas pelo mar alóra, tentando pescarinhos produtivas.

Criou, então, a expensas de seu convento, o Seminário de São José, que abrigava alunos pobres que pretendessem seguir a formação sacerdotal.

Não satisfeito com o êxito que obtivera, porque o Seminário logo se encheu de alunos, "mas como curiosidade do que por vocação", o ilustrado prelado planejou e fundou, meses após, o Colégio dos Orfãos de São Pedro, que funcionava junto ao Convento do Carmo e se destinava a "dar abrigo e instrução aos filhos orfãos de pais ou mães tanto portuguezes como brasileiros ou de outra nação, vestido-lhes o corpo, exalando-lhes a alma e preparando-lhes o espirito para a vida futura", como dizem as "Coleções da B'd. Nac. sobre a fase educacional do Brasil-Colônia".

Partindo do principio cristão de que a formação do individuo "dependia da criação dos filhos", Frei Guadalupe orientou a sua obra educacional de forma verdadeiramente revolucionaria.

O Brasil, ao tempo dos Vice-Reis vivia a vida pacata e pachorrenta daquelles que, porverantes e governados, nada podiam fazer por si, porque tudo dependia das "reais ordens" emanadas do Reino.

Retardado em seu progresso, somente a Capital, ou seja a serenissima cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, gozava das prerrogativas de possuir uma sociedade mais ou menos organizada. De um lado formava a nobreza, aliada ao capitalismo de então, ou sejam os senhores de engenho que movimentavam escravos pelas lavouras que se distendiam desde Catumbi até as fraldas da Serra dos Orgãos. O clero se aliava por interesses monetários aos interesses da nobreza, ao passo que a plebe, casta daquelles que viviam vestidos com calças de baela e camisetas de lã grosseira, ou que podiam possuir um velho gibão que lhes dava ares de bem-estar, se contentavam com as miagalhas que sobravam das mesas ricas e abastadas. O comércio do Rio de Janeiro ainda era problemático, porque somente na rua dos Laloeritos e na dos Ourives, se localizavam casas comerciais que exploravam mais os gêneros alimentícios do que qualquer outro ramo. Na rua do Cuvridor existiam duas ou três firmas francezas, que comerciavam somente com artigos finos: essas eram as casas preferidas pelas damas da côrte e pelos peralvilhos que começavam a frequentar os saraus aristocratas, em busca de casamentos rendosos.

Frei Guadalupe, rompendo preconceitos recebia em seu Colégio de Orfãos, somente filhos de gente pobre e, observando-lhes o aspecto fisico, maltratado pela miséria que então imperava, deu-lhes métodos educacionais que chegaram a provocar escandalos na ingênua sociedade daquelles tempos.

As práticas adotadas pelos colégios, de darem recreios aos alunos obrigando-os a leituras diversas, foram substituidas por outras, no Colégio de Orfãos. Os alunos praticavam ginástica antes das refeições, e esse método salutar chegou a estabelecer pânico entre os escandalizados fidalgos, que não admitiam, de forma alguma, que se substituíssem os ensinamentos intelectuais, por outros fisiológicos. Mas, insensível às reclamações, o prelado illus-

Foi o primeiro Reitor do Internato do Imperial Colégio D. Pedro II, de 8 de abril de 1887 a 22 de abril de 1866. Pelos seus serviços à saúde pública e à instrução, mereceu de S. M. o Imperador D. Pedro II e de S. A. a Princesa Imperial Regente diversas condecorações. Faleceu a 24 de julho de 1880 na casa n. 68 da Rua Malvino Reis, hoje Aristides Lobo, havendo sido sepultado no Cemitério de São Francisco Xavier, estando seus ossos encerrados no jazigo Perpétuo n. 261, pertencente a nossa família.

Meu pai teve apenas dois irmãos:

- 1.º — Dr. José Pereira Rêgo, Barão do Lavradio; e
- 2.º — Maria Benedita de Almeida Rêgo.

Sei que meu pai foi casado três vezes e eu fui o último filho de sua última mulher.

Da primeira vez, foi casado com a Sra. Emília Adelaide, tendo havido desse casamento um filho de nome Joaquim, também médico, e uma filha de nome Emília, de cujas existências tive conhecimento pelas buscas que dei em documentos antigos.

Da segunda vez, foi casado com D. Maria Isabel Coelho, havendo do casal diversos filhos que, por haverem ficado orfãos em tenra idade, foram criados e educados pela terceira mulher, minha mãe. Desses irmãos, apenas por parte de pai, por considerá-los como se fossem irmãos, tanto mereceram para minha mãe e para mim, aqui deixo consignados seus nomes e assentamentos:

- 1.º — Alfredo Magno de Almeida Rêgo, médico, formado pela Faculdade de Janeiro;
- 2.º — Francisca Leopoldina;
- 3.º — Amélia.

Do terceiro casamento, desta vez com minha mãe D. Brizida de Almeida Rêgo, teve meu pai os seguintes filhos:

- 1.º — Albertina;
- 2.º — Aristides Armínio;
- 3.º — Armindo; e
- 4.º — Arovisito.

O casamento de meus pais — Dr. Joaquim Marcos de Almeida Rêgo com D. Brizida de Almeida Rêgo — foi realizado na terça-feira, 26 de fevereiro de 1861, na Capela particular do Comendador José Alves Souto, grande banquete, do qual era Capelão Frei João do Amor Divino Costa, que realizou o ato, lavrando o termo respectivo à fs. 65 verso do Livro 4 da Frequeza do Espinho Velho. Foram padrinhos: Jerônimo José de Mesquita (Barão de Mesquita) e o referido Comendador Souto.

Meu pai vindo a falecer a 21 de junho de 1880, depois de 19 anos de casado, deixou sob os valiosos cuidados de sua viúva os quatro filhos já mencionados, que foram criados, educados e engrandecidos por ela, com segurança e reconhecível carinho.

Pela representação da provincia e dos sentimentos da assembléa, pedimos alargar a v. Ex. que se dignasse gratias juntas civildade tão importantes serviços. Exce que se dignasse gratias juntas civildade tão importantes serviços. Pago da assembléa legal, acôrder benévola e os sentimentos da assembléa. Raulino de Souza Uchida — Doutor. José Pinto Braga Junior — José Pio Machado — Resposta do Dr. Joaquim Marcos de Almeida Rêgo a mensagem da Assembléa Legislativa. Srs. d'Assembléa provincial. O voto de agradecimento que a Assembléa provincial, por intermédio de sua illustra ção, meza de manifestar-me, em virtude das honradas emprehensas na cidade de Curitiba, e de a que ainda estio subscritas diversas povoações, meida a por deixar entreto o dever de meu cargo e os sentimentos de humanidade, meida a e feza um incentivo para proseguir no empenho de confiantia e bem merecer deles. Palácio do govêno do Ceará em 8 de novembro de 1861. Almeida Rêgo. (Transcrita em 8 de novembro de 1861. Dr. Joaquim Marcos de Almeida Rêgo, Reitor do Instituto do Ceará, sob a direção do Barão do Studart Tomo XLIX — Ano XLIX — Edição de 1936).

BOLSAS DE ESTUDO NO INTERNATO DO COLÉGIO PEDRO II (*)

Estimulando os estudantes de todos os recantos do Brasil — Os beneficiados têm matricula inteiramente gratuita e recebem, do Colégio, desde os livros do entoral — Todos os Estados interessados na luta racial iniciativa — Já se encontra no Rio o candidato de Minas — Elevada percentagem de habilitados nos exames — A falta de preparo dos alunos transferidos — Maior a dotação orçamentária para o presente exercício — Maior, em consequência, o número de alunos gratuitos — A biblioteca, centro das atividades escolares — A significação do livro na vida humana — 3.500 volumes consultados por 3 mil leitores — Estimulando o esforço individual — A Associação dos Er-Altunos do Internato — Uma publicação necessária — Dotando o Internato de instalações adequadas — O novo edifício — Os terrenos do antigo Clube de São Cristóvão serão anexados ao patrimônio do Colégio.



O espírito moço e entusiasta do professor Vandick Londres da Nobrega, deve o Internato do Colégio Pedro II toda uma série de realizações que situam o atual diretor daquêle educandário entre os mais dedicados e operosos dirigentes que já passaram por aquela casa. A gratidão para os alunos pobres, a instituição de bolsas de estudo, o cuidado dispensado à biblioteca do Colégio, a instituição de turnas com vinte e cinco alunos e, sobretudo, a construção da nova sede são iniciativas do maior alcance, atestando a fase de renovação por que passa o tradicional estabelecimento de ensino.

Falando ao "Correio da Manhã", teve o jovem educador oportunidade de lembrar que, devidamente autorizada pelo ministro da Educação, a direção do Internato comunicou aos governadores dos Estados haver colocado à disposição de cada unidade da Federação, uma bolsa de Estudos, na 1.ª ou na 2.ª séries do curso ginasial. Tal iniciativa despertou o maior interesse por parte dos respectivos governadores, tendo a direção do Internato recebido já os documentos dos candidatos dos Estados do Amazonas, Pará, Piauí, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Estado do Rio, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás, Bahia e Mato Grosso. Já no próximo ano letivo, com o aumento das instalações do Colégio, o número de bolsas destinadas a cada Estado será maior. Os detentores dessas bolsas têm matricula inteiramente gratuita e recebem do colégio, até o próprio enxoval obrigatório para os alunos internos.

(*) Reportagem publicada no "Correio da Manhã" de 9 de março de 1930.

Convém acrescentar que somente os estudantes aprovados com média global igual ou superior a sete poderão fazer jus à bolsa de estudos. Esse critério tem por finalidade recrutar os melhores elementos que recebem, por sua aplicação, um prêmio do governo federal.

Lembra o professor Vandick não se poder alegar que essas bolsas de estudo venham incrementar o êxodo de beneficiados para a capital da República porque o número de beneficiados é muito pequeno para que um empendimento tão louvável tomasse esse aspecto. Trata-se — observa — de estimular os estudantes de todos os recantos do Brasil e conferir, a alguns dos mais capazes, o prêmio de fazer o curso no estabelecimento padrão do Ensino Secundário.

Na Bahia o Secretário de Educação determinou a organização de um concurso entre os interessados à bolsa de estudo mediante prova de seleção e teste de inteligência, de modo que o Estado se fizesse representar por aluno de real competência.

O CANDIDATO DE MINAS

O candidato do Estado de Minas Gerais à bolsa de estudo já se encontra no Rio. Trata-se do jovem Gilberto de Oliveira Mendes, de 11 anos de idade, filho do sr. Cato Mendes e de sua esposa, d. Isaura de Oliveira Mendes, moradores em João Ribeiro, naquele Estado. Gilberto, que foi habilitado nos exames a que se submeteu no Internato, está radiante com o prêmio alcançado.

OS ALUNOS TRANSFERIDOS

Passando a outra ordem de idéias, diz o dr. Vandick que a percentagem de estudantes habilitados nos exames finais do Internato foi, de certo modo, elevada. Apenas 42% dos alunos matriculados no curso ginasial obtiveram promoção em primeira época. Dos 58% restante alguns perderam definitivamente o ano (cerca de 21%) e outros dependem de exames de segunda época.

Observa o dr. Vandick que a principal causa desse resultado reside na falta de preparo dos alunos transferidos, os quais, em sua quase totalidade, ali chegaram em condições de não poderem acompanhar o nível de ensino ministrado pelos professores do Colégio Pedro II. Uma prova disso é que se excluímos os alunos que ingressaram no Internato em 1949 e tomarmos como ponto de referência o resultado obtido pelos estudantes que já pertenciam ao corpo discente no ano anterior, iremos verificar que a percentagem de aproveitamento subirá para 81%. Na segunda série do curso ginasial, por exemplo, excluídos os transferidos, nenhum aluno foi habilitado definitivamente.

Não resta dúvida, diante da evidência dos números, que a falta de preparo dos alunos transferidos foi o principal fator do elevado índice de reprovações havidas o ano passado. Há outras causas subsidiárias e de menor relevância, as quais serão removidas — diz o dr. Vandick — graças ao apoio que a direção do Internato tem recebido do governo. Dentre essas há que citar o reduzido número de Inspetores de alunos, o que não permite a organização de bancas de estudo com a eficiência almejada. O critério de provas de seleção obrigatórias para os candidatos à matrícula por transferência afastará o grande inconveniente de receber o colégio alunos mal preparados.

OS EXAMES DE SELEÇÃO

Este ano, no intuito de evitar que estudantes mal preparados para acompanhar o ensino ministrado no Colégio Pedro II ingressassem no estabelecimen-

mento por meio de transferência, levou a direção do Internato a adotar o critério de provas de seleção. E, este, o melhor sistema — explica o professor Vandick — e o mais compatível com o regime democrático, porque a todos são dadas as mesmas oportunidades. O exame constou, apenas, de provas escritas obrigatórias de português e matemática, e de uma disciplina de livre escolha do candidato, sobre matéria de programa da série anterior à em que desejava matricular. Apesar de não ter havido rigor mas, apenas, justiça com certa benevolência — frisa o prof. Vandick — somente 2 dos 97 inscritos revelaram os conhecimentos mínimos exigidos para poder acompanhar o ensino ministrado no Internato. Vê-se que a falta de preparo é alarmante e que a providência do exame de seleção era um imperativo para evitar que o relatório anual do diretor ficasse manchado com um índice elevado de alunos habilitados, resultado este que poderia dar impressão errônea de má orientação pedagógica dos professores do tradicional educandário.

ADMISSÃO

Aludindo aos exames de admissão, lembra o dr. Vandick que, no ano passado, somente 28% dos candidatos à primeira série ginasial obtiveram aprovação, registrando-se um total de 141 candidatos e 40 aprovados. Este ano o número de concorrentes aumentou consideravelmente, pois houve 234 candidatos. Nem assim, entretanto, o resultado foi mais favorável. A prova escrita habilitou quase 80%, de modo que a percentagem de aprovados já se apresenta menor. No resultado final foram aprovados 47 candidatos e habilitados 187. No discurso de parâmetro dos bacharéis em ciências e letras do Internato disse o sr. Clemente Mariani não encontrar apoio na realidade o pessimismo com que se tem julgado a situação do ensino médio entre nós. Tem razão o ministro — diz o dr. Vandick, que prossegue:

— Estamos convencidos de que, se o ensino primário fosse bem ministrado, o nível do ensino de segundo grau melhoraria consideravelmente. Porque é uma tristeza observar os disparates e a falta de base dos que, tendo concluído o curso primário, se apresentam a exame de admissão no Internato. É claro que há exceções. Mas estas são em pequeno número. O aluno que tiver um curso primário mal feito, dificilmente enfrentará, com sucesso, o curso secundário, por melhores que sejam os seus mestres.

ENSINO GRATUITO

Para o professor Vandick, está praticamente assegurado o ensino gratuito a todos os alunos que mereçam esse amparo do governo. Até então — diz — a direção do Internato era obrigada a escolher, dentre os realmente necessitados, aqueles cujas situações financeiras fossem mais precárias para efeito de concessão de gratuidade, porque a verba destinada a este fim era muito limitada.

Muitos candidatos deixavam de ser atendidos por falta de verba. Agora não. O diretor do Internato solicitou e obteve a inclusão de dotação suficiente no orçamento para o presente exercício financeiro, de modo a ser possível conceder gratuidade a todos os alunos que provarem a necessidade dessa assistência do governo.

A BIBLIOTECA

O dr. Vandick passa a falar da biblioteca do Internato, a qual, embora situada em local inadequado, que não permite ao leitor o conforto necessário, constitui o centro das atividades escolares. Os alunos ali encontram, não obstante as deficiências apontadas, funcionários técnicos especializados, que

tudo fazem para lhes garantir o maior proveito nos estudos, pesquisas e leituras recreativas. Tanto na parte intelectual como na disciplinar, o aluno é assistido e orientado. Procura-se incutir-lhe o amor ao livro e a significação deste na vida humana.

Por meio de revistas em vários idiomas, funcionários dos jovens consulentes, curam despertar e orientar a natural curiosidade dos alunos em linguas estrangeiras. A coleção bibliográfica, devidamente cuidada e catalogada pelas regras da moderna biblioteconomia, é posta a disposição dos consulentes. Periodicamente, são os livros encadernados, desfilados de por si e constantemente limpos e arejados.

O Internato orgulha-se de possuir uma Biblioteca Viva, cuja consulta, levando em conta as deficiências, principalmente a de espaço, atinge em média o total de 3.500 volumes, consultados por 3.000 leitores. O seu funcionamento, para os corpos discentes, abrange o horário de 8 horas até o encerramento das atividades escolares.

Os alunos são obrigados a utilizar-se da Biblioteca duas vezes por semana pelo espaço de 50 minutos de cada vez, além das horas facultativas. Prática essa adotada no Internato desde longa data. O número de consultas o ano passado foi o maior havido na Biblioteca deste Internato. Em 1946, por exemplo, houve 17.225 leitores. Em 1947, 10.329. Em 1948, 9.345. Em 1949, 21.061. A diminuição verificada em 1948 explica-se porque o Colégio esteve com a Biblioteca impedida de ser frequentada aos alunos, em virtude de obras.

Ao assumir a direção do Internato, o dr. Vandick tomou a resolução de proporcionar ao corpo docente do colégio os recursos necessários para mantê-los a par dos estudos feitos nos centros culturais do mundo sobre assuntos relacionados com as diferentes disciplinas lecionadas. Como a Biblioteca asinava, apenas, uma revista, tomou o diretor as providências para que esse número fosse elevado, e hoje a Biblioteca recebe, com regularidade, vinte e uma revistas nacionais, inglesas, americanas, francesas, belgas, argentinas e portuguesas.

Os membros do corpo docente são informados pelo bibliotecário do recebimento de cada uma dessas revistas.

TURMAS DE 25 ALUNOS

O Diretor do Internato considera uma de suas maiores conquistas, no terreno da pedagogia, no ano passado, a organização de turmas reduzidas, com 25 alunos. Essa providência permitiu a cada professor um contato mais direto com os alunos e, em consequência, um melhor conhecimento de suas deficiências.

ESTIMULO AO ESFORÇO INDIVIDUAL

Com o intuito de proporcionar estímulo ao esforço individual, foi instalado, no Internato, o Quadro de Honra no qual são inscritos os nomes dos alunos que revelarem excepcional aplicação e comportamento. Após a criação do Quadro, tornou-se patente o interesse dos alunos em nele figurar. Têm acesso ao quadro os alunos que obtemham média superior a 6 em todas as disciplinas. Além do Quadro de Honra foi instituída por igual, com o mesmo objetivo de estimular os alunos, a distribuição de medalhas que deverão ser entregues, ao fim de cada ano, aos discentes que satisfizerem a determinadas condições.

A ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS

O Internato não possuía uma associação que congregasse os seus antigos alunos. Embora, como nos disse, não tivesse lido a honra de ter sido aluno

do Internato, o dr. Vandick, verificando a falta, procurou incentivar a criação de uma associação desse gênero. Nesse sentido, aproveitando a passagem de mais uma aniversário do Colégio em 1948 e as proximidades do dia 2 de Dezembro daquele ano, fez publicar uma notícia em todos os jornais com o objetivo de incutir, no espírito dos ex-alunos, a criação da associação dos antigos discentes do Internato. O apelo foi coroado do maior êxito e após o amparo oferecido aos antigos alunos, foi solenemente instalada a Associação dos Antigos Alunos do Internato do Colégio Pedro II, a qual possui estatutos devidamente registrados na forma da lei e vem exercendo grande atividade.

O NOVO EDIFÍCIO

O dr. Vandick fala-nos, agora, do principal empreendimento ocorrido em sua administração: a autorização do poder executivo para dotar a Internato de edifício adequado a suas finalidades. Pelo projeto elaborado, a futura sede ficou dividida em três blocos. No primeiro, dividido em dois pavimentos, está localizada a administração, ficando, no primeiro pavimento, o hall principal, portaria e salão de visitas de alunos. No segundo pavimento, situado no mesmo nível do andar térreo, do segundo bloco, foram localizadas as salas do diretor, secretário, professores, secretaria, arquivo, salão de recepções, hall e instalações sanitárias.

Na ligação entre os blocos de administração e o de ensino foram situados, no primeiro pavimento, o auditório, com capacidade para cerca de 1.400 pessoas, diretório, salas de jogos e uma rampa de acesso ao pavimento superior. No segundo pavimento as salas de ensino de religião e canto orfeônico e mais a sala destinada à psicologia educacional e a passagem coberta para circulação.

O segundo bloco prevê três pavimentos para o ensino, ficando, no primeiro, a biblioteca, hall de professores e de alunos, recreio coberto, vestiário e sanitários. No segundo pavimento os conjuntos de aulas especializadas e no terceiro pavimento as salas de aulas teóricas em número de 24, e demais dependências anexas.

Entre o segundo e o terceiro blocos ligando-se entre si, se encontram, de uma parte, as rampas de acesso de alunos e, de outra, no andar térreo, com entrada pelo recreio coberto, os elevatórios para alunos e professores, cada qual, respectivamente, com capacidade para 648 lugares."

No último bloco, com três pavimentos, foram localizados, no andar térreo, o "hall" de serviço, almoxarifado, alojamento e vestiário de pessoal subalterno, refeitório de funcionários, copa, cozinha, frigorífico, despensa, rouparias gerais, lavandarias, etc. No segundo pavimento os dormitórios de alunos do 1.º ciclo, em número de 15, com capacidade para 22 alunos cada um num total de 480 alunos, os vestiários, chuveiros sanitários, quartos de vigias, quarto para guarda de malas e todo o serviço médico, inclusive as enfermarias. Para a iluminação e ventilação dos dormitórios, como das salas de aulas, foi adotado o sistema de "sheeds", permitindo uma insolação e aeração apropriadas. No terceiro pavimento ficaram situados os dormitórios dos alunos do 2.º ciclo, em número de 120, subdivididos em 14 quartos para 6 alunos e 9 quartos para 4 alunos, sendo dotados, cada um, de mesas para estudo.

No que se refere à educação física foram previstos um grande ginásio com cerca de 960 metros quadrados, localizado junto ao bloco de administração e mais campos para futebol e atletismo, uma piscina de 25 metros por 12 metros e campos descobertos para tênis, basquetebol e vôleibol. A área total de construção será de cerca de 22.612 metros quadrados assim distribuídos: primeiro pavimento 4.180 metros quadrados; segundo pavimento 7.800 metros quadrados; terceiro pavimento 6.632 metros quadrados; quarto pavimento 4.000 metros quadrados.

A construção do novo edificio implicará na desapropriação do imóvel em que está sediado o antigo Clube de São Cristóvão, providência essa já lida pelas autoridades competentes.

O GRANDE OBJEITO

A esse objetivo — dar ao Internato as instalações que merece — vem o dr. Vandick Londres da Nóbrega dedicando o melhor de seus esforços. Alcançado que seja, dele se poderá dizer que vale por uma das mais firmes lições do quanto pode a vontade resoluta de um homem quando esse homem quer vencer e se pôe, todo êle, com sua intelligência e o seu coração, ao serviço dessa vontade.

AS FUTURAS INSTALAÇÕES DO INTERNATO DO COLÉGIO PEDRO II (*)

Iniciadas as obras de construção do novo edificio — Presente ao ato o ministro da Educação — Uma esplendida vitória do professor Vandick Londres da Nóbrega.



dia de ontem foi de festas para o Internato do Colégio Pedro II. E que tiveram início, cerca das 9 e meia horas da manhã, as obras de construção do novo edificio daquêle secular educandário, sediado, como se sabe, no Campo de São Cristóvão.

Compareceram ao ato o professor Pedro Calmon, ministro da Educação e Saúde, deputado Clemente Mariani e dr. Eduardo Rios Filho, antigos ministros da Educação, dr. Orlando Géllo, representando o ministro Guilherme da Silveira, dr. Mourão Russel, juiz da 3.^a Vara da Fazenda Pública, dr. Orlando Calaza, diretor geral de Administração do Ministério da Educação, dr. Rui Moreira Reis, diretor da Divisão de Obras, dr. Gildasio Amado, diretor do Externato do Colégio Pedro II, professores Lafayette Rodrigues Pereira, Honório de Souza Silveira, Ciro Romano Farina, Henrique de Toledo Dodsworth, Quintino do Vale, George Sumner, Haroldo Lisboa da Cunha, Nelson Romero, João de Saboia Barroza, Jurandir Paes Leme, Oscar Przewodowski, Alvaro Lins, Afrânio Couinho, Jose d'Alfonseca, dr. Carlos Dunches de Abranches, presidente da Associação dos ex-alunos, membros dos corpos docente, discente e administrativo de ambas as seções do Colégio Pedro II e pais de alunos.

PALAVRAS DO DIRETOR DO INTERNATO

Em nome do Colégio fez uso da palavra o professor Vandick Londres da Nóbrega, diretor do Internato, que saudou os antigos ministros durante cuja administração foi elaborado o projeto do novo edificio, e o atual, que fará executar a grande obra, na tanto reclamada. O professor Vandick fez em seu discurso, ampla exposição das demarches levadas a efeito para a execução do novo edificio e salientou o decidido apóio que tem recebido o Colégio Pedro II, nesses ultimos anos, do presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra e dos ministros Clemente Mariani e Eduardo Rios Filho, além de outras autoridades do Ministério da Educação. Lembrou ainda a vida pregressa do atual ministro Pedro Calmon era uma garantia de que êle continuaria a dotar o Colégio Pedro II dos meios necessários ao seu desenvolvimento e à restauração completa de suas reinvidicações.

EM NOME DOS EX-ALUNOS

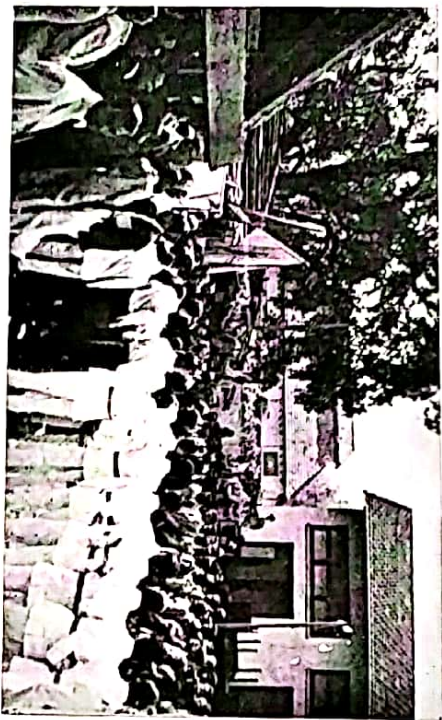
Em nome dos ex-alunos falou o dr. Carlos Dunches de Abranches presidente da Associação dos Ex-alunos, que enaltecendo a dedicação e o empenho do professor Vandick Londres da Nóbrega que foi um dos generais dessa grande batalha.

(*) Reportagem publicada pelo «Correio da Manhã» do dia 12-8-1950.

Falou, ainda, o professor Oscar Przewodowski louvando a realização da grande obra.

FALA O SR. CLEMENTE MARIANI

O ex-ministro Clemente Mariani teve, ainda uma vez, oportunidade de demonstrar publicamente a sua afinidade com o Colégio Pedro II e a satisfação íntima de ver concretizada a obra que projetara, felicitando o seu sucessor pelo entusiasmo com que se dedicava à realização de tão urgente empresa.



Um aspecto da solenidade

O PROFESSOR PEDRO CALMON E O COLEGIO PEDRO II

Falou em seguida o ministro Pedro Calmon, o qual, em palavras repletas de simpatia pelo Colégio Pedro II, exaltou a atuação dos ministros Clemente Mariani e Eduardo Rios Filho, bem como a ação decisiva do professor Vandick Londres da Nobrega, atual diretor do Colégio.

Perorando em feliz apóstrofe afirmou que se podia aquilatar da capacidade de um ministro da Educação pelo que porventura houvesse proporcionado ao Colégio Pedro II.

A LEITURA DA ATA

O professor Teófilo Moysés, secretário do Internato, leu a ata da solenidade, gravada em finíssimo pergaminho, que foi assinada pelos presentes e cujo teor é o seguinte:

Aos onze dias do mês de agosto de mil novecentos e cinquenta nesta cidade do Rio de Janeiro, ao se iniciarem os trabalhos de construção do novo edifício do Internato do Colégio Pedro II, cujo projeto foi planejado durante o governo do Exlentíssimo Senhor General Emílio Gaspar Dutra, sendo ministro da Educação e Saúde o doutor Clemente Mariani, diretor geral de Administração o doutor Eduardo Rios Filho, diretor da Divisão de Obras o doutor Rui Moreira Reis, e foi posto em execução sendo ministro da Educação e Saúde o professor Pedro Calmon, diretor geral de Administração o doutor Orlando Gomes Calaza, presidente da Congregação o professor Gil-dásio Amado e diretor do Internato o professor Vandick Londres da Nobrega, foi lido este termo que vai assinado pelas autoridades presentes ao ato, catedráticos, ex-alunos, membros dos corpos docente, discente e administrativo do Colégio Pedro II."

DESBRAVANDO O TERRENO

Ouviu-se, então, o ruído de possantes "drag-jinets" que, dando início aos trabalhos de construção do novo edifício do Colégio, entraram a executar serviços de terraplenagem, derrubando, de início, enormes pés de ótis plantados na colina e que obstruíam, intelizmente, o local destinado à construção.

BRINDE AO CHEFE DO GOVERNO

Em seguida foi servido "luch", e, "au champagne", o professor Nelson Romero levantou o brinde de honra ao presidente da República, agradecendo, em seu nome, o ministro Pedro Calmon.

SAUDANDO OS COLEGAS DO EXTERNATO

O aluno José Iosan, do curso clássico do Internato, em nome do corpo discente, saudou os colegas do Externato, representados por numerosa comissão, havendo agradecido um aluno do Externato.

O FUTURO EDIFÍCIO

Na construção do futuro edifício do Internato estão previstas as seguintes instalações:

I — Administração:

A — Diretoria

- a1) Sala do Diretor (sala de espera e sanitários anexos)
- a2) Secretaria
- a3) Sala do Secretário (sala de espera e sanitários anexos)
- a4) Arquivo
- a5) Sala de professores
- a6) Salão de visitas
- a7) Hall, Portaria e instalações sanitárias.

B — Serviços Médicos

- b1) Enfermarias para 12 leitos
- b2) Dentista
- b3) Consultório Médico
- b4) Laboratório
- b5) Curativos
- b6) Estação de enfermagem (copa, rouparia e sala de enfermeiros)
- b7) Instalações sanitárias.

C — Psicologia Educacional (uma sala)

II — Ensino:

A — Atividades curriculares:

- a1) Salas de aulas teóricas (24 salas)
- a2) Salas de aulas especializadas
- a2.1) Conjunto de física
- a2.2) Conjunto de química
- a2.3) Conjunto de história natural e ciências
- a2.4) Conjunto de geografia
- a2.5) Conjunto de desenho
- a2.6) Conjunto de trabalhos manuais
- a2.7) Conjunto de línguas vivas
- a2.8) Religião
- a2.9) Canto Orfeônico
- a2.10) Educação Física — Ginásio, Piscina, campos de esportes e vestiários anexos.

B — Atividades extra-curriculares:

- b1) Auditório (capacidade para 1.500 pessoas)
- b2) Biblioteca
- b3) Diretório
- b4) Recreação (sala de jogos e recreios).

III — Serviços Gerais:

- A — Almoxarifado e despensas
- B — Copa e cozinha
- C — Refeitórios
- D — Lavandaria, rouparia, depósitos de malas, etc.
- E — Alojamento de pessoal
- F — Alojamento de alunos (capacidade para 600 alunos)
- G — Quartos de vigias
- H — Sanitários, chuveiros e vestiários.

DUPLICADA A CAPACIDADE DE MATRÍCULA

O futuro edifício permitirá duplicar a capacidade de matrícula, de modo que se elege a 600 o número com possibilidade de serem, ainda, admitidos 300 semi-internos.



Tronco de uma árvore derrubada

DO AUDITÓRIO À PISCINA

O auditório terá capacidade para 1.500 pessoas e a piscina de que também será dotado o edifício, terá dimensões olímpicas.

Cada conjunto de salas será dotado de acomodações apropriadas aos professores das respectivas seções.

O QUE CONVÉM LEMBRAR

A construção da nova sede não interromperá as atividades escolares. Estas continuarão nas dependências do antigo edifício, velho de quase um século, enquanto os trabalhos de levantamento das novas instalações prosseguem em ritmo acelerado, na elevação que se situa aos fundos. A par do apoio do governo a feliz iniciativa é justo não esquecer a atuação decisiva do professor Vandick Londres da Nóbrega, a cujo espírito moço e entusiasmado o Internato aquilo que outros não lhe quiseram ou não lhe puderam dar.

ERA UMA ALEGRE TRADIÇÃO DA CIDADE

Definitivamente incorporados, ao patrimônio do Internato do Colégio Pedro II, a sede e o terreno do antigo Clube de São Cristóvão — Inspiradas as desapropriações na necessidade de ampliar as futuras novas instalações do secular educandário — Outra esplêndida vitória do prof. Vandick Londres da Nóbrega.



S chaves do velho Clube de São Cristóvão acabam de ser entregues à direção do Internato do Colégio Pedro II. Por isso, há alguns dias que o pavilhão nacional tremula na sede da antiga agremiação durante as horas de expediente do Colégio, indício de que o imóvel já foi definitivamente incorporado ao patrimônio do secular educandário. Desaparece, assim, o último obstáculo que ainda se opunha ao prof. Vandick Londres da Nóbrega na consecução de um objetivo que vem assinalar o ponto alto de sua benemérita passagem pela direção daquela casa. Ali estivemos, ontem, numa visita de saudade. Também guardam a satisfação toda íntima — e é o caso de quem redige estas linhas — de haverem passado, como alunos, pelos bancos do Internato.

O prof. Vandick recebe-nos, amável, e não s sem emoção que inicia a palestra, recordando todas as fases da campanha, dado que não esteve alheio a nenhuma fase de seu desenvolvimento, desde a idéia de pleitear a desapropriação até o recebimento das chaves mediante assinatura do respectivo termo perante o Serviço do Patrimônio da União. É verdade que, em agosto do ano findo, ao examinar as plantas do novo edifício, não se conformou com a redução da área destinada ao recreio dos alunos. Tal fato o preocupou durante dias até que, indo aos dormitórios em visita normal de inspeção, teve oportunidade de contemplar a extensa área do Clube de São Cristóvão, capaz de afastar as falhas do projeto em elaboração. Compreendeu imediatamente que isto iria, também, permitir o aumento de matrículas antes mesmo de ficar concluído o novo edifício, além de dotar o Internato de um auditório, lacuna essa incompreensível em um estabelecimento como aquele.

UTOPIA...

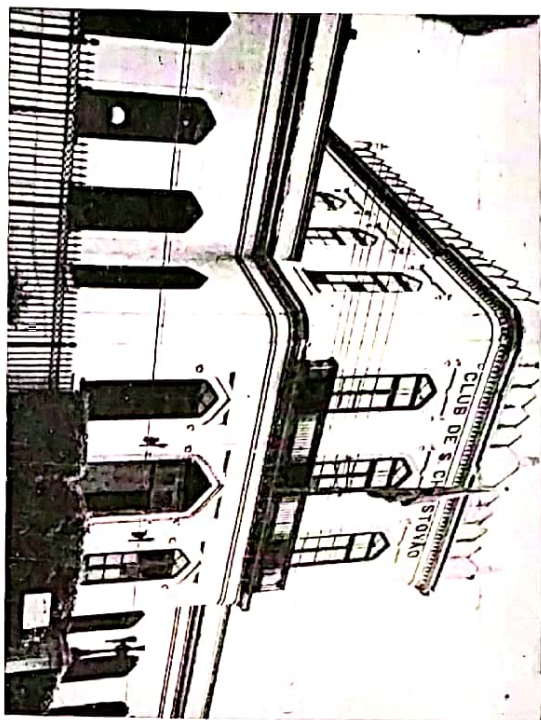
As primeiras pessoas com as quais o prof. Vandick externou a sua idéia classificaram-na de utópica. Nem assim, entretanto, o seu autor se considerou vencido. E, aos nove dias do mês de agosto do ano findo, dirigia o diretor do Internato, ao então ministro Clemente Mariani o ofício n. 384 no qual justificou a necessidade da desapropriação e tão confiante estava da sua aceitação por parte das autoridades superiores que anexou, ao ofício, uma minuta do decreto.

(*) Reportagem publicada no «Correio da Manhã» de 19-11-1950.

O DECRETO 27.279

O resultado de tudo isto foi o decreto n. 27.279 de setembro de 1949 do presidente Dutra, que considerou de utilidade pública, para desapropriação, o imóvel citado.

Com o decreto em questão, sentiu o prof. Vandiek que a semente estava apenas lançada e que muitas dificuldades teria, ainda, que enfrentar. E não se enganou.



A fachada do edificio onde funcionava o «Clube de São Cristóvão», atualmente incorporado ao Internato do Colégio Pedro II.

PLEITEADA A REVOCAÇÃO DO DECRETO

Os sócios do Clube de São Cristóvão, à primeira vista não receberam bem o notícia e endereçaram um memorial com mais de 15 mil assinaturas, no qual pleiteavam a revogação do mencionado decreto. A esse respeito, observa o prof. Vandiek.

— Nenhuma outra razão que não fosse o desejo de dolar o Internato de instalações condignas moveu-me nos passos dados em prol da incorporação que reputo indispensável. Jamais alimentei qualquer hostilidade contra o Clube de São Cristóvão, que julgo uma instituição tradicional de inegável utilidade para a sociedade carioca. Aliás, estou convencido de que a desapropriação de seu velha sede não implicaria em seu desaparecimento. Pelo contrário, confio em que venha a conhecer nova fase de fecunda existência e renovada atividade de uma sede digna de suas tradições. Para tanto, parece-me que as autoridades municipais não deixarão de colaborar com a dire-

torria do Clube de São Cristóvão, facilitando-lhe a consecução, dentro em breve, de seus altos objetivos.

A MISSÃO DE POSSE

Sem esmorecer, tratou, o prof. Vandiek de obter a inclusão, no orçamento do corrente exercício financeiro, já em discussão no Senado, de dotação suficiente para ser requerida a Inmissão de posse nos termos da lei.

No dia em que o Presidente da República aprovou o plano de obras do Ministério da Educação e Saúde, o diretor do Internato levou, em mão, ao ministro da Fazenda, o ofício que solicitava o depósito, no Banco do Brasil, da importância correspondente a vinte vezes o valor locativo do imóvel.

SUSTADO O DEPÓSITO

Mas sucedeu que, de acórdio com o decreto n. 27.918 do Poder Executivo, foi susinado todo o depósito até segunda ordem. Diante disso o diretor do Internato, em ofício n. 148, de 10 de abril, dirigido ao ministro da Educação, tomou a liberdade de solicitar que o caso do depósito não obstante o decreto presidencial, fosse resolvido favoravelmente, em caráter excepcional.

O APÓIO DO GOVERNO

O Presidente Dutra, que jamais deixou de dar todo o apoio material ao Colégio Pedro II, aprovou, imediatamente, a exposição de motivos que lhe levou o Ministro da Educação. Feito o depósito, o processo devia seguir o rito normal em juízo.

A AÇÃO DO PROCURADOR DA REPÚBLICA

O procurador da República incumbido de representar a União em juízo na ação de desapropriação do Clube de São Cristóvão foi o Dr. Tenistocles Cavalcanti, que sendo, também, professor, sempre atendeu as ponderações que varias vezes lhe fez o prof. Vandiek. Ambos tinham, como intuito imitar o Colégio na posse do imóvel.

TEMPO RECORDE

Os que qualificaram de utópica a idéia do prof. Vandiek tiveram oportunidade de observar a rapidez com que o Colégio Pedro II, graças a atuação do seu diretor, adquiriu mais esse imóvel para aumento de seu patrimônio.

Foi um verdadeiro recorde de rapidez, em casos dessa natureza. Geralmente as dificuldades e os recursos usados numa ação de desapropriação protelem consideravelmente a posse de fato do imóvel. No caso do Clube de São Cristóvão, o Colégio recebeu as chaves e entrou na posse de fato do imóvel, apenas decorrido um ano e 40 dias da assinatura do decreto.

O TERMO DE ENTREGA

É do teor seguinte o termo de entrega do prédio do Clube de São Cristóvão ao prof. Vandiek Londres da Nóbrega:

“Aos dez (10) dias do mês de novembro do ano de mil novecentos e cinquenta (1950), na Delegacia do Sertão do Patrimônio da União, no Distrito Federal, perante o respeitável chefe, engenheiro Nilson de Carvalho Rezende, comparecen o Dr. Vandiek Londres da Nóbrega, diretor do Colégio Pedro II, Internato, devidamente apresentado pelo colista n. 938, de 8 de novembro de 1950, do senhor diretor do Departamento de Administração do Ministério da

Educação e Saúde, para receber o imóvel situado no Campo de São Cristóvão, sob o n. 137, presentes também duas testemunhas de minha conhecida e que também assinam o presente termo. Pelo representante da União Federal, foi dito então perante as mesmas testemunhas: — que, esta entrega foi autorizada por despacho do senhor diretor do Serviço do Patrimônio da União, exarado em 9 de novembro de 1950, a fls. 11 do processo protocolado no Ministério da Fazenda sob o número 161.655, de 1950, para ampliação do Colégio Pedro II — Internato e construção de novos edifícios do mesmo estabelecimento; que, o imóvel a que se refere o presente termo tem a área total de dezesseite mil oitocentos e sessenta e oito metros e oitenta decímetros quadrados (17.868,80m²), sendo de setecentos e setenta e um metros quadrados (771,00m²) a área ocupada pelo edifício do Clube de São Cristóvão; que, por Decreto n. 27.279, de 30 de setembro de 1949 foi desapropriado o imóvel de que se trata, tendo se efetivado a emissão de posse pela União Federal, representada pelo Senhor Diretor do Patrimônio da União, Dr. Gastão de Castro Cunha, em 16 de maio de 1950, estando os Autos de desapropriação em juízo, em que são partes a União Federal e o Clube de São Cristóvão, registrados a fls. 83 sob o n. 4.453, na Terceira Vara da Fazenda Publica. — Pelo senhor chefe da Delegacia do Serviço do Patrimônio da União, no Distrito Federal foi dito que entregava o Imóvel acima referido mandando lavar o presente termo, em dez de novembro de mil novecentos e cinquenta. Delegacia do Serviço do Patrimônio da União no Distrito Federal, em 10 de novembro de 195. (a.a.) Nilson de Carvalho Rezende, Vandick Londres da Nóbrega, Mario Soares de Azevedo e Alfinito Neto.

A ADMINISTRAÇÃO

Respondendo a uma pergunta, disse-nos o prof. Vandick que ainda estava examinando quais as sessões que passariam a funcionar no Edifício do Clube de S. Cristóvão, mas tudo parecia indicar que seria a parte administrativa do Colégio: — diretoria, secretaria, protocolo e arquivo. As salas ocupadas por essas sessões no velho edifício serão transformadas em salas de aula.

A ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS

A Associação dos Ex-Alunos do Internato terá, no edifício desapropriado, uma sala independente, onde poderá instalar sua sede.

GRATIDÃO

O diretor do Internato tem expressões de simpatia e agradecimento para com todos os que o ajudaram na tarefa de dar ao secular educandário instalações à altura de suas tradições. E diz:

— Isto demonstra que as autoridades, quer no setor administrativo, quer no judiciário, estão prontas para atender às justas solicitações dos responsáveis pelo serviço público. Altos funcionários do Ministério da Educação, o Procurador da República, os próprios juizes e ainda os Diretores do Domínio da União, todos se revelaram solícitos, prestantes. A todos pois, a gratidão do Internato.

OPINIÃO DA IMPRENSA

O 1.º número de "Internato" mereceu as mais honrosas críticas da Imprensa escrita e falada, fato este que muito estimulou a direção a cumprir o que prometera.

Dentre as numerosas apreciações sobre "Internato" destacam-se as seguintes:

"INTERNATO"

Opção do Corpo Discente do Internato do Colégio Pedro II

Está publicado o primeiro número da revista dos alunos desse tradicional estabelecimento ensino, sob o patrocínio da Diretoria do Colégio. O título, na sua singeleza, exprime bem a intenção que ditou esse novo empreendimento, que vem colorir a velha instituição fundada por Bernardo de Vasconcelos no plano a que faz jus.

No artigo de apresentação vem esclarecido que a novel publicação se destina a testemunhar o nível cultural dos seus melhores estudantes e estimular outros a que alcancem. Distinguir-se-á, portanto, de outras revistas escolares pelo fato de não ser apenas uma publicação destinada à divulgação de versos, contos, crônicas, devaneios de adolescentes.

A sua matéria terá por conteúdo as produções relacionadas com as disciplinas dos currículos ginasial e colegial.

Cumprindo esse louvável programa, são publicados logo no número inaugural mais de uma dezena de bons trabalhos de alunos, que revelam o elevado padrão e índice de eficiência do ensino ministrado.

Ritmo e variedade são também as demais seções intituladas *Documentário*, *A Vida do Internato* e *Noticiário*, onde a par de abundantes fotografias e reproduções de documentos, encontram-se informações da maior atualidade para todos quantos se interessam pelas atividades do secular Pedro II e pelos problemas do Ensino secundário em geral.

Dentre esses se destaca o notável discurso proferido pelo ministro Clemente Mariani, ao parabenizar a última turma de bacharéis do Internato, e intitulado "*Troço aos Jovens*".

A futura material de Internato é primorosa, autêntica obra prima de nossa indústria gráfica. Impressa toda em excelente papel couchê, ostenta magníficas gravuras em cores e ótimos clichês. São brezentas páginas de luxo com uma bela capa também em cores, sobria e muito apropriada ao gênero.

A revista será também o órgão da Associação dos Ex-Alunos do Internato do Colégio Pedro II, servindo dessa forma como laço de união entre os antigos e as novas gerações, que passarão e estão passando pelos bancos do casarão de São Cristóvão.

Estão assim de parabéns também o corpo discente, como o incansável diretor do Colégio, professor Vandick Londres da Nóbrega, que foi o inspi-rador e grande realizador da nova publicação.

(*Jornal do Brasil*, de 10-3-1950).

UMA REVISTA DO COLEGIO PEDRO II

O Internato do Colégio Pedro II, tem agora uma bela e admirável revista, cujo primeiro numero acaba de aparecer. Chamasse "Internato" — título ao mesmo tempo exato e simbólico, como está expresso no seu artigo de apresentação.

"Internato", tanto pelo feito como pelo material que divulga, é uma revista que se destaca do tipo comum e convencional das revistas colegiais. O director do Internato do Colégio Pedro II, professor Vandirck Landru de Nobrega, teve justamente o proposito de realizar, com os estudantes, uma experiencia realmente diferente e inédita em materia de publicação escolar. E concretizou o seu intento de maneira elevada e brilhante.

Este primeiro numero de "Internato" — com excelente colaboração, vasto material documentario e fotografico, além de artisticamente preparado e impresso — representa bem uma imagem do estado cultural e da situação pedagógica do Internato do Colégio Pedro II. Chamamos sobretudo a atenção para o historico escolar de Joaquim Nabuco, que nos suas páginas agora se divulga, com todas as notas que obteve em seis anos como aluno Interno do Pedro II. É um material de incontestável interesse para os biographos do autor de *Minha Formação*.

(*Correio da Manhã*, de 7-3-1950).

O VELHO INTERNATO PEDRO II

Não há nenhuma dúvida de que "aquêles quinze anos trouxeram para o ensino — notadamente o ensino secundário — uma terrível confusão. Reformas sobre reformas, indicavam que o governo fazia experiencias sem bases solidas, em assunto de capital importancia, qual o de educar os jovens brasileiros. Por fim, veio a última reforma, com uma plethora de materias em cada ano, uma série de nomes pomposos e bombásticos, um dispendio terrível de energias por parte dos jovens escolares e resultados soffríveis, fracos, nulos mesmo. Ao fim de cada ano, o que se verifica é um verdadeiro candelão de reprovações, fruto do mal aproveitamento das aulas, consequência natural da confusão dos programas.

Todavia, embora essa seja a terra quase geral, é consolador verificar-se que, qua uma velha fortaleza, resistindo a todos os embates e intempéries, o velho Internato do Colégio Pedro II manteve-se firme em sua posição de gênio líder do país, conseguindo atrair a atenção dos jovens educandos para os problemas científicos e literários, numa demonstração aguda de interesse pela cultura. E, a prova disso archivamos de ler numa revista dos meninos do Colégio do Campo de São Cristóvão, revista essa de título profundamente simples, porém grandemente suggestivo: Internato. Recordando fatos passados na vida daquele educandário, contendo excelentes reportagens fotograficas da actualidade do collegio dando um panorama geral do que será aquela casa de ensino, graças ao decidido apoio do Presidente da República ao projecto de sua reforma, a revista renne diversas colaborações dos alunos internos, seja nos dominios da matematica, seja no campo das ciências, seja no âmbito da literatura. A linguagem em que êsses artigos estão usados, indicam com segurança que êles são da lavra de jovens e que não receberam as lições dos mestres. Os meninos foram entregues a si próprios, ás suas próprias conclusões, usando métodos pessoais no expender as suas idéias. Certas formas primárias de examinar determinados fenômenos hierárquicos, indicam exactamente o verior dos anos dos autores êsses trabalhos. Mas não há nenhuma dúvida que, mesmo em suas pequeninas falhas, êles são indicadores de que os jovens que os assinam representam uma autêntica promessa nos sectores em que procuram especializar-se.

Assim, o velho Internato, apesar dos problemas que vêm fustigando a nossa sociedade, apesar dos problemas que continuamente têm sido criados para os nossos jovens, afastando-os ou enfraquecendo-os dos livros, mantem-se como uma antena fortaleza da nossa cultura.

(*A Noite*, de 24-3-1950).

SURTIU O PRIMEIRO NUMERO DE "INTERNATO"

Acaba de aparecer o primeiro numero de "Internato", órgão do Corpo discente do Internato do Colégio Pedro II, uma revista, como dizem em sua apresentação, "que pretende ser uma imagem, uma representação ao vivo, do que é o Internato do Colégio Pedro II, não só nos seus estudos, mas também na sua existencia cotidiana. Uma revista de estudantes para estudantes".

Um volume com 272 páginas, em ótimo papel e com a colaboração de Ezequiel Marques de Andrade, Ozir Silveira Soares, Walter Horiz de Carvalho, Ricardo Mattos Teixeira, Jack Fernandes dos Santos, Domício Proença Nunes, Fernando Pereira Mannmann, Jório de Oliveira, Mario Jorge dos Santos, Wagner Freire de Oliveira, Francisco Mauro Dias, Geraldo Zacconi, Thiago Ribas Carneiro e José Yossan dos Santos Fonseca.

(*A Manhã*, de 25-2-1950).

"INTERNATO"

Os alunos do Internato do Colégio Pedro II, organizaram um verdadeiro album, de ótima feição grafica, com trabalhos dos alunos sobre os mais variados assuntos, desde o cavalo de Troia até as leis de Mendel. Uma das partes mais interessantes de "Internato", como documentário, é o resumo da carreira escolar de Joaquim Nabuco, extrahido dos arquivos do Colégio, com as notas que lhe foram attribuidas, as faltas que teve e seu comportamento em aula. É uma valiosa contribuição à historia de um dos homens mais completos de nossa historia.

(*O Globo*, de 3-3-1950).

"INTERNATO"

Recebemos "Internato" — Ano I — N. 1 — Janeiro de 1950 — Excelente revista editada pelo Colégio Pedro II (Internato), sob a direção do Sr. professor Vandirck Landru de Nobrega, director desse estabelecimento de ensino. Otimamente impressa, contendo 272 páginas e muitas gravuras. Colaboram nesse numero os Srs. Ezequiel Marques de Andrade, Ozir Silveira Soares, Walter Horiz de Carvalho, Ricardo Mattos Teixeira, Jack Fernandes dos Santos, Domício Proença Nunes, Fernando Pereira Mannmann, Jório de Oliveira, Mario Jorge dos Santos, Wagner Freire de Oliveira, Francisco Mauro Dias, Geraldo Ernani Zacconi, Thiago Ribas Carneiro e José Yossan dos Santos Fonseca.

Publica ainda a Orçação aos jovens, discurso do Sr. Clemente Mariani, Ministro da Educação.

Em sua apresentação a revista "Internato", propõe-se a exercer benéfica influencia na formação dos alunos que cursam o Colégio Pedro II.

(*Jornal do Commercio*, de 11-3-950).

Noticiário

INTERNATO

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA VISITA NOVAMENTE O INTERNATO



Presidente da República, Gal. de Exército Eurico Gaspar Dutra, acompanhado do ministro Pedro Calmon e do seu ajudante de ordens esteve no dia 2 de dezembro do ano findo, no Internato do Colégio Pedro II, onde presidiu ao almoço comemorativo do 113.º aniversário de fundação do estabelecimento.

Após receber os cumprimentos de todo a congregação e de centenas de ex-alunos ouviu repicar pela segunda vez na história da República Brasileira o tradicional sino, que outrora anunciava a visita do Imperador D. Pedro II ao Colégio.

RETRATO DO 1.º REITOR

Em seguida o Sr. Presidente da República inaugurou na galeria dos antigos diretores o retrato do 1.º reitor do Internato, Dr. Joaquim Marcos de Almeida Régio.

ANEXAÇÃO DO CLUBE DE SÃO CRISTÓVÃO AO INTERNATO

Na presença de autoridades, professores e ex-alunos, o Presidente da República cortou a fita simbólica da escada recém-construída que permite o acesso às dependências do Clube de S. Cristóvão, tendo sido vivamente aplaudido.

O ALMOÇO

Realizou-se por fim o almoço servido no refeitório dos alunos e de acordo com o cardápio do dia.

Encontravam-se presentes além do Excelentíssimo Senhor Presidente da República, os Ministros da Educação, Prof. Pedro Calmon, da Aeronáutica, Tte. Brigadeiro Armando Trompowski, Ministros

Amolfo de Paiva, Candido Lobo, Barros Barreto e Vicente Pirajibe, Gal. de Exército José Pessoa C. de Albuquerque, Deputado Benjamim Farah, Almirante Arquiendes Botelho, Prof. Joaquim Anazons, magnífico Reitor da Universidade de Recife, Dr. Orlando Calaza, Diretor Geral de Administração do M. E. S., Professores Cesario de Andrade e Alceu de Amoroso Lima, representantes do Conselho Nacional de Educação, professores e funcionários de ambas as secções do collegio e centenas de ex-alunos.

"Au champagne" o Professor Vandick Londres da Nobrega saudou o Presidente da Republica e senhores ex-alunos tendo proferido o seguinte discurso:

DISCURSO DO PROFESSOR VANDICK LONDRES DA NOBREGA, DIRETOR DO INTERNATO

Excelentissimo Senhor Presidente da Republica

Meus senhores:

Não quis Vossa Excelência encerrar o seu período governamental sem vir mais uma vez a este Internato, tão bem aquinhado durante a sua administração.

O ano passado tivemos a honra de receber de suas mãos a condecoração da Ordem Nacional do Mérito, generosamente concedida por Vossa Excelência ao Collegio Pedro II, que foi a primeira instituição cultural a ser distinguida com tão importante insignia.

Alunos, ex-alunos, funcionários e professores desta Casa sumamente melhorados por essa demonstração de estímulo e de confiança já se habituaram a citar o nome de Vossa Excelência como sendo um dos paladinos da educação e em particular como amigo do Collegio Pedro II.

Ao sermos elevados à direção do Internato comprehendemos o peso de nossa responsabilidade e ficamos no firme propósito de não medir esforços e sacrifícios para não desmerecermos da confiança em nós depositada.

Neste dia de festa alunos de várias gerações que moldaram a sua cultura com ensinamentos hauídos nesta Casa, confraternizam-se como se pertencessem à mesma familia consanguinea.

Aqui se encontram reunidos alunos de 1882 e de 1949; Ministros de Estado e simples funcionários; Ministros do Supremo Tribunal Federal, do Tribunal Federal de Recursos e meros serventários da justiça; General de nosso exército e officiais dos primeiros postos; juriscônultos e estudantes da ciência jurídica; industriais e operá-

rios; professores catedráticos e antigos discípulos; pessoas aquinhoadas pela Fortuna e outros para as quais a sorte não lhes foi favorável.

Mas em todos elles existe um traço commum que os une e os faz membros da mesma familia: — o Internato do Collegio Pedro II. É o milagre da força criadora e unificadora do espirito.

Todos elles se entendem. Não existe distância entre o occupante de altas funções publicas e outro que se encontra modestamente na latiche, se ambos passaram pelo Internato do Collegio Pedro II.

Quando o momento em que tivemos a iniciativa de convocar pelos jornais os antigos alunos deste Internato para que elles se congregassem numa associação,

Tão feliz e oportuno foi o nosso apelo que posteriormente os antigos alunos do Externato seguiram o mesmo exemplo e as duas associações já se encontram em plena actividade.

Convém esclarecer que alcançado o nosso objectivo de vermos constituída a sociedade consideramos decididamente encerrada a actualção da directoria, que se limita a prestigiar a entidade, a qual não poderia ficar sob a tutela de qualquer autoridade estranha.

Seja-nos licito, senhor Presidente, neste occaso de nossa administração, prestar a Vossa Excelência e ao Ministro Pedro Calmon, contas da missão de que nos incumbiram.

É verdade que nas grandes realizações levadas a effecto no Internato do Collegio Pedro II durante o seu governo o papel do director é apenas o de interprete das legitimas aspirações do estabelecimento que dirige.

Cabe-nos apenas o merito de haver formulado os pedidos e a honra de assistir a consecução de seus objectivos durante a nossa administração.

NOVO EDIFICIO

Há um ano atrás nós nos regozijavamos porque já se encontravam elaboradas as plantas do novo edificio do Internato. Hoje experimentamos a alegria de verificar que as obras estão em pleno desenvolvimento. Dentro de poucos dias os trabalhos de movimento de terra ficarão concluidos, já se encontrando assegurada a construção do pavilhão destinado aos dormitórios, com verbas do presente exercicio financeiro. No orçamento de 1951 recém-approvado pelo Congresso está consignada uma verba de sete milhoes e quinhentos mil cruzeros para o proseguimento das obras.

O novo edificio não seria dotado de áreas de recreio proporcionais à sua magnitude se fosse construido no exiguo terreno de que

dispunhamos. A diretoria do Internato levou o fato ao conhecimento do Poder Executivo por intermédio do titular da Pasta da Educação e Saúde e em setembro do mesmo ano Vossa Excelência assinou o decreto que considerou de utilidade pública para desapropriação, o imóvel indispensável para esse fim.

Gracas ao superior espírito de cooperação das autoridades zelosas no cumprimento das ordens governamentais foi possível ao Internato entrar na posse desse imóvel dentro de apenas 1 ano e 40 dias.

Este fato virá permitir ao governo proporcionar instrução a maior número de estudantes que buscam no Internato o alimento indispensável à formação do espírito.

BOLSAS DE ESTUDOS

Com o intuito de premiar os melhores alunos dos diversos Estados da Federação, foi instituído este ano o sistema de bolsas de estudos. Dessa forma, estudantes de todos os Estados desde o Amazonas ao Rio Grande poderão ser beneficiados com uma matrícula gratuita no Internato do Colégio Pedro II se satisfizerem às condições mínimas estabelecidas para a concessão desse prêmio. Este ano foram matriculados quinze bolsistas, distribuídos por 12 Estados do Brasil, devendo esse número elevar-se consideravelmente no próximo ano letivo.

GRATUIDADE

No orçamento de 1948 a soma das verbas destinadas à compra de material e à execução de obras importavam num total de Cr\$ 4.338.410,00, enquanto que no orçamento do presente exercício financeiro estas mesmas verbas atingiram a Cr\$ 14.310.950,00.

Consequimos ainda melhorar a situação para o próximo ano, pois no orçamento recém aprovado pelo Congresso Nacional foi consignada a importância de Cr\$ 16.650.000,00 para as mesmas verbas.

Em consequência dessa orientação que o governo de Vossa Excelência imprimiu ao ensino neste Internato foi possível conceder gratuidade a todos os alunos que provasssem merecer esse apoio do Estado. No primeiro ano de nossa administração, premiados pelas circunstâncias fomos forçados a estabelecer critérios, muitas vezes susceptíveis de falhas, para escolha do limitado número dos que podiam ser matriculados gratuitamente. Era uma situação difícil e angustiosa para o diretor, porque necessidade não se pesa. Tornava-se até odiosa a missão de escolher o merecedor da gratuidade dentre vários que comprovadamente não podiam pagar.

Hoje, Senhor Presidente, essa situação já não mais persiste, pois Vossa Excelência proporcionou ao Internato os recursos materiais para que sejam concedidas gratuidades a tantos alunos quantos podem merecer esse favor do governo.

PEQUENAS REFORMAS

Cumpre-nos ainda salientar as obras de pequenas reformas no prédio e nas dependências do Internato executadas durante o governo de Vossa Excelência. Este ano a seção dos banheiros e as dependências das serventes que se encontravam em precaríssimo estado, foram totalmente reformadas.

OUTROS EMPREENDIMENTOS

Não podíamos, ao relatar os empreendimentos desses últimos tempos, deixar de citar a instituição do ensino religioso, a organização de turmas com apenas 25 alunos, a substituição completa do cardápio existente por outro variado e de melhor qualidade, a criação de um Clube Agrícola, a publicação da Revista "Internato", órgão dos alunos e ex-alunos do Colégio.

IMPRESSÃO DO PROFESSOR PIGANJOL

Há poucos meses estive no Internato um dos mais atamados professores da França, que numa longa e minuciosa visita percorreu todas as dependências do Colégio, desde os dormitórios, sala de aula até a cozinha e recreio.

É ele membro do Colégio de França e do Instituto de França, que são inequivocamente as duas mais importantes instituições culturais da França e de fama mundial. Trata-se do Professor André Piganiol, mestre insigne e parnomoioso nos seus julgamentos. Ele que jamais ouvira falar no Colégio Pedro II, depois de verificar *de visu* o que era o Internato, como viviam e estudavam os nossos alunos teve a exímia gentileza de espontaneamente escrever de próprio punho as suas impressões. É um documento escrito em língua francesa, e que dado o conceito do autor nos meios culturais do mundo tornamos a liberdade de traduzi-los e levá-lo ao conhecimento de todos para que seja amplamente divulgado:

"O Colégio Pedro II me parece ter uma missão de importância excepcional. Recebendo alunos de todas as partes desta imensa terra brasileira ele é um dos órgãos que contribuirão mais poderosa-

mente para realizar esta maravilhosa unidade, esta solidariedade que nós admiramos. Eu vi os dormitórios arejados, impecáveis os refeitórios luminosos. Vi os alunos a escutarem com mais vivo interesse uma lição que lhes era ministrada no momento. Era uma lição de geografia, cada aluno tinha diante de si o atlas aberto. Mas eu admirei principalmente a biblioteca não por ser uma sala vazia, mas ali compareciam dias vezes por semana obrigatoriamente, e que pediam os livros que desejassem. Fê uma realização que faz grande honra a quem compreende tão bem a importante tarefa de nossa educação de incentivar no jovem o gosto da leitura. Observei os títulos dos livros escolhidos: havia o "Dernier de Mohicans", e isto me fez lembrar passagens de minha meninice. Havia também livros graves, principalmente de viagens. As revistas são numerosas e permitem aos estudantes mais velhos a formação de uma cultura científica. Até os professores encontram nesta biblioteca um maravilhoso instrumento de trabalho. Isto me impressionou vivamente. Eu li nas resenhas da Academia Brasileira as felicitações dirigidas pelos acadêmicos a um de seus colegas escolhido para o corpo de professores do Colégio. Por consequencia o nível de ensinamento é assegurado por escolhas que se fazem no seio de sábios eminentes. Ensinar no Colégio Pedro II é considerado como uma grande honra. Eu penso que estes jovens que têm o privilegio de ser admitidos no Internato não esquecerão jamais os homens de alta cultura que se dedicam a guilhós. Cansou-me a melhor das impressões esse foco intelectual."

Prossigue o Professor Pigamiol em considerações sobre a pessoa do diretor, motivo pelo qual nos eximimos da obrigação de transmiti-las.

Senhor Presidente. O carinho e a presteza com que Vossa Excelência sempre atendeu às legítimas pretensões do Colégio Pedro II bem revelam a segura orientação que o seu governo imprimiu aos destinos do Brasil.

Nesta hora difícil para a humanidade, em que sentimos a ameaça de nova conflagração mundial, é preciso que se desenvolvam cada vez mais entre os homens as qualidades superiores do espírito. Felizes os povos, cujos governos prestigiam a cultura, porque somente a intelligência desenvolvida aliada à pureza de sentimentos permitirá conservar o verdadeiro espirito de fraternidade.

Vossa Excelência, Senhor Presidente, enriqueceu o patrimônio politico do povo brasileiro criando e desenvolvendo nas diversas entidades sociais a mentalidade de respeito à lei e à Constituição.

Jamais se valeu Vossa Excelência do prestígio de sua autoridade para satisfazer a interesses individuais e contrários à Constituição da República.

O honren, diz-nos Renard, deve ser um funcionário da ordem. A ordem precixiste a todos os direitos individuais e os direitos individuais não são senão um reflexo da ordem.

O governo de Vossa Excelência, Sr. Presidente, tem sido um escravo da ordem e da lei, porque impregnou na consciência do povo o culto da legalidade.

Fê preciso que todos os nossos homens públicos aprendam essa grande lição que Vossa Excelência ministrou ao povo brasileiro e dela tirem os devidos ensinamentos.

Vossa Excelência, na qualidade de primeiro magistrado da Nação, mostrou ao Brasil e ao mundo como é possível e lido ter a autoridade e dela jamais se valer para cometer desmandos e violências.

O critico italiano Francesco Soriano, num recente artigo publicado na revista "Vita e Pensiero" sobre o momento atual diz muito acertadamente que o "mundo não se encontra acometido por uma grave e profunda crise politica: o mal que o perturba poderá ter manifestações politicas, mas é de natureza muito diferente; é um mal que atormenta a sociedade humana em seu centro vital."

De fato, o mal não é o apontado por muitos falsos profetas. A única pessoa que tão corajosamente o apontou ao mundo foi Pio XII na enciclica "*Humani Sacri*".

Éle que se encontra equidistante das paixões dos homens pôde melhor diagnosticar o mal e apontar ao mundo o remédio adequado.

"Lixata-se o ateismo privado e público; Deus é repudiado; os costumes não têm mais fundamentos; a imprensa vitupera o sentimento religioso divulgando obscenidades.

Com falsas promessas engana-se o povo que é propenso ao ódio, à rivalidade, à rebelião".

Se os homens não desprezassem o Criador saberiam dar ao direito natural a verdadeira importância, porque dêle se derivam todos os direitos subjeivos.

A falta de carater e de respeito à própria personalidade, assim como o egoismo desmedido são as consequências immediatas dessa triste situação.

Gracas à sua formação cristã, Sr. Presidente, Vossa Excelência pôde proporcionar ao País esse clima de confiança, de tranquillidade, de trabalho e de respeito à lei.

Os professores do Colégio Pedro II, compreendidos de sua tarefa na formação da mentalidade dos jovens estudantes, procurarão responder às constantes atenções de Vossa Excelência desdobrando-se no cumprimento de suas obrigações.

Aqui nesta Casa, Senhor Presidente, haveremos sempre de ensinar aos nossos discípulos a colocar o interesse coletivo acima do pessoal e a jamais adotar princípios em função de vantagens pessoaisíssimas.

Ao prestarmos a Vossa Excelência, Sr. Presidente, na presença do Sr. Ministro da Educação e dos ex-alunos deste Internato contas da missão que nos foi confiada, sentimos profundamente honrados, porque experimentamos a satisfação do dever cumprido e a de não haveremos traído aos princípios que sempre proclamamos.

Senhores Ex-Alunos: Bem sabeis que não medimos sacrifícios para que o vosso Colégio não perdesse o justo prestígio que desfruta no cenário da educação nacional. Podemos afirmar que demos ao Internato o quanto de energia e de esforço havia ao nosso alcance. Sacrificamos interesses particulares, fomos impedidos a reduzir ao mínimo as horas destinadas ao convívio familiar; investigações de caráter cultural e científico foram prejudicadas ou paralizadas por falta de tempo. Não fizemos essas considerações para merecermos encontros, mas com o objetivo de justificar o nosso desejo de abreviar esses sacrifícios.

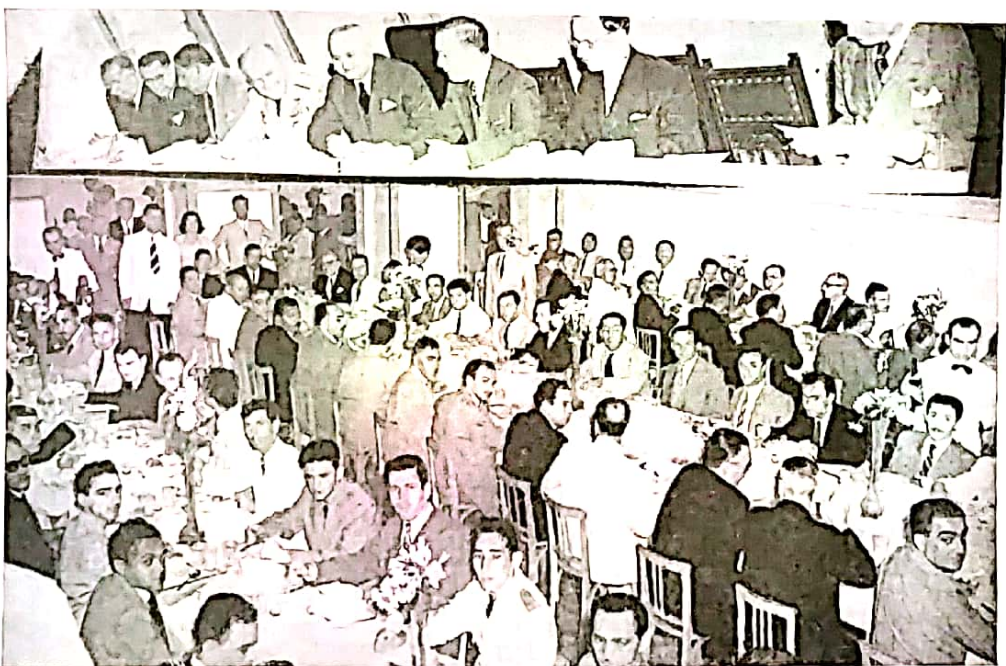
Se mais não demos ao vosso Internato não foi por falta de vontade de querer dar mais.

Em nosso nome pessoal, Senhor Presidente, e no do Colégio Pedro II apresentamos a Vossa Excelência *ab inno pectore* os mais sinceros votos de profundo agradecimento pelo muito que fez o seu governo no setor da Educação Nacional e rogamos a Deus que lhe proporcione dias tranquilos e felizes como recompensa do grande exemplo de democracia, de probidade e de trabalho honesto que Vossa Excelência teve a ventura e a glória de dar ao Brasil.

A ORAÇÃO DO DR. DUNSHEE DE ABRANCHES

Seguiu-se com a palavra interpretando o pensamento dos antigos alunos, o Dr. Dunshee de Abranches, que pronunciou o seguinte discurso:

“Pela segunda vez cabe-nos a honra de ser o intérprete dos antigos alunos: nesta festa, tão grata ao nosso espírito e que já se integrou nas tradições do Internato. A culpa de não ouvirdes hoje



Aspectos do almôço

melhor orador, em uma solenidade à qual concorreram tantos e tão bons, é, porém, da Assembléia Geral que reconduziu-nos à presidência da Associação. Em vão apelamos para o nome de José Phildelpho de Barros e Azevedo, a quem por todos os títulos, caberia este posto. No entanto, os seus deveres, como representante da cultura jurídica brasileira junto à Corte Internacional de Justiça, com séde em Haia, continuam a retê-lo longe da pátria. Manuel Guilherme da Silveira Filho, titular de uma das pastas de mais pesadas responsabilidades do atual Governo, excusou-se, com o argumento de já occupar a presidência do Conselho Deliberativo. Candido Mesquita da Cunha Lobo alçado à curul de Ministro do Tribunal Federal de Recursos, não quis aceitar mais que a vice-presidência. Edmundo de Miranda Jordão, absorvido pelos altos cargos que exerce, também declinou do convite. Seria enfadonho recitar a lista dos que foram solicitados e poderiam, melhor que nos, dirigir os destinos da Associação. So nos restava, portanto, acatar a decisão soberana do plenário e dar cumprimento aos deveres do cargo. Um deles é recordar-vos a personalidade dos companheiros desaparecidos nos últimos doze meses. São sete os colegas que hoje não mais responderão à chamada: Alvaro Goulart de Oliveira, Leonidas Ribeiro de Rezende, Euclides de Medeiros Guimarães Roxo, Steio Galvão Bueno, Jorge Lessa Motta Reis, Eduardo Borges da Costa e Carlos Eduardo Soares de Moura. Com o falecimento do primeiro perdeu a magistratura brasileira um legítimo expoente. Alvaro Goulart de Oliveira foi um autêntico *self-mademan*. Seu pai, modesto funcionário público, exerceu o cargo de fiscal de Inspector Geral de Humação e tendo numerosa prole, apelou para o Colégio Pedro II, obtendo que o filho fôsse matriculado no 1.º ano, em 1894. O menino Alvaro currou o Internato até o 4.º ano em 1899, quando se transferiu para o Externato. Já revelava então alguns traços do seu marcante caráter e inteligência. Infelizmente, o fato de ter pai vivo não lhe permitiu obter a renovação da matrícula nas condições iniciais, o que o forçou a concluir o curso com grande dificuldade. Esse acontecimento deixou funda mágoa no espirito de Goulart de Oliveira, que até pouco antes de sua morte o recordava com amargura. Concluiu o curso de Direito nesta capital, ingressou no Ministério Público, fazendo brilhante carreira, desde promotor adjunto, até atingir o posto máximo, como Procurador Geral do Distrito Federal. A passagem pelo Tribunal do Juri, serviu para revelar, em tóda intensidade, agüidade mental, os dotes de oratória e os estudos penalísticos de Alvaro Goulart de Oliveira. As acusações que então produziu fizeram época no Foro carioca, gran-

gando-lhe um lugar de honra entre os dez promotores notáveis, escolhidos por eleição realizada entre os seus pares. A transferência para a magistratura marca uma fase nova na vida do saudoso colega. Nomeado Desembargador, o seu temperamento se abranda e a sua cultura jurídica se expande, revestindo-se do mesmo brilho e segurança revelados na provincia do Direito Penal. A sua obra sobre *Renovação de Contrato* tornou-se classica, em nossa moderna literatura. E assim chega êle ao pináculo da vida pública, ascendendo ao Pretório Excelso. O Estado, que ajudara a instruir o menino pobre aqui entrado meio século antes, recebeu com juroz fabulosos aquêle pequeno empregado de capital, ao dar assento ao Ministro Alvaro Goulart de Oliveira no Supremo Tribunal Federal, cúpula do Poder Judiciário, guarda e intérprete máximo da Constituição.

Poucos dias depois da proclamação da República, nasce em Vargem Grande um outro ex-aluno desta casa, também destinado a exercer profunda influencia nas letras jurídicas brasileiras. Com a idade de 12 anos, o menino Leonidas Ribeiro de Rezende foi matriculado no 1.º ano em 1902 aqui fazendo todo o curso para obter em 1908, o almejado diploma de bacharel em Ciências e Letras do Colégio Pedro II. Conquistou vários prêmios e colaborou no jornalzinho de sua época, intitulado "O Ateneu".

Leonidas de Rezende começou a luta pela vida como funcionário da Câmara dos Deputados, tendo sido depois membro da Comissão de Exposição e Propaganda do Café (Turim-Roma). Exerceu o jornalismo e o magisterio, conquistando afinal a cátedra de Economia Política nas Faculdades de Direito da Universidade do Brasil e do Rio de Janeiro. Publicou várias obras sobre a especialidade, entre as quais a mais conhecida é a "Introdução ao Estudo da Economia Política". Ainda que discordando da filosofia marxista que Leonidas de Rezende abraçou e que se reflectiu em tóda a sua obra jurídica e universitária, não se pode deixar de reconhecer a sincera convicção, a bravura intelectual e elevação de espirito com que êle a defendia. Por isso, combatido, perseguido, renegado pelos comunistas, privado da cátedra e afinal restaurado nela, morreu Leonidas de Rezende cercado pelo carinho dos seus discípulos e pelo respeito dos adversários.

Euclides de Medeiros Guimarães Roxo, filho do engenheiro João Batista Guimarães Roxo, nasceu em Aracaju, em 10 de dezembro de 1890. Ingressou no Internato em 1904 e terminou o curso em 1909, com distincção gran dez em todas as cadeiras. Foi um dos alumnos mais brilhantes que passaram pelo Colégio em todos os tempos, se-

gundo o testemunho maníme de seus mestres e contemporâneos. Alcançou o prêmio "Panteon", reservado aos estudantes excepcionais e, desde os bancos escolares, revelou os seus pendores para a matemática e para o magistério. Colou grau na Escola Politécnica em 1916, sendo o orador da sua terra. Conquistou por concurso as cátedras de Matemática da antiga Escola Normal e do Colégio Pedro II. Foi diretor do Internato de 1925 a 1930 e do Internato de 1930 a 1934. Exerceu ainda, entre outras, as altas funções de Diretor do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Saúde e de Presidente da Comissão Nacional do Livro Didático. Foi o ardoroso reformador do ensino da Matemática no Brasil e afinal viu consagrados os méritos que preconizou na obra "A Matemática no Ensino Secundário", todos que preconizou na obra "A Matemática no Ensino Secundário". Publicou ainda inúmeras obras didáticas, adotadas em todo o país. A grande paixão de sua vida foi o magistério, que o consumiu até a morte prematura, cuja máscara guardava ainda aquele ar de menino sábio com que, no ano passado, nesta mesma data ainda o víamos sentado diante de nós.

Em 1920 uma senhora viva, com prole numerosa requeria ao diretor do Internato que "não possuindo bens de fortuna e, por conseguinte, não disposto de meios para custear a educação do seu filho Stehlo, menor de 13 anos, fosse elle matriculado nas condições regimentais.

Stehlo Galvão Bueno, segundo atestado do estimado secretário João Torres, foi "bom estudante com ótimo comportamento". Atingiu, na sua época, o posto de comandante-aluno do batalhão escolar, honraria a que todo o estudante aspirava, mais que qualquer outra.

Deixando o Colégio Pedro II, formou-se em Direito e cedo começou a exercer a advocacia criminal. Belo orador, inteligência viva, com acentuado gosto pela teatralidade, sagrou-se como um dos melhores tribunos do Juri de sua geração, o que é tanto mais meritório porque ella foi das mais ricas em especialistas desse ramo do Direito. As suas defesas no Tribunal Popular ficaram famosas valendo-lhe grande popularidade. Tal como Goulart de Oliveira, na promotória, Stehlo mereceu ser escolhido pelos seus colegas, como um dos dez advogados notáveis, cujos retratos figuram no Palácio da Justiça. As trágicas circunstâncias em que se deu o seu desaparecimento não conseguirão sombrar-lhe a memória, porque por ella velarão, com carinho e saudade, os seus colegas e contemporâneos.

Jorge Lessa Moita Reis pertenceu à turma que foi acolhida nestas salas vetustas em 1926 e que daqui saiu em 1930, completando este ano, precisamente, 20 anos da conclusão do curso. Tivemos a honra

de pertencer a essa turma e o dizemos com orgulho porque ella se notabilizou por um fato raro na história de nosso ensino: — Começou com 120 alunos, divididos em três classes e chegou ao 5.º ano com 17 alunos apenas, o que prova o rigor que aqui imperava. Formado em veterinária em 1935, Jorge Lessa obteve o 1.º lugar no concurso para biologista do Ministério da Agricultura e depois o prêmio de viagem ao estrangeiro. Foi assistente da cadeira de Microbiologia da Escola de Medicina Veterinária. Faleceu com 37 anos, em Fortaleza, quando procedia a estudos para delear uma epizootia de raiva. Vítimado no cumprimento do dever, é de esperar que o Estado não esqueça a viva e os filhos que ficaram com uma penso insufficiente.

Há poucos momentos recebemos a noticia do falecimento do professor Eduino Borges da Costa, illustre catedrático da Faculdade de Medicina de Minas Gerais e fundador do Instituto de Radiologia de Belo Horizonte, bem como da morte do colega Carlos Eduardo Soares de Moura, de que sabemos apenas ter integrado a turma de 1924.

O ano que está a se findar assinalou ainda o transcurso do centenario do falecimento de Bernardo Pereira de Vasconcelos, occorrido em 1.º de Maio de 1850. A efemeride merecia que toda a nação brasileira a celebrasse de modo condigno, à altura dos méritos daquelle que foi um dos seus maiores filhos. Infelizmente tal não occorreu. O nosso glorioso Colégio rendeu, no entanto, ao seu insigne criador grandes e comovedoras homenagens, da quais participaram mestres, discentes e antigos alunos, imannados na romaria ao seu túmulo no Cemitério de Catumbi, na sessão solene realizada pela Congregação.

Manda a verdade dizer que essas solenidades foram apenas um episódio mais brilhante do culto permanente, que se rende nesta Casa, à memoria do genial estadista da Regência e da Memoridade. Na verdade, Bernardo Pereira de Vasconcelos não foi apenas o ministro que planejou e referendou o ato da criação do estabelecimento, o diligente e estóico titular que, já quase paralítico, dirigiu as obras de adaptação do velho seminário e elaborou os seus estatutos. Mais que esses atos burocráticos, foi elle quem inspirou ao Colégio a ânsia de saber, e a chama de civismo, o amor à cultura e, especialmente, o génio democrático tão bem sintetizado nesta sua frase lapidária: "... mandar sem despotismo e obedecer sem servilismo".

Essas características, alimentadas com tanto desvêlo pelo Imperador e mantidas com sabedoria pela República, apesar de tôdas as vicissitudes, continuaram a ser imprimidas ao ensino que aqui se ministra há mais de um século, forjando o caracter e as aptidões dos cidadãos, depois destinados a desempenhar os mais altos cargos na

vida pública, inclusive três chefes de Estado: Rodrigues Alves, Hermes da Fonseca e Washington Luiz.

Cumpre-se ainda agradecer ao Excmo. Sr. Presidente da República, que, pela segunda vez, distinguiu os antigos alunos com a sua presença a esta festa de confraternização.

Pedro Calmon, orador cuja palavra alia a beleza da forma à profundidade dos conceitos, proclama, com acerto, que os nossos governantes podem ser julgados pelo que hajam feito pelo Colégio Pedro II.

Aplicado o critério à presidência do general Eurico Gaspar Dutra é de justiça reconhecer que poucos governos republicanos, qualquer que haja sido sua duração, terão cuidado mais da veneranda instituição como o de V. Exa., como o demonstrou em sua erudita oração o atual diretor desta Casa.

Mas não só pelos benefícios materiais que proporcionou ao nosso velho Colégio, Sr. Presidente tornou-se V. Exa. credor da gratidão dos antigos alunos. Os homens que aqui se reúnem, sem distinção de convicções políticas e credos religiosos, bens de fortuna ou preconceitos raciais, oriundos de todos os Estados da Federação e das mais diversas camadas, podem ser apontados, sem favor, como um paradigma da consciência brasileira.

O Colégio Pedro II incutiu-lhes o respeito pela Constituição, a observância da lei, o acatamento à autoridade, o apreço pelas liberdades públicas, enfim um acentuado amor por tudo quanto caracteriza o regime democrático.

Ora, Sr. Presidente, durante os cinco anos do seu Governo, o nosso querido Brasil destruiu um lustro de paz e de prosperidade como há poucos em toda a história pátria. Apesar de sua formação profissional se haver processado na caserna, V. Exa. revelou-se tão civil como os presidentes que mais o foram e tornou-se um autêntico campeão no que toca à observância da Constituição e das leis, o que valeu ao País ser apontado no estrangeiro como uma das Nações mais democráticas do mundo.

Por tudo isso, os antigos alunos querem exprimi-lhe, como cidadãos da República e defensores da Democracia, a sua gratidão pelo que fez em prol do Brasil, formulando os melhores votos pela sua felicidade pessoal.



O Presidente da República percorre dependências do Internato

DISCURSO DO PROFESSOR PEDRO CALMON, MINISTRO DA EDUCAÇÃO (*)

Senhores Ministros,
Meus senhores
Senhores diretores do Externato e do Internato do Colégio Pedro II
Estudantes

Sua Excelência, o Senhor Presidente da República, muito sensibilizado pela demonstração de carinho que aqui lhe é prestada, que aqui lhe é feita pelo nobre diretor do Internato do Colégio Pedro II, professor Vandick Londres da Nóbrega, pelo intérprete da Sociedade dos antigos alunos, professor Dunshee de Abranches, e pelas palavras tão joviais e oportunas do professor Mello e Souza, quer significar a esta douta coletividade do Corpo Docente deste glorioso Colégio e a quantos a ela se associam na comemoração festiva desta efeméride o seu sentimento de real alegria por aqui se encontrar e a sua satisfação como Chefe de Estado, de mais uma vez pessoalmente verificar que o Colégio Pedro II, graças aos esforços sinceros e constantes da administração pública, porém, sobretudo graças à persistência no culto de suas ilustres tradições, prossegue honrando o sistema federal de ensino e a cultura brasileira.

Realmente, minhas senhoras e meus senhores, é muito agradável para quem administra e esse contentamento tem agora o nosso eminente Chefe o Presidente da República, ao verificar com seus olhos, não de oitiva ou por informação remota, tendenciosa, suspeita, gratuita ou longínqua quanto os órgãos vitais do ensino, isto é aquéles que mais se interessam na formação da cultura nacional, cumprem as obrigações estatutárias que lhes incumbem e ao mesmo tempo realizam dentro das condições adversas do nosso tempo, uma obra inalterável de educação, passada nas lições do passado e sempre com esse alto sentimento de se mostrar a altura desse ilustre, desse glorioso passado.

O Colégio Pedro II não é no conjunto dos estabelecimentos similares da instrução pública um instituto como os outros: éle é mais

(*) Discurso proferido de improviso e não revisado pelo orador.

do que a categoria legal que os diplomas vigentes lhe consagram, elle é na paisagem de formação nacional uma Casa solitária, elle é único nas circunstâncias historicas, nas condições sociais em que elle se situa no quadro da civilização brasileira.

É o grande lieue fundado quase ao iniciar-se a vida soberana do Brasil em 1837, para preencher na capital do Império o grande vazio da educação de gran médio, propiciando a formação humanista dos homens que deviam dirigir a nação.

É dentro desse pensamento organico de um instituto que devia ser a sementeira dos estadistas, a academia dos estudos sérios, a grande casa das humanidades no País, foi que, desde o inicio atrain elle para a sua congregação os homens mais notáveis de que se honravam a ciência e as letras nacionais.

Quem quizer dar-se ao trabalho delicioso, com que tantas vezes eu me tenho alegrado, de consultar os repositórios historicos que guardam as tradições papirantes desta Casa, como por exemplo, a memoria que lhe foi dedicada, quando em 1937 comemoram elle o seu centenário, por Escregnole Dória, verá que não houve outrora um homem notável no dominio das humanidades, filosofo, naturalista, latinista ou helenista, homem de saber generalizado, que não voltasse olhos cubicosos para este Colégio, em cuja congregação podriam sentar-se ao mesmo tempo oito, dez dos mais illustres brasileiros, alguns havendo e foi o caso de Euclides da Cunha, cujo episodio final na sua tormentada e gloriosa carreira de homem de letras, foi a conquista penosa de um lugar de professor mediante concurso de titulos e provas neste estabelecimento.

Através de cem anos com isto turnas sucessivas, de estudantes habitados naqueles estudos sérios por tais professores podriam pagar pelo Brasil inteiro a fama do Pedro II.

Recordando tais tradições e o faço com muita satisfação nesta hora emotiva, em que aqui se reúnem os antigos alunos em torno da saúde dos tempos idos, é com prazer que verificamos que tal passado tem no presente uma continuidade rigorosa.

Os professores de hoje não desmerecem os de outrora. Os esforços docentes aqui realizados não são inferiores em relação aos de antigamente.

O Colégio continua inalterado, o governo lenfazejo, austero, legalista e digno do Presidente General de Lixército Eurico Gaspar Dutra não recusou ao Colégio Pedro II os favores olympicos que lhe eram pedidos na apresentação singela das necessidades mais urgentes desta Casa.

É aqui a temos hoje, com as suas instalações já em caminho de uma ampliação reclamada pelas conveniências do Internato, o ensino regularizado, as condições de convívio de estudantes e mestres pautadas pelas normas mais próprias e pedagógicas neste almôço reflexivas, com alguma melhora sem dúvida, um passado saudável que põem nas faces dos estudantes as rosas do bem estar, demonstrando na sua alegria juvenil que eles sinceramente participam desse sentimento geral de entusiasmo que marca o momento atual do Colégio.

O Presidente pois agradeceu às manifestações de carinho e de respeitoso apreço que lhe foram dirigidas pelo Internato e lamentando não poder comparecer ao Externato, onde em breve se realizará uma sessão comemorativa de outro gênero, que é o gênero literário, aliás em continuação ao de agora, porque, como vimos, a sobremesa do almôço sendo uma sobremesa retórica está de acôrdo com as tradições intellectuais do Colégio, antecipa o fulgor que vai ter a sessão de daqui a pouco, envia a todo o Colégio, a todos os professores, a todos os funcionários, a todos os estudantes a sua saudação mais sincera.

Será esta, em 2 de dezembro, a última oportunidade official de comparecer Sua Excelência a um almôço festivo na data natalicia do estabelecimento.

Sua Excelência porém assume para com o Colégio Pedro II um compromisso, que eu quero antecipar em seu nome, forçando-o portanto a aceitar esta obrigação, a de noutras oportunidades, depois de depor Sua Excelência no prazo certo os pesados encargos do governo, que tão galhardamente levou nos seus ombros robustos: virá desinteressadamente com o traje civil que usa, honrando o título que todos lhe conferimos de Presidente eminentemente civil verificar nos dois de dezembro se realmente o diretor do Colégio falou a verdade quanto ao caridápio do dia e se este continua tão saboroso e tão abundante como o de hoje, e o que é melhor conferindo-o com a comida cotidiana dos estudantes que, pelo visto, se luz a quantos vêm aqui fazer as suas refeições.

O Chefe de Estado sente-se satisfeito pelo contacto que mantém com a cultura nacional e o governo se honra, minhas senhoras e meus senhores, senhores professores, estudantes sempre que pode dizer em contacto com esta cultura que sente vibrante, vivo, enérgico, varonil o sentimento ascendental da pátria no grande momento de sua civilização, civilização rígida pelos princípios cristãos da dignidade humana e assentando porisso nas normas rígidas de uma educação exemplar.

FESTA DE ENCERRAMENTO E DISTRI- BUIÇÃO DE PRÊMIOS

Realizou-se no dia 21 de dezembro a festa de encerramento das atividades escolares do Colégio Pedro II — Internato, do ano letivo de 1950.

A solenidade se processou no edifício do antigo Clube de São Cristóvão, recentemente incorporado ao patrimônio do Colégio em consequência de desapropriação levada a efeito pelo Presidente da República.

Estiveram presentes ao ato os professores Gildásio Amado, Presidente da Congregação e Diretor do Externato, Vandick Londres da Nóbrega, Diretor do Internato, Quintino do Vale, João Batista de Melo e Souza, George Sumner, Nelson Romero, Jurandir Paes Leme, João Sabóia Barbosa, Josué Cardoso d'Afonseca, Jacques Raimundo, Filho da Mota, Franz Dobbert, Edgard Léger Belair, Octacílio A. Pereira, secretário do Externato, Theophilo Moysés, secretário do Internato e Carlos Alberto Dunshie de Abranches, Presidente da Associação dos Ex-Alunos do Internato, funcionários, alunos e famílias.

Aberta a sessão, o Professor Vandick Londres da Nóbrega, Diretor do Internato, pronunciou ligeiras palavras sobre o duplo motivo da solenidade, e disse que em primeiro lugar iria proceder a distribuição de prêmios aos primeiros alunos das diferentes séries dos cursos ginasial e colegial, nos termos da Portaria n.º 15, de 21 de abril de 1949.

Os prêmios Eugênio Raja Gabaglia, Alfredo Piragibe, Conselheiro João Capistrano Bandeira de Melo, Aureliano Correia Pimentel e Antônio Henriques Leal foram respectivamente entregues pelos professores Gildásio Amado, Quintino do Vale, George Sumner e Jurandir Paes Leme.

O senhor Secretário do Internato, professor Theóphilo Moysés, efetuou a leitura dos nomes dos alunos que fizeram jus aos diversos prêmios, de acôrdo com a seguinte relação:

Prêmio Eugênio Raja Gabaglia

João Carlos Alexim

Prêmio Alfredo Piragibe

Sérgio Vinícius Teixeira Rogatti

Prêmio Conselheiro João Capistrano Bandeira de Melo

Artur Eugênio Ferreira de Mesquita

Prêmio Aureliano Correia Pereira Pimentel

Domicio Proença Filho

Prêmio Antônio Henriques Leal

Joaquim Jerônimo de Moura Filho

PORTUGUÊS

Prêmio Silva Ramos (Média igual ou superior a 9,5)

Françisco Mauro Dias

Medalha de bronze (Média entre 9 e 9,4)

Rubens Moreira Theberg
Domicio Proença Filho

FRANCÊS

Prêmio Floriano de Brito (Média igual ou superior a 9,5)

Gerardo Luiz Ferreira

Medalha de bronze (Média entre 9 e 9,4)

Sérgio Vinícius Teixeira Rogatti
Rubens Moreira Theberg
Ivanlio Fialho

INGLÊS

Prêmio Guilherme Afonso de Carvalhalho (Média igual ou superior a 9,5)

Sérgio Vinícius Teixeira Rogatti
Rubens Moreira Theberg
Ruy Barcelos Capelli

Medalha de bronze (Média entre 9 e 9,4)

Haroldo Marques Pereira
Roberto Prince Lauria
Ivanlio Fialho
Guilherme da Cunha

LATIM

Prêmio Fortunato Duarte (Média igual ou superior a 9,5)

Sérgio Vinícius Teixeira Rogatti

Medalha de bronze (Média entre 9 e 9,4)

ALEMÃO

Nenhum aluno fez jus ao prêmio

Prêmio Augusto Guilherme Meschick (Média igual ou superior a 9,5)

Nenhum aluno fez jus ao prêmio

Medalha de bronze (Média entre 9 e 9,4)

Ernando Pereira Malhmann

MATEMÁTICA

Prêmio Arthur Thiré (Média igual ou superior a 9,5)

Sérgio Vinícius Teixeira Rogatti

Medalha de bronze (Média entre 9 e 9,4)

Lauro Augusto Cardoso Pinheiro
Artur Eugênio Ferreira de Mesquita
George Domingues de Gusmão

GEOGRAFIA

Prêmio Araújo Lima (Média igual ou superior a 9,5)

Nenhum aluno fez jus ao prêmio

Medalha de bronze (Média entre 9 e 9,4)

Nenhum aluno fez jus ao prêmio

FILOSOFIA

Prêmio Silvio Romero (Média igual ou superior a 9,5)

Françisco Mauro Dias

Medalha de bronze (Média entre 9 e 9,4)

Nenhum aluno fez jus ao prêmio

CIÊNCIAS NATURAIS

Prêmio Joaquim Monteiro Caminhôa (Média igual ou superior a 9,5)

Nenhum aluno fez jus ao prêmio

Medalha de bronze (Média entre 9 e 9,4)

José Constandio Austregésio de Atraiide
Ney da Silveira Cardador

HISTÓRIA

Prêmio João Ribeiro (Média igual ou superior a 9,5)

Targino Rezende
José Carlos Ubirajara Quedinho
Vitor Pacheco Mota
Arthur Eugênio Ferreira de Mesquita
Ivanlio Fialho

Domicio Proença Filho
Aramis Tavares da Silva
Gerardo Luiz Ferreira

Alberto de Medeiros
Walter Cantelmi
Ney Mauro de Brito Fonseca

Paulo Gerardo de Almeida Barbosa
Carlos Alberto Corrêa e Castro
Francisco Mauro Dias

Medalha de bronze (Média entre 9 e 9,4)

Newton Prado
Emmanuel Dimiltri Gonçalves Hasa-Kewlick

Lauro Augusto Cardoso Pinheiro
Maurício Távora Neto
José Carlos Cavalcanti Padilha

Jorge Rubens Gonçalves da Silva
Sérgio Vinícius Teixeira Rogatti
Rubens Moreira Theberg
Sérgio Pinheiro Soares

Guilherme da Cunha
George Domingues de Gusmão
Carlos Legér

Hélcio de Carvalhalho Welzer
Jorge Alberto do Santos
Eurloles Cesar de Matos
Ruy Barcelos Capelli
Vicente Francimar de Oliveira

João Batista Braga Teixeira
George de Palena Souza
Murilo Valente Amorim
Samuel Rocha Monteiro
Roberto de Araújo
Wilson Lima das Chagas

Wagner Freire de Oliveira e Silva

DESENHO

Prêmio Benedito Raimundo (Média igual ou superior a 9,5)

* *Prêmio de Desenho*
Piliño Brasil Santos
Lauro Augusto Cardoso Pinheiro
Vitor Pacheco Mota
Aramis Tavares da Silva

Enio Garcia Goulart
Ruy Barbosa da Silva
Wagner Freire de Oliveira e Silva

Medalha de bronze (Média entre 9 e 9,4)

Luís Carlos Bastos do Amaral
Sebastião Santos Junior
Frederico Joséli Nunes Ribeiro
Antônio da Silva Figueiredo Neto
José Carlos Ubirajara Quedinho
José Carlos Cavalcanti Padilha
José Augusto Deleuse Raimundo
Rubens Moreira Theberg
Domicio Proença Filho
João Batista Braga Teixeira
Deício Luiz Cardoso

Walter Cantermi
Roberto Souto Barreto
José Carlos de Souza Gonçalves

Medalha de bronze (Média entre 9 e 9,4)

Nenhum aluno fez jus ao prêmio

FISICA

Prêmio Francisco Xavier Oliveira de Menezes (Média igual ou superior a 9,5)

Prêmio Oliveira Belo (Média igual ou superior a 9,5)

Joaquim Jerônimo de Moura Filho
Arl Fernandes de Araujo
Gilberto Cardoso

Nenhum aluno fez jus ao prêmio

Medalha de bronze (Média entre 9 e 9,4)

GREGO

Carlos Alberto Corrêa e Castro
Enio Garcia Goulart

Prêmio Hans Hellborn (Média igual ou superior a 9,5)

Nenhum aluno fez jus ao prêmio

QUIMICA

Prêmio Guilherme de Moura (Média igual ou superior a 9,5)

Medalha de bronze (Média entre 9 e 9,4)

Nenhum aluno fez jus ao prêmio

Ernando Pereira Malhmann

A segunda parte da solenidade consistiu na entrega de diplomas aos novos bacharéis em Ciências e Letras.

O paraninfo da turma, professor Lafayette Rodrigues Pereira, encontrando-se ausente do País, escreveu uma saudação aos recém-diplomados, do seguinte teor, a qual foi lida pelo Diretor do Internato:

"Dentre os mestres que pontificam em nosso educandário escolhes-tes, para paraminhar a turma, o mais velho, talvez convictos de ser eu o mais apto a dar conselhos sobre o modo de evitar ou atenuar os escolhos da estrada da vida. É uma honra, é uma distinção que, não sendo solicitada direta ou indiretamente, quando espontaneamente outorgada, tem grato caráter imperativo. É uma ordem que chega a envaidecer; uma recompensa para os que labutam na árdua missão do magistério. É, pois, com alegria que recebo esta missão, caros discentes, não por vaidade, mas convicto de que nossa juventude ainda aprecia a justiça e da qual fogem os que tinham obrigação de respeitá-la.

Ainda nosso Colégio é o padrão do ensino secundário. Para perpetuar-se como paradigma, como modelo, é preciso que, sob todos os aspectos, se apresente sempre irreprensível. Para tal fim não devem ser poupados esforços. As energias de seus professores devem ser somadas, multiplicadas e elevadas a máximos expoentes com a nobre finalidade de aumentar o coeficiente cultural dos jovens brasileiros e, ao mesmo tempo, rebuscê-los moral e civicamente. O Brasil, mais que qualquer outra Pátria, tem necessidade de educação cívica, não só pela sua extensão territorial e imensas riquezas, mas também pelo espírito ordeiro e coração generoso de seu povo.

Através de todas as vicissitudes que têm atribulado o ensino em nossa terra, não obstante horas amaríssimas que há passado, o Colégio Pedro II foi, e será a bússola orientadora do ensino secundário, o leme seguro que há de conduzir à vitória, a mais esplêndida de todas, porque será a da inteligência na melhor de suas manifestações, a juventude brasileira.

Longe de parecer, tendo sofrido há poucos anos ataques demolidores de invejosos que o queriam anular, cada vez mais avulta a gigantesca obra de Araújo Lima e Bernardo de Vasconcelos, este principal operário da instituição magnífica que, melhor que qualquer outra, immortalizou no Brasil o nome augusto e venerando do maior dos democratas, não direi da América, mas do universo, e cujo nome devemos proferir sempre com verdadeira unção de patriotismo e de reconhecimento — Pedro II.

Ser patriota, caros discentes, é dever. O culto da Pátria, sem xenofobias, engrandece o homem e concorre para que se compreenda o respeito entre as nações. Só assim a humanidade poderá gozar de paz duradoura e expurgar do mundo as hegemonias doentias. Atualmente passamos dias ansiosos, em expectativas sombrias, pelas manifestações de loucura de dirigentes que pretendem avassalar o mundo com suas absurdas tendências absolutistas. Para tais imperialistas o homem deve ser escravo do Estado. Aliás, seria melhor dizer — os povos seriam escravizados a um grupo usurpador, que gozaria as delícias da vida apoiados em uma força armada com incalculáveis regalias. Já existem exemplos de misérias inqualificáveis, de perversidades inauditas lá pelas plagas europeias e asiáticas. É, pois, indispensável, que se premunia a juventude contra a propagação multiforme, torpe, dêsse inimigo número 1.

Meus jovens paraminhados — é indispensável uma alerta constante contra esse inimigo perverso, esse asqueroso Janus que acena com uma das faces aos incautos, fingindo mostrar-lhes um oceano de bondades e de venturas, e esconde na outra indescritível mundo de torpezas horripilantes, de perversidades inauditas. Olhos abertos, meus discípulos, não vos deixeis iludir por essa hidra; neutralizai esse letal veneno a fim de preservar vossas almas juvenis.

Esta mensagem, que escrevi antes de partir para o velho mundo, onde vou assistir ao encerramento do Ano Santo, é acompanhada de minhas despedidas. Em viagem terei sempre em minha mente os queridos discípulos que me distinguiram com o paraninfo. Espero, confiantes que seréis novos elementos de enobrecimento do Internato do Colégio Pedro II.

Adeus. Sede bons brasileiros, e sobretudo amantes da ordem e da justiça.

Finalmente o bacharelando Francisco Mauro Dias pronunciou o seguinte discurso:

Exmo. Sr. Presidente da Congregação do Colégio Pedro II.

Exmo. Sr. Diretor do Internato.

Senhores Professores e funcionários.

Minhas senhoras e meus senhores.

Meus colegas.

'Ao me apresentar diante de vós, na solenidade brilhante que marca o encerramento do ano letivo de 1950, atreando com a responsabilidade ilimitada de expressar o sentir da turma de bacharelandos que ora deixam o Colégio Pedro II, indizível é a emoção que experimento.

Contunde-me a nimia gentileza de meus colegas que, — permiti que o diga —, na sua imprevidência, houveram por bem designar-me seu representante nesta eventualidade.

Venho falar-vos convencido de que, esforçando-me, embora, por levar a bom termo a missão que me foi confiada, jamais poderei atingir o objetivo colimado. Somente a impossibilidade de uma recusa levou-me, portanto, a aceitar a incumbência que me determinavam.

Desejaria poder brindar-vos com uma oração à altura do significado deste momento, que dissesse bem dos sentimentos sublimes que animam os bacharelandos de hoje, que conseguisse, enfim, congregar idéias, expressar pensamentos, traduzir emoções.

Acabrunha-me confessar-vos que não está em minhas possibilidades a concretização desse ideal. Faço-o, entretanto, certo de serdes benevolentes em vosso julgamento e relevareis os lapsos em que me fiz incidir a inexperiência.

Decorridos sete anos desde seu ingresso no Colégio Pedro II, dez, dentre os alunos que, outróra constituíam uma turma cujo número ultrapassava uma centena, vêem chegar o momento solene da despedida do colégio que os acolheu.

O décimo primeiro, quem vos fala, somente de dois anos para cá desfrutava da ventura de pertencer a esse grupo, ao qual se acha preso por lares indestrutíveis.

Ao ponderar sobre esse fato, reluto em levar avante a empreitada cuja responsabilidade assumi. Animado, entretanto, pela confiança que em mim depositaram os colegas, concedendo-me a honra imerecida de os representar, prossegurei no desempenho do meu papel.

Ao atingir o escôpo em torno do qual gravitaram todas as aspirações, desenvolveram-se todas as múltiplas atividades estudantis de pouco mais de um lustro, evadido de surpresas e decepções, vitórias e algumas vezes, derrotas, impõe-se a necessidade de se lançar um olhar retrospectivo sobre o passado buscando investigar a pluralidade de causas que determinaram este ou aquele resultado, procurando verificar se, realmente, algum progresso pode ser constatado em nossa formação cultural.

Isto fizemos nós, bacharelandos de 1950.

O exame da vida escolar, sobre os mais variados prismas, veio trazer, a par da satisfação que proporciona a certeza do dever cumprido, o prazer inefável de recordar, reavivar em nossa memória, passagens pitorescas, quadros inesquecíveis que compõem todo um panorama indizível em sua simplicidade, insuperável, em sua beleza.

Ingressávamos, ontem, no Colégio, transpunhamos lépidos estes mesmos umbrais que já hoje, recobertos se acham da pátina que atesta, inflexível, a marcha implacável do tempo.

Custa-nos transpô-los agora...

Fazêmo-lo, entretanto, a levar conosco a lembrança eterna dos tempos aí passados, representados no vasto catedral de conhecimentos adquiridos, o melhor penhor, sem dúvida, da perpetuação dessas evocações.

Eretos os fundamentos sobre os quais se apoiarão as vias de acesso à especialização, verificada sua solidez por uma investigação acurada e segura, prosseguir, sem tributar aos edificadores dessa obra as homenagens a que fazem jus pela grandiosidade da realização, que levaram a efeito, dos planos anteriormente traçados, seria injusto e ignóbil. Igualmente errôneo seria nossa atitude se atribuíssemos ao esforço individual o mérito dessa campanha coroada de êxito. Do esforço conjunto, sim, de pais e mestres inteiramente devotados à educação de seus filhos e discípulos, coadjuvados, é certo, pela boa vontade desses, resultou a vitória cujos louros são, hoje, colhidos.

Senhores Pais:

Não poderia, ao me referir, com palavras de agradecimento, aos construtores da obra monumental com que nos deparamos, a educação e a instrução dos jovens a quem represento, fugir ao dever primeiro de render a vós que soubestes indicar a vossos filhos a verdadeira instrução, amparando-os em suas dificuldades, aconselhando-os nos transees difíceis, assistindo-os com o vosso paternal carinho, a homenagem de reconhecimento que mereceis.

Palavra humana expressaria, jamais, o sentimento de gratidão peregrina que nos anima ao vos demonstrar, com o gesto característico do filho, todo o afeto que vos consagramos!

Nós vos osculamos as mãos!...

Mestres dedicados do 3.º ano:

Difícil se me afigurou a tarefa de epatentear aos professores nosso agradecimento coligindo a lembrança de todos aqueles por cujas mãos passamos, prestando nossa contribuição ao encanecer de suas cabeças. Relativamente fácil se me esboçou, por outro lado, o alvitre de homenagear na vossa pessoa, os mestres cujos nomes guardamos nitidos em meio à sombra dos tempos passados. Optei por sua adoção.

Quiseram os bacharelandos de 1950 que a escolha de um parâmetro para sua turma reciasse sobre o vultu de um professor que, devotado, de há muito, à causa do ensino, se impõe por sua personalidade, sobressai por sua cultura: Dr. Lafayette Rodrigues Pereira.

Foi nosso intento, assim procedendo, render homenagem à figura veneranda de um mestre que, tendo dado o melhor de suas energias em proi da educação da juventude, encontra, ainda hoje, na lide sublime do magistério, uma fonte permanente de prazer, um meio de renovação constante de seu espirito jovem e sadio.

Motivos particulares obstaram, infelizmente, a que pudessemos desfrutar de sua presença, nessa oportunidade.

Sua ausência, entretanto, não nos impede de assinalar, para que permaneça viva no coração das gerações que, pelo Pedro II, hão de passar a admiração e o profundo respeito que devotamos ao mestre querido, a honra e o orgulho que sentimos em nomeá-lo, num prelo justo de gratidão, nosso paranhão.

Dr. Vandick Londres da Nóbrega:

A turma de bacharelados de 1950 vos apresenta, por meu intermédio, suas despedidas. Não, sem antes testemunhar sua admiração pelo vosso trabalho, sua gratidão pelo vosso interesse em elevar sempre mais o nome do Colégio Pedro II.

A homenagem filial que vos prestamos, porquanto, como Diretor representais a autoridade constituída, traduz, com vossa permissão, mais um sentimento de afeição que propriamente de respeito.

Vós vos empenhastes em levar avante todo um programa de restauração e melhoramentos tendo sempre em mente o maior aproveitamento do aluno, pelo aprimoramento da instrução, pelo zelo por sua condição material.

Gracas à vossa dedicação, levam os bacharelados que este ano se despedem do Pedro II, a recordação de um educandário em plena fase de progresso, um vanguardário insubstituível da instrução secundária em sua pátria.

Aceitai nossos cumprimentos.

Prof. Vera Maria de Freitas:

Impossível seria deixar o Pedro II, sem recordar, nesta breve oração, os méritos do curso de Química que tão bem ministrastes.

Vossa inteligência brilhante, aliada ao dom maravilhoso que possuis de transmitir com perfeição vossos conhecimentos, fazem com que permaneça, em nossa memória, a lembrança de vossas aulas, o conhecimento da matéria cujo ensino está a vosso cargo.

Sabemos que haveis desculpado os inevitáveis desastres de laboratório. Fazem parte da aprendizagem. Um becker que se nos escapa das mãos; uma bureta que cede ao esforço empregado para segurá-la; um tubo de ensaio que não resiste ao super-aquecimento; tudo são recordações felizes dos tempos de colégio...

Mais tarde, algum de nós, talvez, se encontre em um laboratório e, por entre os vapores que se evolem, indicando a manipulação desta ou daquela substância, haverá um pensamento voltado para o Pedro II, um pensamento que vos manifesta tóda a intensidade do agradecimento que, hoje, vos patenteamos, ao nos despedir.

Dr. George Sumner:

Terminados os estudos que constituem programa do curso secundário, repete-se para vós o ato da despedida, com suas alegrias e suas tristezas.

Queremos vos manifestar, nesse transe, nossos agradecimentos, por vosso devotamento à juventude brasileira, aos vossos pupiões do Pedro II.

A par dos conhecimentos que de vós recebemos no que diz respeito à ciência de Newton, sobestes bem incutir em nossa mente as normas que devem presidir nosso caminhar de aqui por diante. Podeis estar certo, nós vos dizemos à despedida, de que na turma de bacharelados de 1950 tereis sempre um motivo de orgulho, nas suas realizações um fruto da boa semente que tão carinhosamente esparzistes no decorrer deste ano.

Dr. Haroldo Lisboa da Cunha:

Por ironia inexplicável da sorte quem vos dirige a palavra, buscando expressar o reconhecimento dos que se despedem, este ano, do vosso convívio, pertence ao rol daqueles que não receberam o dom incomparável de apreciar, como vós, o estudo dos axiomas irreformáveis que regem a ciência dos números.

Tales ou Pitágoras, Rouché ou Laplace, Cauchy ou A Lambert já-mais conseguirão, apesar de seus méritos, impressionar-me como um Cicero, um Bossuet ou um Lacordaire.

É fugindo, pois, as minhas naturais inclinações que, no desempenho de minha incumbência, vos presto a homenagem a que fazeis jus, pelo vosso espirito brilhante de matemático insuperável, reivindicando, entretanto, o prazer de cumprimentar-vos como um professor cujas qualidades pessoais calivaram minha simpatia e minha afeição.

Prof. Jurandir Paes Leme:

Não me poderia faltar, igualmente, a lembrança de vos dizer algumas palavras de despedida e vos manifestar nossa gratidão pelo interesse com que ministrou os rudimentos de vossa arte.

Alegro-me com o fato de ser o portador desses agradecimentos, prometendo, em nome de todos, não deixar transitar para o olvido a lembrança de vossas aulas.

Oportunidades não faltarão para pôr à prova os conhecimentos de simetria que nos transmitistes ou os segredos de uma perspectiva que atrai e encanta.

Recebi nossa homenagem de reconhecimento e afeto.

Prof. Euryalo Cannabrava:

Constitui causa de especial satisfação para vosso aluno o transmitir os sentimentos de estima com que a vos se dirigem os bacharelados de 1950, por ocasião de sua despedida.

É necessário que vos demonstremos nosso apreço, patenteemos nossa admiração pela arte sublime de expandir idéias, examiná-las cuidadosamente, adotá-las ou não como expressões de uma verdade.

Soubestes despertar em vossos alunos o interesse pela vossa matéria, imprimeis ao ensino da Filosofia um novo carácter, que o torna agradável e atraente.

Mereceis que, ao apresentar nossas despedidas, vos façamos sentir nossa imortedoura gratidão pelo vosso esforço, nossa admiração profunda pelo vosso trabalho.

Professores Zillah de Moraes e Mecenas Dourado:
A afinidade das matérias que leccionais é o motivo por que a vós me dirijo em um só agradecimento.

O ensino de Geografia e História do Brasil, entregue a vossos cuidados, proporcionou aos bacharelados que vos saudam, por ocasião d'essa despedida, não somente o prazer inerente ao estudo dos assuntos que se relacionam com as tradições e o espirito pátrio, mas também uma illustração vasta e bem fundamentada.

Conseguistes plenamente o fim que vos propusestes ao iniciar vosso curso.

Nós vos somos agradecidos.

Professores Henrique Galvão e José Curvelo:

Vosso trabalho de orientar os alunos em aulas práticas cujas experiências confirmem teorias explanadas anteriormente ou esclareçam pormenores que fujam à compreensão immediata, quando não acompanhadas da observação, constituem um dos campos mais interessantes de nossos estudos de Física e História Natural.

Não falamos, hoje, ao dever de vos demonstrar nosso reconhecimento e aqui o fazemos, acompanhado-o de nossas despedidas.

Motivos imperiosos impediram que pudesse comparecer às solenidades que, hoje, congregam professores e alunos do Pedro II, a figura proeminente do Prof. Afrânio Coutinho, que, em seu mister de nos iniciar no conhecimento da litteratura pátria, sempre se mostrou capaz e eficiente.

A êle, também, o testemunho de nosso reconhecimento.

Aos funcionários do Pedro II, com os quais convivemos, utilizando seus préstimos, sempre à disposição, manifestamos, outrossim, nossos melhores agradecimentos.

Meus colegas:

De censura e não de congratulações deveria ser a palavra que para vós tenho reservado.

Impuseste-me o pesado encargo de expressar vossos sentimentos, nesta solenidade. Ao me aproximar do fim, já podeis bem aquilatar quão mal sucedido fui na empresa que me confiaram.

Desculpando-me, porém, torna-se necessário que reitere meus agradecimentos pela confiança que em mim tivestes. Faço-o, neste instante de despedida em que o coração se rejubila e se confrange ao mesmo tempo.

Tomou, entretanto, a liberdade de vos recordar a responsabilidade tremenda de que nos investimos ao receber o título de bachareis em

ciências e letras pelo Colégio Pedro II. Temos todo um acervo de tradições a perpetuar, todo um mundo de recordações a conservar.

Transponho o limiar d'este edificio que a pátria da velhice começa a recobrir levando aos ombros o encargo sagrado de honrar o seu passado, corresponder a confiança de seus mestres e edificar, com os conhecimentos, em seus mananciais hauridos, o futuro da pátria. Pautemos sempre nossos atos pelas normas aqui aprendidas, nunca nos afastando da vereda do bem.

Estejamos certos de que, sendo retos os designios que alimentarmos segura é a vitória de nossos principios, porque não nos faltará jamais a assistência divina desde que nos proponhamos a consecução de ideais nobres que visem a applicação dos ensinamentos de nossos mestres, a honra da Casa que deixamos e a grandeza de nosso querido torrão.

Tenho dito.

RESULTADO GERAL DOS EXAMES FINAIS

Classificação	CURSO GINASIAL									
	1.ª série A									
Resultados Finais										
	Português	Latim	Francês	Matemática	História	Geografia	T. Manuais	Desenho	Canto Orfeônico	MEDIA

ALUNOS HABILITADOS

1.º	Antonio Luiz Guimarães ..	7,4	8,5	7,3	7,6	8,3	6,6	9,9	8,4	9,9	8,2
2.º	Celso Monerat Araujo	7,0	7,1	7,2	8,0	8,1	7,3	9,0	6,2	9,1	7,7
3.º	Amaury Geraldi Soares ..	6,6	7,3	8,1	5,8	6,9	6,4	9,0	7,1	9,5	7,4
4.º	Danielo Alves Correa	6,3	6,6	6,9	5,7	7,2	8,4	8,7	5,2	8,6	7,1
5.º	Antonio Ribeiro Garcia	6,7	7,2	7,0	5,2	7,9	6,6	8,3	5,1	9,0	7,0
6.º	Clóvis da Costa Vaz	5,5	5,5	4,5	7,1	7,0	7,9	8,6	6,5	9,8	6,9
7.º	Ary Gomes de Senna	6,0	5,4	7,6	5,4	6,7	5,5	9,0	6,2	9,9	6,9
8.º	Antonio Badin	5,5	5,6	5,7	6,9	7,1	5,1	9,2	6,5	8,8	6,7
9.º	Demosthenes da C. Modesto ..	5,8	5,9	6,4	4,3	7,6	7,5	8,9	4,7	6,6	6,4
10.º	Antonio C. Leite Martins	6,0	5,9	7,5	5,9	5,5	6,7	7,1	4,8	7,1	6,3
11.º	Aloisio Russo	5,9	5,7	6,0	5,1	5,9	6,5	8,0	5,8	6,6	6,2
12.º	Delorges Dias Prazeres	5,2	4,5	4,1	5,1	7,3	4,8	9,3	6,6	8,3	6,1
13.º	Carlos Alberto S. Barbosa	4,0	5,4	4,7	6,6	6,4	5,2	9,4	4,8	8,1	6,1
14.º	Adalberto Cantalice	4,3	6,4	4,7	5,1	8,6	6,6	7,4	4,3	5,7	6,0

DEPENDENTES DE 2.ª EPOCA

Carlos Marx Filho	4,8	6,8	7,5	6,5	6,8	—	9,8	5,8	6,3	6,5
Carlos Lucio Boente	5,4	4,9	—	5,0	6,8	5,8	9,8	6,2	8,2	6,1
Aparticio Moreira de Souza	6,2	5,0	4,8	—	6,2	5,8	9,2	5,0	7,8	5,9
Antonio A. Valente Andrade	6,5	—	4,1	4,6	7,1	—	9,8	5,5	7,6	5,9
Carlos Alberto Reis	5,5	5,3	4,9	—	7,0	5,5	7,8	5,1	6,5	5,7
Carlos Alberto S. Gonçalves	4,7	5,5	4,5	4,0	7,0	—	9,2	6,0	6,3	5,7
Celso Vieira de Melo	5,1	4,7	—	—	6,0	7,3	9,0	4,0	7,7	5,6

Inabilitados: 2.

Classificação	CURSO GINASIAL										MÉDIA
	1.ª série B										
Resultados Finais											
Português	Português	Latim	Francês	Matemática	História	Geografia	T. Manuais	Desenho	Canto Orfeônico		

ALUNOS HABILITADOS

1.º João Carlos Alexim	6,9	8,7	7,4	8,2	8,0	8,8	9,0	7,5	9,8	8,3
2.º Lucil Baptista Salgado	5,1	5,4	6,7	5,5	6,2	6,5	10	7,0	0,5	0,9
3.º Fernando Arnon	5,6	5,6	6,6	5,2	5,2	5,6	9,0	7,1	7,2	0,9
4.º Jorge Benildo Reis	5,3	6,5	5,4	5,1	6,0	4,1	9,0	5,7	9,7	0,3
5.º Luiz A. Sampaio Gonçalves	5,0	4,9	5,2	5,1	6,0	5,2	8,6	8,4	6,7	0,1
6.º Leathy Ubirajara Dantas	5,4	6,9	5,6	5,5	6,2	4,1	7,3	5,9	7,5	6,0
7.º José Lobão Bezerra Filho	5,1	4,3	4,4	6,4	6,4	4,4	9,6	5,2	6,7	5,8
8.º Francisco Lopes de O. Araujo	4,0	4,7	5,2	4,6	5,2	4,3	9,4	5,9	5,8	5,5

DEPENDENTES DE 2.ª EPOCA OU DE 2.ª CHAMADA

José L. Gomes Brito Fernandes	4,7	5,4	—	6,8	5,0	6,2	5,2	7,8	9,3	6,3
Edison Martins Fadiga	4,7	4,1	4,2	—	5,8	4,9	9,6	8,9	9,1	6,1
Joel de Mello	4,6	—	4,5	4,7	5,9	6,6	9,3	7,9	7,9	0,1
Isaírd Campelo Filho	5,2	5,0	5,2	—	6,6	4,7	9,2	7,7	0,5	5,9
José Luiz de Almeida	4,9	4,5	—	5,5	4,9	—	9,6	6,6	8,8	5,8
José Baimba	5,7	4,6	—	4,0	4,9	6,0	9,2	6,9	0,8	5,7
José Vieira Pinto Junior	5,4	—	5,0	4,0	5,0	—	9,8	6,9	7,0	5,6
Ivan da Cunha Reis	—	4,1	—	5,0	6,4	4,9	8,4	5,8	9,2	5,6
Hélio Ferreira C. dos Santos	8,4	6,7	7,4	8,7	7,3	—	9,0	5,6	—	—

Inabilitados: 3.

Classificação	CURSO GINASIAL										MÉDIA
	1.ª série C										
Resultados Finais											
Português	Português	Latim	Francês	Matemática	História	Geografia	T. Manuais	Desenho	Canto Orfeônico		

ALUNOS HABILITADOS

1.º Oullon Nery	6,9	7,0	6,5	8,5	8,1	7,2	9,4	8,9	9,9	8,0
2.º Targino Rezende	6,8	8,6	8,1	7,9	9,6	7,5	9,7	7,5	6,7	8,0
3.º Newton Prado	8,9	6,8	6,0	7,8	9,0	7,8	9,6	7,9	7,5	7,9
4.º Roberto Aminger	7,3	6,5	5,6	6,3	8,5	6,9	9,8	8,4	7,4	7,4
5.º Pinho Brasil Santo	5,9	5,6	5,2	7,7	8,1	6,2	9,8	9,5	6,8	7,2
6.º Ronald J. Matos Vitória	6,9	7,4	7,3	5,9	7,6	6,3	5,9	6,4	7,0	7,2
7.º Marco de Freitas Penna	6,5	5,6	5,6	7,0	8,5	5,5	8,1	8,1	7,1	7,0
8.º Nilton Paratita	7,0	6,6	6,6	7,1	8,0	5,2	8,6	5,9	7,9	7,0
9.º Luiz Carlos B. do Amaral	5,1	5,9	4,5	5,5	6,6	5,9	9,9	9,2	7,0	6,7
10.º Walter E. do Amaral Fernandes	6,7	4,4	4,4	7,4	7,4	6,5	9,2	5,5	7,0	6,5
11.º Sebastião Santos Junior	5,6	5,0	5,0	5,1	7,2	5,3	9,4	9,0	6,9	6,5
12.º Raymundo G. Bruno Madeira	5,6	4,1	4,9	7,1	7,4	5,3	9,6	6,7	7,3	6,4
13.º Sebastião Esteves Alpha	5,0	4,6	5,1	6,3	6,1	5,4	8,6	7,5	7,1	0,2
14.º Wilson Dias Lacerte	6,3	4,5	4,3	6,5	6,9	5,5	9,6	5,1	7,0	6,2
15.º Mauro Oberg	5,9	5,5	5,4	5,6	7,2	5,2	9,1	4,8	6,2	6,1

DEPENDENTES DE 2.ª EPOCA OU DE 2.ª CHAMADA

Paulo Moreira	6,4	5,5	5,4	7,2	7,8	—	9,7	7,6	7,5	6,7
* Otálgis Francisco Soledade	5,4	4,9	4,3	4,9	7,2	—	9,6	9,6	6,7	6,3
Paulo Alves Alvarenga	6,1	4,2	4,5	4,7	6,5	—	9,8	9,4	7,5	6,3
Waldir Antunes Luiz	4,2	4,3	—	4,2	6,7	6,5	9,7	8,4	7,2	6,1
Nelson Oliveira Santos	4,2	4,0	—	4,1	5,9	5,1	8,4	4,1	7,1	5,2
Mário Domingos Soares	6,2	—	7,6	—	9,2	5,1	9,7	7,3	7,6	—
Marcus Augustus Barreto	4,5	5,0	4,8	—	8,0	4,1	8,3	4,9	7,7	—

Inabilitados: 0 (nenhum).

Classificação	CURSO GINASIAL										MÉDIA
	2.ª SÉRIE A										
Resultados Finais											
	Português	Latim	Francês	Inglês	Matemática	História	Geografia	T. Manuais	Desenho	Canto Orfeônico	

ALUNOS HABILITADOS

1.º	Frederico Jesell Nunes Ribeiro	7,3	8,0	6,0	6,8	7,2	8,4	6,9	10	9,1	8,7	7,8
2.º	Amaury Mathias Raposo	8,8	7,6	8,3	7,5	6,8	8,4	5,6	9,5	6,2	8,0	7,7
3.º	Emanuel Dimitri G. Hasakewitch	6,8	6,7	7,5	6,8	6,2	9,3	6,0	9,9	8,4	8,2	7,6
4.º	Antonio da Silva Figueiredo Neto	7,3	7,8	7,1	6,9	6,1	7,4	4,7	9,9	9,1	9,4	7,6
5.º	Haroldo Marques Pereira	8,8	6,0	7,7	9,2	7,1	7,6	5,1	8,9	6,2	7,9	7,4
6.º	Gilberto de Menezes Amado	7,2	7,4	7,4	8,5	6,7	7,1	5,7	8,3	7,1	7,7	7,3
7.º	Carlos Alberto de C. Gama	7,3	6,5	6,3	5,1	7,1	8,5	6,6	9,6	7,0	8,5	7,3
8.º	Amaury Coelho Braz	6,3	6,1	6,7	5,2	6,1	7,4	5,5	9,9	7,3	9,0	7,0
9.º	Serfio Balha	7,7	6,1	4,6	5,6	6,6	7,2	6,8	9,4	7,3	7,1	6,8
10.º	Alex Fortino	6,8	5,6	7,0	4,9	6,7	6,8	5,6	9,9	7,0	7,6	6,8
11.º	Carlos Peres Bouzada	8,0	5,6	6,3	5,9	5,2	6,7	4,9	10	6,2	8,8	6,8
12.º	Gilmaro Dantas Nascimento	6,5	6,9	6,1	4,3	5,6	8,1	4,1	8,8	6,2	9,2	6,6
13.º	Guilherme Gouveia Filho	6,2	5,8	4,6	4,2	5,6	8,3	5,8	9,0	6,3	8,3	6,4
14.º	Antonio Aug. Dunshede Abrantes	6,6	7,3	5,0	4,5	5,5	5,1	4,0	9,9	6,5	8,8	6,3
15.º	Edison Vieira de Lima	6,0	5,7	5,3	4,7	5,2	6,3	5,5	8,5	5,5	6,4	5,9
16.º	Oswaldo Farias de S. Junior	4,9	5,5	5,7	4,7	5,4	5,9	4,0	9,0	4,9	8,8	5,9

DEPENDENTES DE 2.ª ÉPOCA

Cid Alvares de Azevedo	7,7	7,1	4,6	—	5,6	8,6	5,5	9,7	6,7	7,9	6,7
Emanuel Martins da Silva	4,6	5,3	—	—	4,9	5,7	6,0	10	7,5	7,8	5,8
Darcy Rodrigues	6,0	5,5	6,3	—	4,1	6,0	—	5,0	6,9	7,6	6,8
Aldo Soares de Andrade	4,4	5,3	4,4	—	5,0	7,2	—	9,8	6,8	6,6	5,6
Alonso Abunbosa Filho	6,6	5,8	4,6	—	—	5,7	4,4	9,3	6,2	6,8	5,5
Amaury Trindade	5,2	4,8	4,0	—	4,7	6,3	5,8	8,6	4,6	6,8	5,4
Helmut Aminger	5,1	7,3	5,9	4,4	6,6	5,4	6,7	—	8,1	7,6	—

Inabilitados: 0 (nenhum).

Classificação	CURSO GINASIAL										MÉDIA
	2.ª SÉRIE B										
Resultados Finais											
	Português	Latim	Francês	Inglês	Matemática	História	Geografia	T. Manuais	Desenho	Canto Orfeônico	

ALUNOS HABILITADOS

1.º	José Carlos U. Queidino	7,1	7,2	8,0	8,3	8,0	9,6	6,3	10	9,0	9,6	8,4
2.º	Lauro Augusto Cardoso Pinheiro	6,8	6,3	7,1	8,0	9,3	9,4	5,6	9,2	9,7	8,3	8,0
3.º	Maurício Tavora Neto	7,8	6,5	7,5	7,2	8,1	9,0	6,0	9,8	8,3	8,2	7,9
4.º	Nelson de Souza Rodrigues	6,9	7,3	7,0	5,9	6,9	8,5	6,2	9,7	6,9	8,9	7,5
5.º	Jolo Rodolfo Ribeiro Gonçalves	6,9	6,9	7,1	8,2	8,7	4,9	8,4	7,2	9,5	7,5	—
6.º	José Carlos Cavalcanti Pa-dilha	7,5	5,3	6,2	5,5	7,1	9,4	5,7	8,9	9,2	9,3	7,4
7.º	Jerke Ribeiro G. da Silva	6,4	5,4	6,5	7,4	5,6	9,1	5,6	9,0	7,1	9,6	7,2
8.º	José Augusto D. Palimundo	5,6	5,0	5,9	5,4	5,5	8,8	5,8	10	9,1	9,8	7,1
9.º	Jorge Jaquim	5,4	6,3	7,5	6,3	6,4	7,5	5,2	10	5,1	9,5	6,9
10.º	Jerônimo Rodrigues Alves	5,3	6,5	7,8	6,3	4,3	8,1	5,0	8,7	6,9	8,9	6,8
11.º	José Walter Antunes Luliz	5,3	6,5	7,8	6,3	4,3	8,1	5,0	8,7	6,9	8,9	6,8
12.º	Hilton Leite	5,5	6,0	7,1	5,8	6,7	6,1	5,1	8,9	6,7	8,6	6,7
13.º	Jolo Machado Ribeiro	5,5	5,5	6,0	5,9	5,6	8,0	5,0	9,1	8,0	7,9	6,7
14.º	Lucillo Albino Gomes	4,6	5,8	5,3	4,6	6,0	6,2	5,1	10	7,4	7,6	6,3

DEPENDENTES DE 2.ª ÉPOCA

Jolo Batista Bonaventura Nola	6,5	7,3	8,4	8,6	—	8,6	6,1	7,6	6,6	8,2	7,1
Julio Angelo de Lucena	6,4	5,3	7,3	6,2	—	5,7	6,3	9,5	5,7	10	6,0
Jolo Roberto da P. Nabuco	7,5	4,4	6,7	7,6	—	8,8	4,5	7,8	5,5	8,6	6,5
Joel Ramos Moreira	7,1	—	5,1	4,5	4,2	0,1	6,3	7,4	5,7	7,2	6,0
José Gomes Ferreira	6,3	5,7	6,0	4,6	4,5	6,4	—	8,8	6,9	7,1	6,0
Jonas Pacheco Carlos	5,5	4,7	5,2	5,3	5,0	4,8	—	9,5	5,4	6,6	5,6
Sergio Cardoso da Costa	4,7	4,4	4,4	5,3	—	5,2	5,2	8,6	5,1	6,8	5,6

Inabilitados: 2.

Classificação	CURSO GINASIAL										MEDIA
	2.ª série C Resultados finais										
Português											
Latim											
Francês											
Inglês											
Matemática											
História											
Geografia											
T. Manuais											
Desenho											
Canto Orfeônico											

ALUNOS HABILITADOS

1.º	Sergio Viniclus T. Rogati	7.2	9.5	9.4	10	9.6	9.3	7.1	10	7.6	8.2	8.8
2.º	Rubens Moreira Theobers	9.0	7.4	9.4	9.9	7.2	9.4	8.5	9.6	9.2	7.9	8.8
3.º	Roberto Prince Lauria	7.4	7.4	8.4	9.3	7.3	8.8	7.1	10	7.6	8.0	8.1
4.º	Victor Pacheco Mota	6.6	7.0	8.1	7.5	8.2	9.7	8.3	9.2	9.9	9.2	8.1
5.º	Wilson Carneiro Cavalcanti	7.1	6.7	7.1	7.3	7.8	8.7	5.9	10	7.2	7.5	7.5
6.º	Sergio Pinheiro Soares	5.7	7.6	5.1	6.2	7.1	9.1	6.9	10	6.9	7.6	7.2
7.º	Walter Ribeiro	6.7	6.0	7.4	6.1	6.3	8.7	6.6	9.3	6.9	7.3	7.1
8.º	Waldemar Azevedo	7.1	7.5	8.5	5.2	5.5	7.7	5.7	8.7	6.2	7.5	7.0
9.º	Sebastião de Souza Moreira	4.3	7.5	4.9	6.5	5.4	7.3	7.5	9.7	7.0	7.2	6.7
10.º	Renato Sardinha Aguiar	6.9	5.4	5.6	5.4	5.2	7.3	6.2	9.2	6.1	8.3	6.6
11.º	Nilton dos Santos Salgado	4.4	6.7	5.0	4.7	4.5	7.1	5.7	10.0	8.5	7.9	6.5
12.º	Hildebrando Verissimo	5.6	5.9	5.8	5.4	5.9	7.7	5.5	8.0	5.0	9.4	6.4
13.º	Paulo Teixeira de Melo	4.0	5.4	6.0	5.0	4.7	6.1	4.8	8.7	7.1	7.9	6.0
14.º	René Moreira da Costa Lima	5.1	5.4	5.5	4.5	4.8	5.7	4.7	9.2	6.3	7.1	5.8

DEPENDENTES DE 2.ª EPOCA OU DE 2.ª CHAMADA

Nilton Barros Xavier	—	6.1	6.5	4.7	4.1	6.6	6.2	9.8	8.1	8.0	6.6
Sebastião Luiz Kelmer	—	5.8	4.2	4.4	4.4	6.9	5.1	9.6	6.6	7.4	5.8
Pedro da Costa Doria Junior	4.3	5.2	—	5.2	4.5	5.5	4.8	9.4	6.2	8.1	5.7
Sylvio Roberto F. da Silva	—	4.1	4.9	5.0	—	4.7	5.7	4.1	9.3	7.3	5.7
Valmir Alves Dantas	—	5.1	5.0	—	4.8	5.6	4.8	10	6.4	7.2	5.6
Otávio Sodré Ferreira	5.3	5.9	4.3	—	5.5	5.6	—	9.3	5.6	7.4	—

Inabilitados: 2.

Classificação	CURSO GINASIAL										MEDIA
	3.ª série A Resultados finais										
Português											
Latim											
Francês											
Inglês											
Matemática											
Ciências											
História											
Geografia											
Desenho											
Canto											

ALUNOS HABILITADOS

1.º	Arthur Eugenio Ferreira de Mesquita	8.6	7.4	7.8	8.4	9.1	8.6	9.9	7.7	8.2	9.4	8.5
2.º	Ivanlio Flauto	7.9	8.3	9.1	9.2	7.9	6.0	9.6	7.4	6.1	8.6	8.0
3.º	Guilherme da Cunha	7.3	6.1	8.8	9.4	5.2	8.8	9.3	7.5	6.7	9.0	7.8
4.º	Caramuru Ferreira de Souza	7.8	7.3	6.7	7.4	8.1	7.4	8.7	6.1	7.7	8.1	7.5
5.º	Francisco Xavier Bastos do Amiral	7.0	6.3	7.5	8.5	7.6	7.1	8.7	6.8	7.8	7.5	7.5
6.º	George Domingues de Gusmão	6.4	6.8	7.1	6.9	9.2	7.5	9.3	5.7	7.1	8.1	7.4
7.º	Adenir Ubratan Aceti	5.8	6.4	5.7	6.9	5.4	7.5	8.0	5.9	8.6	9.5	7.0
8.º	Carlos Lager	4.6	5.8	6.8	8.1	6.2	7.3	9.1	5.2	7.2	9.3	7.0
9.º	Helio de Carvalho Weitzer	5.7	5.6	5.3	8.0	5.3	7.0	9.0	6.9	6.1	9.1	6.9
10.º	Hildebrando Carvalho de Azevedo	4.7	5.4	6.1	6.8	6.0	7.7	8.7	5.0	6.6	8.5	6.6
11.º	Glison Barbosa Gama	4.9	5.1	5.4	7.2	5.3	7.9	8.4	5.9	7.0	7.8	6.4
12.º	Jorge Alberto dos Santos	6.3	4.4	5.1	7.7	4.4	6.8	9.0	5.1	6.0	8.1	6.4
13.º	Eurides Cesar de Mattos	4.1	4.5	5.4	6.1	5.9	7.0	8.3	5.3	4.6	8.6	6.1
14.º	Carlos Baronto Sempão	4.8	4.2	5.4	4.3	4.1	6.1	7.6	4.9	4.8	6.0	5.2

DEPENDENTES DE 2.ª EPOCA

Helio Rocha Fonseca	5.8	4.0	—	4.8	5.7	4.7	7.8	4.4	6.3	8.2	5.4
João Eduardo A. P. da Costa	4.6	4.0	5.2	5.2	4.5	6.5	7.8	—	5.1	7.5	5.3
João Ramalho	4.2	—	4.0	5.8	5.0	5.7	7.2	4.7	4.9	7.7	5.3

Inabilitados: 3.

Classificação	CURSO GINASIAL 4. ^a SÉRIE A Resultados finais									
	Português	Latim	Francês	Inglês	Matemática	Ciências	História	Geografia	Desenho	Canto Orfeônico

ALUNOS HABILITADOS

1. ^o	Domício Proença Filho	9.0	8.5	6.9	8.0	7.6	7.4	9.3	8.1	9.1	10.0	8.4
2. ^o	José C. Austregesilo De Athayde	7.4	7.8	8.0	8.4	7.5	9.2	7.7	7.8	8.4	9.3	8.2
3. ^o	Arnanis Tavares da Silva	7.7	7.4	7.7	7.1	5.6	7.4	9.7	8.3	9.6	9.6	8.0
4. ^o	Genalio Luiz Ferreira	6.9	7.2	9.6	7.7	5.6	8.4	9.5	7.6	7.6	9.0	7.9
5. ^o	José de Almeida	6.8	7.6	6.3	6.0	5.6	7.2	8.3	8.4	8.7	9.8	7.5
6. ^o	Alberto de Mafelros	6.4	5.7	7.1	8.4	4.0	6.3	9.3	8.2	8.6	9.2	7.4
7. ^o	João Batista B. Teixeira	6.3	6.2	6.3	6.0	4.8	8.2	9.3	8.0	9.4	9.0	7.4
8. ^o	George de Patena Souza	6.2	5.4	6.2	6.7	5.5	7.8	9.0	8.3	7.0	9.6	7.2
9. ^o	Hezilo Leal Silva	6.9	5.8	4.3	5.3	8.5	8.2	7.1	7.5	8.7	9.4	7.2
9. ^o	José Carlos Braga Teixeira	5.9	6.0	5.3	5.5	4.3	7.5	8.3	8.1	8.0	9.8	6.9
9. ^o	José Carlos da Luz	5.8	6.1	6.7	6.4	4.5	6.3	8.1	6.8	8.0	10.0	6.0
10. ^o	Deleio Luiz Cardoso	5.0	6.3	6.3	5.0	4.9	6.3	7.2	7.0	9.2	9.2	6.6
11. ^o	Antonio de Oliveira	4.7	5.7	5.0	5.3	4.5	5.4	8.2	7.1	7.5	8.7	6.2
12. ^o	Heroldo Vieira Jahrelis	5.6	5.2	4.3	5.8	4.4	4.8	8.2	7.2	8.0	8.5	6.2
13. ^o	Dioneres da Costa Cavali carui	4.0	5.1	5.4	4.9	4.2	7.5	6.8	7.6	7.1	9.3	6.2
14. ^o	Jair Chlachio	5.3	5.6	5.2	4.5	4.7	5.3	8.1	6.5	5.7	8.8	6.0

DEPENDENTES DE 2.^a EPOCA

Gastaldo Aldo Edson	6.2	4.4	4.1	4.1	—	6.8	7.5	6.7	7.6	9.4	6.0
Cesar Norqueira Grillo	5.1	4.9	6.0	5.0	—	6.1	6.1	7.9	6.4	9.1	6.0
Jório de Oliveira	6.9	4.6	6.0	5.1	—	4.7	7.0	7.0	6.2	8.5	5.9
Jayme J. da Costa Barreiros	5.3	5.5	4.4	4.0	—	4.3	6.7	7.3	7.0	8.8	5.6

Inabilitado: 1

Classificação	CURSO GINASIAL 3. ^a SÉRIE B Resultados finais									
	Português	Latim	Francês	Inglês	Matemática	Ciências	História	Geografia	Desenho	Canto Orfeônico

ALUNOS HABILITADOS

1. ^o	Rui Barcelos Capell	7.9	7.6	7.2	9.5	8.5	8.1	9.3	8.0	8.2	8.1	8.2
2. ^o	Ney Maranhá Henriques S. Brandão	6.1	6.0	5.1	6.8	6.4	8.0	8.7	7.9	8.1	7.7	7.1
3. ^o	Vicente Francimar de Oliveira	7.1	6.3	6.0	8.0	4.2	5.2	9.2	6.7	6.5	8.4	7.1
4. ^o	Marcus Cavalcanti Nobrega	4.9	5.2	6.3	7.5	6.7	7.1	8.7	8.4	8.1	7.6	7.1
5. ^o	Ney Ramos Moreira	7.3	4.7	7.7	8.1	5.2	6.6	8.7	6.9	7.2	7.7	7.0
6. ^o	Luiz Ortolani	5.0	4.8	6.0	8.9	4.3	6.5	7.9	7.0	7.0	8.3	6.6
7. ^o	Reinaldo Correia Bispo	4.1	4.0	4.9	4.9	4.5	5.3	8.2	6.4	8.5	10	6.1
8. ^o	Ruben Sekkas Filho	4.5	4.6	5.0	6.3	5.1	5.8	7.7	6.8	7.7	7.4	6.1
9. ^o	Rui de Almeida	4.3	4.8	5.7	5.7	4.4	6.0	8.1	6.9	6.6	8.3	6.1
10. ^o	Luiz António Reis	4.0	5.0	4.2	5.4	5.2	5.5	8.7	6.8	7.2	7.6	5.9
11. ^o	Luiz Fernando R. de Siqueira	4.2	4.5	6.1	7.1	6.3	4.7	6.7	5.1	6.4	7.5	5.9
12. ^o	Marcello Marques de Aranda	4.2	4.9	4.2	5.2	4.5	6.1	6.9	6.0	5.3	7.9	5.5

DEPENDENTES DE 2.^a EPOCA

Ramiro Yolande Machado	4.9	5.9	6.5	6.8	—	8.5	7.6	7.4	7.5	8.3	6.7
Rogério Gonçalves Landeiro	3.8	—	5.2	6.8	5.2	5.4	7.2	6.2	7.3	9.3	6.2
Lenio Meloço Silva	—	4.1	4.5	5.7	—	6.4	7.6	6.1	8.2	7.9	5.8
Waldino Cardoso Junior	5.3	4.5	5.0	6.5	—	5.1	7.8	5.8	5.6	8.0	5.7
Severino Arraujo Machado	4.0	—	5.6	5.1	—	4.3	8.4	6.5	7.2	8.6	5.7
Renato Borges Delgado	4.6	4.7	—	5.4	6.3	6.0	7.0	—	7.6	7.8	5.7

Inabilitados: 0 (nenhum).

Classificação	CURSO CIENTIFICO										
	1.ª série B Resultados finais										
Português											
Francês											
Inglês											
Espanhol											
Matemática											
Física											
Química											
História Geral											
Geografia											
Desenho											
MEDIA											

ALUNOS HABILITADOS

1.º Wilson Lima das Chagas...	8,9	7,0	6,8	5,8	6,7	7,6	8,2	9,4	7,0	4,4	7,5
2.º Ary Fernandes de Araújo...	7,6	7,6	5,5	5,3	7,1	9,6	7,9	8,5	0,6	5,0	7,4
3.º Antônio Orlando S. Machado	8,3	8,0	7,3	8,2	5,4	7,4	6,1	5,5	6,4	8,4	7,4
4.º José Augusto Moraes e Araújo	5,4	4,1	5,5	5,1	4,7	6,5	6,4	6,8	5,5	6,7	6,0
5.º Alberto Maia Coy	4,5	4,6	5,2	5,0	4,0	5,1	7,1	6,4	5,1	6,0	5,6

DEPENDENTES DE 2.ª EPOCA

Vivone Italo Ufo	5,3	—	5,9	5,1	—	4,7	4,2	7,4	5,2	6,1	5,3
Joaquim Lopes Afonso	5,5	6,4	4,5	7,4	—	5,2	4,2	7,1	5,0	—	5,2
Luliz Carlos Galzans Falcon	5,7	4,9	4,0	6,5	—	5,3	—	9,0	5,5	4,5	5,1

Inabilitados: 11.

Classificação	CURSO CIENTIFICO										
	2.ª série A Resultados finais										
Português											
Francês											
Inglês											
Matemática											
Física											
Química											
História Geral											
Geografia Geral											
História Natural											
Desenho											
MEDIA											

ALUNOS HABILITADOS

1.º José Carlos de Sousa Gonçalves	5,6	5,6	6,0	4,9	6,0	5,3	7,3	6,3	4,4	9,2	6,1
2.º Helecio dos Santos Macedo	5,6	5,5	6,5	4,2	5,8	5,2	8,9	5,7	5,9	4,0	5,7

DEPENDENTES DE 2.ª EPOCA OU DE 2.ª CHAMADA

Alina de Aquilar Mitez Junior	5,2	5,4	5,9	—	5,2	6,4	7,3	5,9	—	6,9	5,3
Oswaldo Luiz Cardoso	5,8	5,3	5,8	4,0	5,6	6,5	6,9	5,7	—	6,5	5,3
William Lancelme	5,4	5,7	5,6	4,7	5,8	5,3	7,2	5,7	—	6,9	5,3
Jorge Ferreira Gomes	6,3	5,2	6,4	—	5,8	4,7	5,6	4,9	—	6,4	5,0
Pedro Durão Abraham	4,4	5,5	6,2	4,8	6,2	5,2	6,8	5,5	—	4,0	5,0
Antônio Carlos Jevoux	6,0	7,4	5,9	—	5,5	4,6	7,7	6,9	—	4,5	—
Ailton Cristóvão dos Santos	4,7	5,5	5,9	—	4,7	—	7,8	6,2	—	4,2	—
Copaci de Sousa Cruz	5,5	5,4	6,5	—	5,2	—	5,8	4,2	—	4,7	—

Inabilitados: 2.

INTERNATO

Classificação	CURSO CLASSICO										
	2.ª SEME n										
Resultados finais											
Português											
Francês											
Inglês											
Matemática											
Física											
Química											
História Geral											
Geografia											
História Natural											
Desenho											
MEDIA											

ALUNOS HABILITADOS

1.º	Jecônias de Queiroz	6.9	8.6	7.4	5.1	8.4	8.4	8.9	7.6	8.9	6.2	7.3
2.º	Wagner Freire de O. e Silva	5.4	6.5	6.9	5.9	8.7	7.6	9.1	6.6	7.0	9.6	7.3
3.º	Walter José dos Santos	6.1	5.5	6.0	5.2	8.5	8.4	8.6	7.8	6.8	7.1	6.0
4.º	Waldyr Lima	5.2	5.6	7.5	4.9	5.9	5.9	8.3	5.0	5.5	5.9	6.0
5.º	Jorge Bastos de Melo	5.5	5.5	7.0	4.6	5.7	4.5	8.3	7.0	5.3	5.0	5.8

DEPENDENTES DE 2.ª EPOCA OU DE 2.ª CHAMADA

Jocé Benito R. Vianna dos Santos	4.3	4.6	6.7	4.5	5.4	4.5	8.3	5.7	—	5.2	5.3	—
Avlton de Figueiredo	4.9	5.1	5.0	4.4	5.2	4.6	9.3	5.7	—	4.9	—	—
Josmar Reis Gomes	7.6	6.4	6.5	—	6.7	6.0	9.2	6.5	5.6	7.7	—	—
Lailz Jorge de Azevedo Lobo	6.5	4.7	6.6	—	4.7	—	8.9	6.9	—	6.5	—	—
Nelson Normis Barreto	4.5	4.9	5.5	—	4.1	—	8.6	6.9	—	5.7	—	—

Inabilitados: 5.

INTERNATO

Classificação	CURSO CIENTIFICO											
	3.ª SEME n											
Resultados finais												
Português												
Matemática												
Física												
Química												
Hist. do Brasil												
Geog. do Brasil												
História Natural												
Filosofia												
Desenho												
MEDIA												

ALUNOS HABILITADOS

1.º	Francisco Mauro Dias	9.5	4.9	8.4	7.1	9.5	8.4	6.2	10	6.8	7.8	—
2.º	Enio Garcia Gouhart	7.2	4.7	9.0	5.7	8.9	6.8	5.4	7.7	9.8	7.2	—
3.º	Iury Barbosa da Silva	5.9	5.2	8.6	6.6	8.3	7.3	5.3	6.7	9.9	7.1	—
4.º	Melchior Tavares de Alcantara	6.5	6.0	8.2	4.2	8.8	6.3	5.2	5.7	5.2	6.6	—
5.º	Gilbert Carloso	6.3	4.8	9.8	5.9	8.0	6.2	5.5	6.9	6.3	6.5	—
6.º	Manuel Fernandes Filho	6.3	5.1	7.2	7.1	8.2	6.7	5.4	5.0	5.3	6.3	—
7.º	Júlio Ferreira Bentes	5.7	4.2	7.6	4.7	6.2	7.1	4.2	4.6	5.7	5.8	—

DEPENDENTES DE 2.ª EPOCA OU DE 2.ª CHAMADA

Jack Fernandes dos Santos	7.9	—	7.9	7.2	8.9	7.7	5.0	5.5	6.2	6.4	—	—
Acácio Lopes Quinhões	6.3	—	8.1	5.0	9.1	6.9	4.9	6.1	6.2	6.3	—	—
Ivo da Costa Cavalcanti	6.1	—	8.0	4.3	8.6	6.2	4.2	5.5	5.1	5.7	—	—
Marcy Valim de Freitas	9.0	—	6.5	4.3	9.7	6.9	—	6.4	5.9	—	—	—

Classificação	CURSO CLASSICO									
	1.ª SÉRIE									
Resultados finais										
	Português	Latim	Francês	Grego	Espanhol	Matemática	História Geral	Geografia Geral	MÉDIA	

DEPENDENTES DE 2.ª EPOCA

1.º	Ceiso Henrique Papini.....	6,1	4,4	7,6	8,7	8,4	—	6,1	5,3	6,3
2.º	Manuel de Souza Borges....	6,8	4,5	6,0	9,1	7,7	—	6,2	5,3	6,3

Inabilitado: 1.

Classificação	CURSO CLASSICO										
	2.ª SÉRIE										
Resultados finais											
	Português	Latim	Francês	Grego	Matemática	Física	Química	História Geral	Geografia Geral	Filosofia	MÉDIA

ALUNOS HABILITADOS

1.º	Ernando Pereira Althmann	5,9	4,8	7,5	8,1	4,4	7,2	7,2	9,0	5,6	5,9	6,7
2.º	José Yosen dos Santos Fonseca	5,5	5,8	7,8	6,5	5,4	6,4	5,5	6,8	6,3	4,4	6,2
3.º	Mário Jorge Corrêa dos Santos	5,6	5,5	7,0	6,6	4,8	6,1	5,6	7,6	6,6	5,9	6,1

Inabilitados: 0 (nenhum).